



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**RAYANE MARA CASSARO DE CARVALHO**

**HISTÓRIA LOCAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES  
VENDANOENSES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

**VITÓRIA  
2022**



mestrado profissional  
ppgmpe/ufes

**RAYANE MARA CASSARO DE CARVALHO**

**HISTÓRIA LOCAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES VENDANOVENSES:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Dissertação de Mestrado Profissional em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito, na linha de pesquisa “Docência e Gestão de Processos Educativos”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celi Frechiani Bitte

VITÓRIA  
2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

C331h Carvalho, Rayane Mara Cassaro de, 1996-  
História local na construção das identidades vendanovenses: :  
desafios e possibilidades / Rayane Mara Cassaro de Carvalho. -  
2022.  
130 f. : il.

Orientadora: Regina Celi Frechiani Bitte.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

I. história local. 2. história oral. I. Bitte, Regina Celi Frechiani.  
II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação.  
III. Título.

CDU: 37

---

**RAYANE MARA CASSARO DE CARVALHO**

**HISTÓRIA LOCAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES VENDANOVENSES:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Dissertação de Mestrado Profissional em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa “Docência e Gestão de Processos Educativos”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Aprovada em  
BANCA EXAMINADORA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
REGINA CELI FRECHIANI BITTE - SIAPE 1460180  
Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE  
Em 17/08/2022 às 07:53

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celi Frechiani Bitte**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
ALEXANDRO BRAGA VIEIRA - MATRÍCULA 2094211  
Coordenador - Coordenação do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação  
Em 26/08/2022 às 09:42

**Prof. Dr. Alexandro Braga Vieira**  
Universidade Federal do Espírito Santo



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MIRIA LUCIA LUIZ - SIAPE 3858921  
Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE  
Em 17/08/2022 às 22:41

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriã Lúcia Luiz**  
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente



**SONIA MARIA DOS SANTOS**  
Data: 25/08/2022 18:24:33-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos**  
Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente



**VILMAR JOSE BORGES**  
Data: 17/08/2022 10:59:39-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof. Dr. Vilmar José Borges**  
Aposentado

Dedico este trabalho a Deus,  
pelas bênçãos diárias; a ele, que me guia todos os dias, me dando calma e  
sabedoria.

A minha mãe,  
pelo amor, pelo carinho e por sempre acreditar em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou a primeira professora da minha família. Lembro do meu avô Francisco Cassaro me incentivando a ser professora. Para meu avô, que é analfabeto, o professor era a profissão mais importante que eu poderia escolher. Também lembro de um dos meus primeiros brinquedos, um quadro de giz, tenho ele guardado até hoje e nele aprendi a ler e a escrever. Apesar de tudo, eu só percebi que gostaria de ser professora no meu último ano do ensino médio, quando, de fato, me apaixonei pela disciplina de História. Por esse carinho pela disciplina, agradeço a minhas professoras de História de toda a educação básica e também a todos que encontrei ao longo da vida acadêmica.

Agradeço aos meus avós, por toda força e ajuda ao longo dos anos.

A toda minha família, que sempre esteve ao meu lado.

Aos meus amigos da vida, aos amigos que ganhei no mestrado, aos amigos de trabalho, obrigada por me ouvirem quando eu achava que iria enlouquecer.

Faltam-me palavras para agradecer a minha mãe, pois me emociono; as mais incríveis palavras não conseguiriam descrever o que ela representa para mim. Apenas, obrigada por tudo. Ela é a base, o motivo e a razão de todas as minhas vitórias.

A Deus, por sempre cuidar de tudo da forma mais preciosa. A Ele toda glória, toda honra e todo louvor. A Nossa Senhora, pela intercessão diária.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo; ao professor Dr. Alexandro Braga Vieira, coordenador do curso de Mestrado Profissional, e à turma Carolina Maria de Jesus, pela dedicação em fazer uma educação melhor, também pelo respeito e carinho com todos.

Aos professores de História Rodrigo Ferreira, Patrícia Pastori, Rafaela Caliman e Maria Helena Barbiero, que compartilharam seus saberes e fazeres para que suas experiências fizessem parte desta pesquisa.

Agradeço aos amigos Igor, Ângelo, Laylla, Thiago, Aline e Gênesis do grupo de pesquisa “Narrativas, memórias, saberes e fazeres de professores de Geografia e História na educação básica”. De forma virtual, enriqueceram meu trabalho com trocas de experiências e torcendo sempre um pelo outro.

Agradeço ao professor Dr. Vilmar José Borges, que, da forma mais humana possível, sempre despertou o melhor em todo nosso grupo de pesquisa. Agradeço a valiosa orientação e as palavras de afeto, por não desistir de mim e por ser um grande exemplo de profissional e ser humano.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Celi Frechiani Bitte, que tive a honra de ter como minha orientadora, externo muita gratidão, respeito e admiração pela pessoa incrível que me orientou com muita sabedoria, competência, comprometimento e respeito. Agradeço por construir comigo uma pesquisa que, com muitos desafios e lacunas, buscou fazer a diferença. Admiro a professora, a doutora, a mulher e a amiga com quem tive o privilégio de conviver.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriã Lúcia Luiz e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos pelas contribuições na qualificação que tentamos atender, na medida possível, no decorrer da escrita. O Prof. Dr. Alexandre Braga Vieira por ter aceito participar da defesa. Contribuições são sempre bem vindas.

À Virgínia Coeli Passos de Albuquerque, pela criteriosa correção ao analisar nossa escrita.

*DA MINHA ALDEIA*

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se  
pode ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como  
outra terra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...*

*Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste  
outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista  
à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso  
olhar para longe  
de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o  
que os nossos olhos  
nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única  
riqueza é ver.*

Alberto Caeiro



## RESUMO

O trabalho é um estudo voltado para o ensino de História com abordagem teórica na Nova História (BURKE, 1992). Objetiva analisar como os professores de História do ensino médio têm abordado a História Local de Venda Nova do Imigrante/ES, buscando pistas e sinais de outras culturas para além da imigração italiana que impactaram/impactam na formação cultural e identidades vendanovenses. O desenvolvimento da pesquisa buscou mapear as experiências dos docentes que atuam em Venda Nova do Imigrante, em quatro escolas que ofertam ensino médio, apoiando-se na metodologia de História Oral Temática (MEIHY, 1996, 2002, 2019); (DELGADO, 2006). O percurso aponta que trabalhar a História Local tem sido um desafio para os professores. Em suas narrativas, apontam desafios e possibilidades em trabalhar a História Local, principalmente quando se quer abordar as identidades, denunciando que os registros históricos privilegiam a cultura italiana em detrimento, da cultura negra, indígena e de outros migrantes. O trabalho abordou a história da História Local (GONÇALVES, 2007); (SCHMIDT, 2004, 2007), seus conceitos e seu espaço na sala de aula, para compreender como pode ser a mola propulsora no processo de ensino-aprendizagem na valorização das identidades (RUSEN, 2001) culturais vendanovenses.

Palavras-chaves: História Local. História Oral. Identidades. Venda Nova do Imigrante.

## **ABSTRACT**

The paper is a study focused on the teaching of history with a theoretical approach in New History (BURKE, 1992). It aims to analyze how high school history teachers have approached the Local History of Venda Nova do Imigrante - ES, looking for clues and signs of other cultures beyond Italian immigration that impacted/impacts on the cultural formation and identities of vendanovenses. The development of the research sought to map the experiences of teachers who work in Venda Nova do Imigrante, in four schools that offer the high school stage, based on the Thematic Oral History methodology (MEIHY, 1996, 2002, 2019); (DELGADO, 2006). The route points out that working with Local History has been a challenge for teachers. In their narratives, they point out challenges and possibilities in working on Local History, especially when one wants to approach identities, denouncing that historical records privilege Italian culture to the detriment of black, indigenous and other migrants. This work addressed the history of Local History (GONÇALVES, 2007); (SCHMIDT, 2004, 2007), its concepts and its space in the classroom, to understand how this can be the driving force in the teaching-learning process in the valorization of vendanovenses cultural identities (RUSEN, 2001).

Keywords: Local History. Oral History. Identities. Venda Nova do Imigrante.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planta da província do Espírito Santo .....	53
Figura 2 – Venda Nova do Imigrante e municípios integrantes de sua formação territorial .....	58
Figura 3 – Edição nº 98 – março/96 do jornal Folha da Terra .....	60
Figura 4 – Diário de Classe .....	65
Figura 5 – Cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Escola Fioravante Caliman .....	68

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos relevantes para a pesquisa e que se debruçaram sobre o ensino de História, encontrados na BDTD .....	30
Quadro 2 – Categorias de análise .....	32
Quadro 3 – História local e identidade .....	32
Quadro 4 – História local, memória e patrimônio .....	34
Quadro 5 – Metodologias para o trabalho da História Local em sala de aula .....	38

## LISTA DE SIGLAS

Afepol	Associação Festa da Polenta
AGB	Associação dos Geógrafos do Brasil
Alcies	Associação de Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo
Anpuh	Associação Nacional de História
ATMVNI	Associação Trevisani Del Mundo Venda Nova do Imigrante
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ES	Espírito Santo
IES	Instituição de Ensino Superior
Ifes	Instituto Federal do Espírito Santo
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação
Neabi	Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMVNI	Plano Municipal de Venda Nova do Imigrante
PR	Paraná
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFT	Universidade Federal de Tocantins
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unicentro	Universidade Estadual do Centro Oeste
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
VNI	Venda Nova do Imigrante

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 ENSINO DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS E DEBATE SOBRE HISTÓRIA LOCAL.....</b>	<b>24</b>
2.1 HISTÓRIA LOCAL: OBJETO DE ESTUDO DAS PESQUISAS EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL .....	28
2.2 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL .....	43
2.3 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO .....	47
<b>3 FORMAÇÃO E IDENTIDADES CULTURAIS DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE: O PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>50</b>
3.1 ESPÍRITO SANTO: COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA .....	50
<b>3.1.1 Colônia de Rio Novo: emancipação e criação da colônia de Castello .....</b>	<b>53</b>
<b>3.1.2 “La terra grassa”: terra de quem? .....</b>	<b>56</b>
3.2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE .....	61
<b>4 A HISTÓRIA LOCAL EM PROPOSTA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE .....</b>	<b>73</b>
4.1 DOCENTES E SUAS MEMÓRIAS SOBRE SUAS PRÁTICAS E SEUS SABERES: CONHECENDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS .....	75
4.2 PRÁTICA E EXPERIÊNCIAS: OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL.....	78
4.3 FUNDAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS E ABORDAGENS UTILIZADAS EM SALA DE AULA: AS IDENTIDADES VENDANOVENSES .....	85
4.4 ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE.....	90
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>

<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA PATRÍCIA PASTORI .....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODRIGO PASTE FERREIRA .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA RAFAELA LOPES CALIMAN.....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA HELENA MION BARBIERO .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO.....</b>	<b>128</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A dinâmica diária dos profissionais da escola básica no Brasil envolve burocracias e falta de investimento, um vasto currículo para ser aplicado em pouco tempo de aula, como a área de humanas, que no ensino médio transita entre uma e duas aulas semanais de cinquenta minutos. Entre várias problemáticas do ensino médio, o trabalho intitulado *História Local na construção das identidades vendanovenses: desafios e possibilidades* propõe uma reflexão sobre o espaço destinado à História Local no ensino médio, por uma perspectiva da disciplina de História, narrada por professores de escolas públicas e privadas, no intuito de buscar sinais e pistas que contribuam e evidenciem as potencialidades de desvelar outras culturas para além da imigração italiana na formação da identidade vendanovenses.

A gênese desta pesquisa está intimamente vinculada à minha formação educacional e cidadã. Em um exercício de reminiscência, voltei meu olhar para as histórias narradas pelas pessoas da comunidade e fiquei a refletir sobre a visão e a participação de cada um no meu processo de formação. Várias cenas povoaram a minha memória e me despertaram, desde muito cedo, um enorme interesse pela História e, em especial, pela História Local, somada a uma paixão por objetos e construções que, por si só, já contavam suas histórias. Por outro lado, outras questões me instigaram: e aqueles que não deixaram casarões ou objetos para contarem suas histórias? Tal interesse foi aumentando ao final do ensino médio e me levou a cursar Licenciatura em História para me tornar mais íntima de uma disciplina tão grandiosa.

Ao chegar no quinto período da graduação no Centro Universitário São Camilo, a disciplina “História do Espírito Santo” compunha o currículo — a única com a temática —; lembro-me que foi um misto de sentimentos: “Que ótimo! Adoro o tema” e “Por que nunca estudei a temática no ensino médio?” No que se refere à ausência da temática no ensino médio, pude compreender que a organização dos conteúdos, por um lado, visava à construção do saber escolar e, por outro lado, sua ênfase visava à execução de provas como o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), que, por propor uma avaliação nacional, apresenta em suas questões pouca ou nenhuma menção às histórias locais e regionais. Havia, também, as provas para atender às avaliações externas, ou seja, conteúdos que contemplassem a história regional e local eram



tangenciados. Quando dava tempo ou quando aparecia uma brecha, o professor trabalhava. Assim, durante minha formação no ensino médio, tive pouco contato com a história regional e local. Quando essa narrativa era trabalhada, se restringia à memorização de nomes e datas, distante da realidade em que eu vivia. Mesmo assim, não perdi o meu encantamento, não só pela disciplina História, mas pela História, mola-mestra da vida.

A partir de 2017, já me encontrava em sala de aula como professora do ensino fundamental, ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e me organizava para uma prática dinâmica, saindo do ensino tradicional do qual eu fiz parte como aluna. Eu queria cativar os discentes, mostrar algo novo, apresentar uma história próxima a eles, em que eles eram agentes; para isso, planejava as aulas, partindo da História Local para as abordagens históricas curriculares.

Nessa perspectiva, fui buscar materiais didáticos para fomentar meus discursos em sala de aula. Procurava por uma metodologia que partisse, sempre que possível, da História Local para compreensão da História Geral. Deparei com um imenso vazio de materiais didáticos sobre a História Local e Regional. Certamente vale destacar que inúmeras pesquisas científicas e produções de livros locais foram encontrados, porém, fracionados e com lacunas históricas.

As reflexões sobre a História Local se tornaram ponto fundamental para minhas preocupações e reflexões como professora e pesquisadora. Envolvida com projetos na escola e produções com alunos voltadas para a prática cultural, me propus a fazer uma leitura atenta sobre a Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC<sup>1</sup>), com o objetivo de identificar as abordagens em relação às temáticas locais. Busquei também ouvir os professores acerca de seus saberes e fazeres quando trabalham a disciplina de História, que, assim como eu, atuam no ensino médio.

---

<sup>1</sup> De caráter técnico e normativo, a BNCC do Ensino Médio é composta por 10 competências gerais e foi aprovada em dezembro de 2018. Está organizada por áreas de conhecimento, que são: 1) Linguagens e suas Tecnologias, 2) Matemática e suas Tecnologias, 3) Ciências da Natureza e suas Tecnologias, 4) Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Cada área tem suas competências específicas e habilidades que devem ser desenvolvidas e aprofundadas ao longo da etapa do Ensino Médio. Dividida entre as 3000 horas, 1200 horas são destinadas aos itinerários formativos e 1800 horas são destinadas às aprendizagens obrigatórias, entre as quais se contempla a disciplina de História que sofreu redução de carga horária, não estando mais presente nos três anos da etapa.

Ao fazer a leitura da BNCC, já na apresentação da versão final homologada, o então Ministro da Educação, Rossieli Soares da Silva, indica que

[...] após amplos debates com a sociedade e os educadores do Brasil, o **texto referente ao Ensino Médio possibilitará dar sequência ao trabalho de adequação dos currículos regionais** e das propostas pedagógicas das escolas públicas e particulares brasileiras iniciado quando da homologação da etapa até o 9º ano do Ensino Fundamental (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC], 2018, p. 5, grifo nosso)

A versão preliminar do Currículo do Espírito Santo 2020 – Etapa Ensino Médio, está dividida em duas partes: Formação Geral Básica, correspondendo a aprendizagens essenciais, conforme a BNCC, e Itinerários Formativos, constituída por componentes integradores e aprofundamentos. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que compõe a Formação Geral Básica, seguiu a definição da BNCC. Após consulta ao documento, buscamos localizar a adequação dos currículos regionais e as propostas pedagógicas tendo em vista as características locais e regionais (ESPÍRITO SANTO, 2020).

As especificidades regionais e culturais, bem como os conhecimentos locais, representam 40% do que foi estabelecido pela BNCC, entretanto, para aprofundar e contemplar os conceitos e temas locais, o Currículo do Espírito Santo foi definido a partir das categorias organizadas em grupos, acrescentando os seguintes campos temáticos: conhecimento, gênero, relações de poder, cidadania; adicionada a 5ª categoria: cultura e diversidade.

Nesse sentido, à medida que me aproximava dos espaços destinados ao trabalho da História Local, da valorização cultural regional, das abordagens e dos conceitos, ficavam evidentes as lacunas no cotidiano escolar. Essa percepção me levou a delimitar o foco de pesquisa: entender os conceitos de História Local, a contribuição para a vida do aluno, o papel da História Local no ensino de História e a maneira pela qual vinha sendo pensada por outros profissionais. Dessa forma, cheguei ao seguinte problema de investigação: quais abordagens da História Local de Venda Nova do Imigrante têm sido trabalhadas pelos professores de ensino médio? Qual a base dessa História?

Essa problemática buscou saberes e fazeres dos profissionais que carregam experiências em suas memórias e nos ajudou a formular o objetivo geral, que é

compreender como a História Local pode ser o *locus* para a construção da identidade e o exercício da cidadania dos estudantes.

Para alcançar o nosso objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos com o intuito de investigarmos nas narrativas dos professores práticas utilizadas durante o trabalho com a História Local:

- ✓ entender como a História Local está presente no ensino de História no ensino médio de Venda Nova do Imigrante, nas escolas públicas Fioravante Caliman e Instituto Federal, e nas escolas privadas Fundação Deolindo Perim e Coopeducar, Centro de educação e cultura saber;
- ✓ desvelar, a partir das narrativas de quatro professores, as contribuições da História Local na aprendizagem e na construção de identidade dos alunos;
- ✓ mapear e socializar práticas implementadas pelos professores para trabalharem a História Local dentro dos conteúdos curriculares de História;
- ✓ desenvolver um guia didático (*e-book*) com orientações da metodologia de História Oral e narrativas dos sujeitos entrevistados, com intuito de contribuir para potencializar o ensino de história visando a busca de identidades que compõem a história do município;

Em função do tema e das questões a ele referentes, para atingirmos os objetivos listados, foi adotada a metodologia da História Oral em diálogo com a pesquisa bibliográfica.

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por História viva. [...] a História Oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social (MEIHY, 1996, p. 13).

Thompson, por sua vez, afirma:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1998, p. 44).

A definição de metodologia de História Oral para esta pesquisa partiu pela busca de possíveis respostas por meio das narrativas de professores, voltando os olhares para

práticas, saberes e fazeres em sala de aula. Assim, tornou-se mais apropriado para este trabalho a modalidade de História Oral Temática.

Conforme Meihy e Holanda (2019), a história oral temática pressupõe a organização, elaboração de um projeto que justifica o ato da entrevista com o intuito de respaldar o andamento do processo investigativo. Ressaltam que ela gera documentos e possibilita de forma dialógica as discussões dos temas “a história oral temática é usada como metodologia ou técnica e, dado o foco temático precisado no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias” (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 38-39).

No hibridismo possibilitado por investigações com abordagem qualitativa, no âmbito das quais situa a história oral temática, concordamos com V. J. Borges e J. M. Borges (2021) que a especificidade do assunto trabalhado permite aplicações com certa flexão entre os entrevistados. Não é como um quebra-cabeças, não existem perguntas exatas que são feitas aguardando precisamente pelas respostas esperadas, a pesquisa qualitativa vai se construindo, ganhando forma à medida que cada passo é dado.

Assim, no âmbito da pesquisa com abordagem qualitativa, a constituição de fontes nos limites da História Oral apresenta ricas possibilidades. Esse potencial se acentua, principalmente, ao privilegiar o estabelecimento de técnicas e procedimentos de coleta, de registro, de salvaguarda, de controle e de estudo das informações orais a serem resgatadas pelos pesquisadores junto aos atores sociais que disponibilizam interpretações dos acontecimentos que vivenciaram, conforme salientam Bom Meihy (1996), Santos (2010), Delgado (2007), entre outros. (BORGES, V. J.; BORGES, J. M., 2021, p. 3).

De acordo com Delgado (2006), a História Oral pode ser construída através de fontes documentais, narrativas, testemunhos, versões e múltiplas interpretações da História, promovendo a formação de consciência histórica. Para Sukow (2019, p. 24), a consciência histórica corresponde às operações mentais pelas quais os seres humanos interpretam o passado de modo a entender o presente e projetar o futuro.

A História Oral permite que o silêncio imposto a determinados grupos ou pessoas possam ser desvelados e compartilhados com novas vivências e experiências “[...] se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente

‘como documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (THOMPSON, 1992, p. 138).

A opção por trabalhar com o ensino médio se deu em função do distanciamento e da possibilidade de retomada da História Local para além dos anos iniciais do ensino fundamental, momento em que essa História é trabalhada e, depois, quando muito, se torna apêndice da História Geral, além das minhas inquietações vividas na prática como professora da etapa de ensino citada.

Após definirmos a nossa abordagem metodológica, partimos para a delimitação dos sujeitos da nossa pesquisa: professores de História, atuantes no ensino médio da rede pública e privada de ensino do município de Venda Nova do Imigrante e que concordassem em participar. As escolas que ofertam o ensino médio em Venda Nova do Imigrante são quatro: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Fioravante Caliman, Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Venda Nova, ambas da rede pública; Escola Fundação Deolindo Perim e Centro de educação e cultura saber – Coopeducar, da rede privada. Assim, elegemos, como critério de seleção dos sujeitos colaboradores da nossa pesquisa, professores que atuam com a disciplina de História nas referidas escolas. Na seleção dos sujeitos colaboradores da pesquisa, observamos algumas diretrizes:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema. (ALBERTI, 2013, p. 40)

Ainda, para Meihy (2002), a História Oral pode ser feita a partir de uma única pessoa ou um grupo de pessoas pois “[...] cada depoimento para a história oral tem peso autônomo, ainda que se explique socialmente.” (MEIHY, 2002, p. 70). É possível perceber e identificar individualidades nos sujeitos a serem entrevistados que também são partilhadas por outras pessoas do grupo, segundo Meihy (2002, p. 70), pois “[...] é exatamente por equiparar histórias que tenham pontos em comuns que o recurso da história oral é positivo como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social. ” (MEIHY, 2002, p. 70).

Após a compreensão da História Oral, passamos a organizar o roteiro de entrevista. Tal momento exigiu muito de nossa atenção, pois “[...] o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória”, conforme ensinam Ferreira e Amado (1998 p.14-15), e esse testemunho é dado por meio das perguntas que se faz ao entrevistado. Por isso, é precioso o cuidado com as perguntas que vão compor o roteiro de entrevista.

Alberti (2004, p.162) sugere a elaboração de um roteiro geral, aplicado a todos os entrevistados, pois “[...] a unidade dada pelo roteiro geral permite que se identifiquem divergências, recorrências ou ainda concordâncias entre as diferentes versões obtidas ao longo da pesquisa, aprofundando-se as possibilidades de análise do acervo”. Por meio do roteiro geral, o pesquisador pode confrontar diferenças e comparar semelhanças, convergindo para a análise.

Ainda em relação às entrevistas, Thompson (1988) aduz que “[...] as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível e, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido, em geral, apenas uma de suas metades será respondida e, em geral, não ficará claro qual delas” (THOMPSON, 1988, p.260). Dessa forma, organizamos um roteiro de entrevista semiestruturada com as seguintes perguntas:

1. Qual seu nome, cidade em que nasceu e tempo de atuação na Educação Básica?
2. Fale sobre sua formação. Qual/quais curso/s de graduação, instituição e ano de formação? Após a graduação, fez alguma pós-graduação, mestrado, doutorado e cursos de formação continuada?
3. Com base em sua formação, qual o significado e a finalidade em trabalhar a História Local e Regional no ensino médio? Você trabalha com as abordagens locais? Se sim, como? (Relembrar algumas práticas).
4. O que você destacaria como manifestações culturais em Venda Nova do Imigrante?
5. Para trabalhar a história de Venda Nova do Imigrante, onde busca os conteúdos? Destacar as dificuldades e facilidades.

6. Quais conteúdos contempla ao trabalhar a história de Venda Nova do Imigrante? Qual/quais recurso/s didático/s utiliza? Qual/quais metodologia/s utiliza? Qual a importância do conteúdo trabalhado para o aluno.

Ao estabelecermos os critérios de seleção dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, nosso objetivo foi o de entrevistar professores que trabalham no ensino médio, perfazendo um quantitativo de quatro professores, um professor de cada uma das escolas de ensino médio de Venda Nova do Imigrante. Posto isso, entramos em contato com os professores para apresentar nossos objetivos da pesquisa. Aceitaram o desafio e participaram como colaboradores os professores:

- Patrícia Pastori, licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, com pós-graduação em História afro-brasileira e africana, Estudo profissional e técnico do IFES, História do Brasil e História do Espírito Santo. Atuante como professora desde 2006 e atualmente efetiva da rede estadual de ensino do Espírito Santo.
- Rodrigo Paste Ferreira, licenciado em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais, com pós-graduação em História Moderna e Contemporânea, mestrado em História Social das Relações Políticas e doutorado em História da Educação. Atuante como professor desde 1996 e atualmente efetivo no IFES.
- Rafaela Lopes Caliman, licenciada em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais, com complementação em Geografia pela São Camilo, pós-graduação em História e Cultura afro-brasileira, História do Brasil e História do Espírito Santo. Atua como professora há 23 anos e atualmente leciona na Escola Coopeducar, Centro de educação e cultura saber.
- Maria Helena Mion Barbiero, licenciada em História pela Universidade São Camilo, com complementação em História Social Geral. Atua como professora desde 1991 e desde 2010 na escola Fundação Deolindo Perim.

Em face do momento histórico que estamos vivenciando com a pandemia da Covid-19<sup>2</sup>, as entrevistas foram realizadas por videoconferência, utilizando-se da plataforma

---

<sup>2</sup> Atribuído pela Organização Mundial da Saúde, o nome Covid-19 refere-se à doença provocada pelo coronavírus SARS-COV-2, podendo causar infecções graves nas pessoas e alastrando-se facilmente entre os países.

virtual *Google Meet*<sup>3</sup>. Os entrevistados assinaram termo de compromisso e carta de cessão (ANEXO A). Todos concordaram com o critério de visibilidade e autorizaram os seus nomes na divulgação do texto da pesquisa.

Sendo assim, os professores agendaram datas e horários de acordo com a sua disponibilidade para a realização das entrevistas que foram gravadas e transcritas posteriormente. Após a transcrição, as entrevistas foram devolvidas aos professores para fazerem possíveis acréscimos ou retirar e corrigir o texto transcrito, caso julgassem necessário.

Da realização da pesquisa e das reflexões dela decorrentes, estruturou-se a presente dissertação, dividida em três partes. Na seção 2, intitulada *Ensino de História e a História Local: perspectivas historiográficas e debate sobre a História Local*, começamos o diálogo com diversos autores, referente à definição do conceito de História Local. Em seguida, buscamos a relação da História Local com a construção de identidade com o objetivo de identificar a relação ou não, conforme a bibliografia, a percepção do aluno em relação ao sentimento de pertença e de reconhecimento como sujeito histórico. Por último, realizamos um “estado do conhecimento” posterior à publicação da BNCC (2018), mapeando e refletindo sobre trabalhos que tinham como foco a História Local e a construção de identidade.

Na terceira seção, intitulada *Formação e identidade histórica cultural de Venda Nova do Imigrante e o percurso histórico da educação*, abordamos a História de Venda Nova do Imigrante desde o tempo da imigração até sua formação política, sem perder de vista o percurso histórico da educação, na construção da História Local.

Na seção 4 — *A História Local em propostas para o ensino de história em Venda Nova do Imigrante* —, procuramos mapear práticas e metodologias utilizadas pelos professores ao referenciar a História Local no contexto das aulas de história. Essas buscas visaram socializar práticas alternativas de ensino que possam contribuir para a prática docente, potencializando os espaços, a história e a memória local, criando conexões entre as perspectivas dos conteúdos, trabalhando a História Local como

---

<sup>3</sup> Trata-se de um aplicativo que permite vídeo chamadas, possibilitando reuniões e conferências a distância com a opção de gravação. Pode ser acessado no endereço eletrônico <https://meet.google.com/>.



instrumento de uma história plural, que dialogue com a história regional, mundial e global. A partir das narrativas docentes e da fundamentação teórica que sustenta nossas reflexões, elaboramos, como proposta didática para o ensino de História de Venda Nova do Imigrante, um *e-book*, no formato online, voltado para o ensino médio.

## 2 ENSINO DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS E DEBATE SOBRE HISTÓRIA LOCAL

Ao pensarmos no ensino de História na perspectiva local, é necessário refletir sobre o conceito de História Local. Ao iniciarmos nossas buscas, percebemos que há particularidades nas conceituações de “local” e que não há um consenso por parte dos historiadores que delimite tal conceito. Alguns historiadores na década de 1950 lançaram-se aos estudos de micro espaços e regiões. Segundo Sukow (2019, p. 31), “[...] dessa forma, surgia a História Local, ou História Regional como seria denominada posteriormente, como uma forma de lançar luz sobre os detalhes que haviam escapado das grandes explicações engendradas até então.”

O conceito de História Local não transita unicamente pelos temas de História, mas também se relaciona com os limites geográficos e as relações humanas que se modificam ao longo do tempo. Assim, buscamos suporte em outros estudos e no trabalho de Goubert (1988), cuja abordagem sobre a História Local nos permite voltar o olhar para a realidade local e interpretá-la como “[...] a história da sociedade como um todo, e não somente daqueles poucos que, felizes, a governavam, oprimiam e doutrinavam” (GOUBERT, 1988, p. 73). O autor abriu o caminho para possibilidades teórico-metodológicas de investigação no campo da História e outras áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, a escrita da História Local não deixa de reconhecer as especificidades do local em articulação com o regional, o nacional e o global. Além do mais,

[...] é importante observar que uma realidade local não contém em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se também pela relação com outras localidades, outros países, e, até mesmo, por processos históricos mais amplos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 112).

Assim, ao abordarmos a história de Venda Nova do Imigrante, apresentamos outras histórias, pois nem tudo o que acontece tem seu germe no lugar foco de estudo e de pesquisa. Os acontecimentos abordados podem ser fruto de outros lugares. Isso requer, seja do professor, seja do pesquisador, os cuidados com as diversas esferas espaciais existentes, conectando o local ao nacional e ao global, no tempo e no espaço.

O geógrafo Milton Santos realiza importante reflexão para a História Local, ao se dedicar ao estudo do espaço e aos conceitos dele decorrentes. Um desses conceitos é o de lugar “[...] que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam — ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas [...], mas que não tem autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas (SANTOS, 1991, p. 52). A partir da leitura, inferimos que, ao estudar a História Local, estamos falando do local como o espaço de experiências da vida e, por conseguinte, esse local se torna um lugar privilegiado para problematizar as relações homem/espaço. Também há aqueles pesquisadores mais recentes que interpretam a História Local como um conceito culturalmente construído, definidos não por limites geográficos, mas por costumes em comum (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Os debates traçados entre conceitos geográficos no âmbito da História Local influenciaram para a ascensão de mais debates geradores do tema durante a década de 1970. Até então, a História Local e Regional era vista como modalidade limitada a admiradores (SAMUEL, 1990) ou como recurso de registros de memórias (NEVES, 2008).

A inserção da História Local na disciplina escolar de História é herança do movimento historiográfico Escola dos Annales, que surgiu na França, durante a primeira metade do século XX, precisamente em 1929, com a organização de um grupo de pesquisadores que publicaram trabalhos no periódico francês *Annales D'Histoire Économique et Sociale* (Anais de História Econômica e Social).

Escola dos Annales é o nome atribuído ao grupo de intelectuais que se reuniu em torno da *Revue des Annales*. Destacou-se por ter sido uma das escolas historiográficas que auxiliou na expansão dos objetos de pesquisa da História, contribuindo também para a utilização de novas fontes e metodologias de investigação no campo historiográfico. Objetivando uma suposta renovação historiográfica, que superaria a ênfase no acontecimento (*événement*) e na História estritamente política, Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, criam a revista *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de História Econômica e Social). Além da renovação historiográfica, uma das preocupações da revista era ressaltar a interação entre as diferentes ciências humanas, em especial a História, a Sociologia e a Geografia (SUKOW, 2019, p. 113).

O movimento foi marcado pela defesa de novas abordagens históricas, visando superar a historiografia positivista que narrava as histórias dos heróis e apontavam que o historiador não deveria questionar documentos e fontes, apenas expor fontes

escritas. A Escola dos Annales dedicava-se aos estudos sociais e culturais, valorizando diferentes fontes.

Segundo Burke (1992), a Escola dos Annales passou por três gerações, cada qual com ênfase em um campo de pesquisa. O primeiro momento ficou marcado pela história econômica e social, dando destaque à história do coletivo, indo contra a história tradicional que destaca a história da elite, os heróis e todas as classes dominantes, defendendo uma nova abordagem histórica e visando superar uma historiografia positivista.

O segundo momento ou a segunda geração foi marcada pelo mundo pós guerra, que vivenciava o forte avanço industrial seguido do consumo e urbanização, defendendo uma geo-história. O historiador Braudel, um dos maiores historiadores do século XX, marcou a segunda geração apontando diferentes escalas para a produção narrativa de uma obra, especialmente no trabalho *O Mediterrâneo*, em que trabalhou escalas curta, média e longa duração. Desse modo, historiadores e estudiosos passaram a abordar o conceito de longa duração em monografias regionais, ou seja, recortes mais amplos como a história de tudo, legitimando o estudo amplo das possibilidades históricas (BARROS, 2012).

A Nova História, correspondente à terceira geração da Escola dos Annales, identifica-se após a chegada do historiador Jacques Le Goff na direção da revista em 1969. Essa fase dedicou-se ao acréscimo de fontes históricas cotidianas, a fim de combater o positivismo histórico, e de toda e qualquer atividade humana que anteriormente não se havia pensado possuírem história como “[...] a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo [...]” (BURKE, 1992, p. 11).

A terceira geração ampliou as possibilidades de pesquisa com novos campos, metodologias e sujeitos que anteriormente reproduzia uma história focada nas narrativas oficiais, reforçando as identidades nacionais e legitimando versões da história que contemplavam apenas os “vencedores”, colonizadores e governantes (DEMUNER, 2021, p. 39).

Não só como novidade para novos campos de pesquisa e análise histórica, a Nova História possibilitou investigar o cotidiano de grupos que até então eram deixados à

margem da História, como também possibilitou considerar “[...] a preocupação com a liberdade humana, juntamente com o interesse pela micro-história” (BURKE, 1992, p. 74).

O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las (BURKE, 1992, p. 90).

É nesse novo campo de pesquisa que a História Local passa a se engendrar, tendo em vista que os sujeitos produzem a História. Assim, Blaut (1993 *apud* MACEDO, 2017) recomenda revisar o conhecimento histórico produzido sobre o passado a partir de outros referenciais que fujam da lógica europeia, em outras palavras, os processos históricos desenvolvidos em esferas locais.

Desse modo, ao pensarmos no ensino de História Local, urge, em primeiro lugar, refletir sobre a História e a história do local em que estamos inseridos. Não se trata de afirmar o local como um espaço geográfico, mas sublinhar questões de diversidade cultural que caracterizem aquele espaço.

A História Local possui alto valor para o ensino e aprendizado nas escolas. Situar o aluno no seu contexto histórico-cultural é uma forma de incentivá-los a conhecer a história, investigar a memória e o patrimônio local. Este conhecimento também possibilita sugestões de melhorias e intervenções positivas na sociedade. (RAUBER; MORAIS, 2016, p. 1).

Ao contextualizar a importância do ensino de História Local e inserir o aluno nesse contexto, as possibilidades de criar e fortalecer as identidades locais tornam-se maiores, pois esse saber está diretamente ligado ao exercício da cidadania, contribuindo para que o estudante compreenda que sua realidade não está isolada no mundo e que ele é cidadão, pertencente a uma dimensão universal. Portanto, quando o aluno sente a história como algo próximo a ele, ela adquire outro significado na construção de identidades locais. Neste sentido, Rüsen (1992) propõe uma didática da História, em que se possa encetar um diálogo entre professor e aluno, cujo processo de aprendizagem tenha como ponto de partida a vivência desse aluno. Assim, no processo educativo, a construção de novos conhecimentos podem orientar a vida prática dos sujeitos. Conforme Rüsen, a preocupação com a didática da História vai

[...] além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história analisa agora todas as formas do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa (RÜSEN, 2006, p. 12)

Nessa mesma direção, Silva (2013) nos convida a pensar que não só a História Local, mas a História, ao ser trabalhada pelo professor, pode

[...] se distanciar da velha narrativa de um passado morto, sem significado para a maioria dos homens e mulheres do presente, [...] constituir um novo olhar histórico, onde o objeto de estudo se torne dinâmico, problematizador e mais próximo do pesquisador, conseqüentemente, possibilitando uma verdadeira relação entre o passado e o presente, que proporcione aos estudantes a elaboração de uma concepção crítica acerca do mundo em que vive, capaz de suscitar possíveis transformações na sociedade em que estão inseridos (SILVA, 2013, p. 5).

Podemos inferir pelos excertos de Rüsen (1992) e Silva (2013) que ambos se dedicam a pensar em um aprendizado que vai além da memorização, que implica adquirir conhecimentos do passado, mas com o objetivo de orientar situações reais da vida presente.

Mediante as potencialidades explícitas nas contribuições do diálogo com os autores que discutem a definição de História Local, com vistas ao aprendizado crítico e que sinalizam, por sua vez, para as possibilidades de voltar olhares para o cotidiano do aluno, justifica-se refletir sobre as abordagens que apresentam contribuições da História Local na constituição de identidades.

## 2.1 HISTÓRIA LOCAL: OBJETO DE ESTUDO DAS PESQUISAS EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Neste tópico, apresentamos um panorama dos estudos produzidos a respeito do ensino de História, realizados no ensino médio, tendo como recorte temporal a promulgação da BNCC. Esse tipo de estudo versa sobre trabalhos científicos produzidos sobre determinado assunto e é denominado “Estado do Conhecimento”, que, conforme Ferreira, compreende

[...] o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado (FERREIRA, 2002, p. 257).

Nesse sentido, por meio do Estado do Conhecimento, pode-se analisar o que já foi abordado nas pesquisas, identificar possíveis lacunas, universidades em que se realizaram os estudos, autores, ano de publicação, palavras-chaves utilizadas, referencial teórico e outras questões que podem ser desveladas e que possam contribuir para as reflexões de nossa pesquisa e embasá-las. Para tanto, ao buscarmos desenhar o estado do conhecimento, elegemos como temática central a relação entre a História Local e a Identidade, no campo da educação.

Concordamos com Morosini e Fernandes (2014) que o Estado do Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que se pretende desenvolver. É, portanto, um estudo basilar e ajuda a orientar os passos dentro da pesquisa a ser desenvolvida.

Diante do exposto, utilizamos os seguintes critérios para a busca: a) data de publicação, ou seja, recorte temporal de 4 anos, tendo em vista, a homologação da BNCC ensino médio; b) relação que estabelece entre a História Local e o ensino de História na educação. O recorte temporal foi delimitado para culminar com o objetivo da pesquisa, que é compreender como a História Local pode ser o *locus* para a construção das identidades e o exercício da cidadania no ensino médio.

No entanto, visando construir uma base para a organização e categorização da nossa pesquisa, realizamos um levantamento prévio de dados de dissertações e teses, que antecedem a BNCC. Também foi utilizado o trabalho produzido por Sukow (2019), localizado na busca de dados da BDTD, intitulado *História Local como pressuposto epistemológico da didática da história: um estudo a partir da perspectiva da educação histórica*. Em sua pesquisa, Sukow buscou entender a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1997, além de currículos de São Paulo e Curitiba, qual papel atribuem à História Local na aprendizagem histórica.

Utilizamos a base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>4</sup>, que faz parte do Programa Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

---

<sup>4</sup> Também consultamos o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), porém, como o número de resultados foi inferior e os resultados obtidos foram coincidentes com os da BDTD, optamos por restringir a análise aos artigos elencados por último acervo.

(IBICT), e integra, em um só portal, teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Essa base de dados conta com mais de 700 mil documentos<sup>5</sup> oriundos de 126 instituições.

A busca pelo termo “História Local” e “Identidade” retornou em 80 resultados em língua portuguesa. Após a leitura dos resumos das dissertações localizadas, utilizamos como critério de eliminação o recorte temporal após a homologação da BNCC ensino médio, reduzindo os resultados para 35 pesquisas. Depois utilizamos critérios de eliminação de trabalhos com perspectivas que fugiam do debate educacional, como valorização da identidade histórica em processos arquitetônicos ou até mesmo produções de disciplinas afins (sociologia, geografia, filosofia, arte, português). Selecionamos então as dissertações que se enquadraram em nossos critérios, obtendo assim 14 resultados, elencados a seguir:

Quadro 1 – Trabalhos relevantes para a pesquisa e que se debruçaram sobre o ensino de História, encontrados na BDTD

<b>AUTOR</b>	<b>IES</b>	<b>PROGRAMA</b>	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>
GALVANI, Felipe Caruso	Unicamp	Programa de Pós-Graduação em História	2018	Entre paisagens e retratos: os espaços e sujeitos na memória, uma proposta local no município de Amparo
MAIA, Fábio Mauricio Holzmann	UEPG	Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História	2018	Bandas de música - tradição, identidade e história em Ponta Grossa: uma possibilidade para o ensino da história local
KOLINSKI, Marizete Kasiorowski	UEPG	Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História	2018	Imigração polonesa na colônia Água Branca: usos e potencialidades pedagógicas
FARIA, Fernando Augusto	UFPR	Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História	2018	Escravidão no Paraná: síntese historiográfica e material de uso pedagógico
SILVA, Aletícia Rocha da	UFT	Programa de Pós-Graduação em Ensino de História	2018	Educação patrimonial no ensino de História: a feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins

<sup>5</sup> Disponível em: [btdt.ibict.br/vufind/](http://btdt.ibict.br/vufind/). Acesso em: 2 ago. 2021.



<b>AUTOR</b>	<b>IES</b>	<b>PROGRAMA</b>	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>
TORRES NETO, Dilermando Pereira	UFPE	Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História em Rede Nacional	2018	Cidade, História e Memória: educação patrimonial em São Bento do Una - PE
MARTINS, Lourdes Machado	UFPA	Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História	2018	Centro Histórico de Belém: lugar de história e memória na sala de aula
PAIVA, Rafaela Molina De	Unifesp	Programa de Pós-Graduação em Ensino de História	2019	Pelos caminhos de Oblivion: representação e resistência da cultura caipira e o ensino de História
TAVARES, Daniel Rodrigues	UFPA	Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História	2019	O ensino de História por meio da educação patrimonial na Ilha de Mosqueiro
SUKOW, Nikita Mary	UFPR	Programa De Pós-Graduação Do Mestrado Profissional Em Educação	2019	História local como um pressuposto epistemológico da didática da história: um estudo a partir da perspectiva da educação histórica
ARAGÃO, Rosângela Monteiro	UFRN	Programa de Pós-Graduação em Ensino de História	2019	O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania
DIAS, Ana Carolina da Silva Galvão	PUC-RJ	Programa de Pós-Graduação em Ensino de História	2019	Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história no ensino médio
LIMA, Leonora Cavalcante de	UEPB	Profissional em Formação de Professores	2019	No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do Rego no ensino de História local
UCHA, Leonardo Borghi	UFRGS	Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História	2020	Eu não sabia que o meu bairro tinha história: decolonizando a aula de história com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Em relação ao programa em que as pesquisas foram realizadas, podemos perceber uma produção significativa de trabalhos oriundos de Programas de Mestrado Profissional, seja em História, seja em Educação. Esses dados refletem uma possível tendência na valorização dos espaços em que os profissionais estão inseridos, ao

dialogarem com a História Local, buscando compreender a aproximação com os patrimônios culturais, as matrizes curriculares e a sala de aula.

Após leitura dos resumos das dissertações, foi possível eleger três categorias a partir das temáticas encontradas nos títulos, palavras-chaves e resumos, para discutirmos as concepções de História Local e como se aproximam do ensino de História, conforme Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Categorias de análise

<b>CATEGORIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>TOTAL DE TRABALHOS</b>
História Local e identidade	Aproximação da História Local e a formação das identidades	2
História Local, memória e patrimônio	Relação entre memória, patrimônio e História Local em sala de aula	6
Metodologias para o trabalho da História Local em sala de aula	Estratégias e metodologias para o trabalho da História Local em sala de aula; sugestões, análises e discussões.	6

Fonte: Elaboração da autora (2021).

A primeira categoria abrange as pesquisas que tiveram como foco a História Local e a relação com a identidade do sujeito; a segunda categoria abrange as dissertações que relacionaram patrimônio histórico, memória e a História Local; por fim, a terceira categoria corresponde a trabalhos que apresentam metodologias para o ensino de História Local.

#### a) Quadro 3 – História local e identidade

Quadro 3 – História local e identidade

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>
MAIA, Fábio Mauricio Holzmann	Bandas de música - tradição, identidade e história em Ponta Grossa: uma possibilidade para o ensino da história local	Ensino de História; Cultura; Identidade; Música.
ARAGÃO, Rosângela Monteiro	O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania	História Local; Sujeitos Históricos; Cidadania; Identidade; Pertencimento.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Apesar de todos os textos abordarem as questões de cidadania e identidade, a primeira categoria aborda a História Local como fator primordial para a formação da identidade. Essas dissertações nos ajudaram nas discussões de identidade, quando abordamos o ensino da História Local no processo de aprendizagem e na valorização da identidade do sujeito, além de dialogarem com as narrativas de nossos professores entrevistados.

Os textos de Maia (2018) e Aragão (2019) indicam uma visão bastante similar acerca da aproximação e do reconhecimento da História Local por parte dos alunos para a construção da identidade. As reflexões de ambos os textos são resultadas de trabalhos desenvolvidos com alunos do ensino fundamental anos finais.

Na dissertação de Maia (2018), *Bandas de música - tradição, identidade e história em Ponta Grossa: uma possibilidade para o ensino da História Local*, o autor buscou estudar a presença de bandas de música em Ponta Grossa/PR e como as bandas culturais contribuem para a construção da identidade do povo ponta-grossense. Nesse contexto, o autor procurou estimular os alunos ao estudo da História para que se percebessem agentes participativos na construção do processo histórico.

O autor destaca que o ensino de História Local torna-se mais atrativo, aproximando os alunos do processo histórico: “[...] o Ensino de História possui um forte potencial de contribuição na construção de identidades culturais com base no ensino de história local, valorizando a própria história do educando e da comunidade na qual vive” (MAIA, 2018, p. 14).

As bandas de música fazem parte do cotidiano dos cidadãos da cidade do Paraná, estando presente em diversos momentos como festas cívicas e religiosas, de caráter popular ou momentos de entretenimento. O autor cita Peter Burke para conceituar a cultura e incorporar as tradições locais como um importante elemento constituinte da cultura e da identidade local, destacando que a cultura local sofre alterações e é bastante diversificada de local para local, chamando atenção para as diversidades culturais.

As reflexões de Aragão (2019), em *O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania*, abordam o desinteresse dos

alunos pelos conteúdos estudados, devido à falta de identificação com sujeitos históricos e à dificuldade de relacionar a disciplina de História com o mundo em que vivem. Aragão propôs aos estudantes uma oficina pedagógica na qual os alunos escolheram temas, como Segunda Guerra Mundial, e pesquisaram a partir da localidade em que estavam inseridos, nesse caso, a cidade de Natal/RN.

Assim, após buscas por diversas fontes, os alunos narraram a pesquisa, despertando nesses sujeitos, conforme Aragão (2019), o interesse para a disciplina de História, ao mesmo tempo em que incitou neles a sensação de pertencimento e autorreconhecimento como sujeitos históricos e cidadãos investidos de uma identidade histórica.

Enquanto educadora, considerei a experiência bastante produtiva, pois, não só oportunizou que os estudantes fossem os agentes da construção do conhecimento, como permitiu que os alunos experimentassem uma nova forma de se relacionar com a disciplina de História. (ARAGÃO, 2019, p. 74).

Os alunos puderam perceber que a História Local é influenciada por eventos globais, além de relacionar o presente com o passado, compreendendo as relações entre os eventos que compõem a sociedade em que vivem.

#### b) Quadro 4 – História local, memória e patrimônio

Quadro 4 – História local, memória e patrimônio

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>
GALVANI, Felipe Caruso	Entre paisagens e retratos: os espaços e sujeitos na memória, uma proposta local no município de Amparo	História - Estudo e Ensino; História Local; Cultura Visual; Memória; Patrimônio; Museus.
SILVA, Aletícia Rocha da	Educação patrimonial no ensino de História: a feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins	Ensino de História; Ensino e aprendizagem em espaços não formais; Educação patrimonial; Memória e Identidade; História Local e Regional.
TORRES NETO, Dilermando Pereira	Cidade, História e Memória: educação patrimonial em São Bento do Una - PE	Ensino de História; História Local; Cidade; Patrimônio; Projeto Didático.

AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
MARTINS, Lourdes Machado	Centro Histórico de Belém: lugar de história e memória na sala de aula	Didática e História; Educação Patrimonial; História Local; Memória; Identidade.
TAVARES, Daniel Rodrigues	O ensino de História por meio da educação patrimonial na Ilha de Mosqueiro	Ensino de História; Educação Patrimonial; Patrimônio Cultural; Conhecimento Histórico Escolar; Mosqueiro.
UCHA, Leonardo Borghi	Eu não sabia que o meu bairro tinha história: decolonizando a aula de história com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre	Ensino de História; História Local; Educação Popular; Pedagogias decoloniais; Memória.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Nessa categoria, o foco principal das discussões é a relação entre memória, patrimônio e História Local. As seis dissertações centralizam as reflexões em vozes de sujeitos locais, para a emancipação de sujeitos a partir do ensino de História e o conhecimento do espaço em que estão inseridos. Essas reflexões coadunam com as vozes dos nossos sujeitos entrevistados e os espaços de memória de Venda Nova do Imigrante.

Entre os trabalhos, Galvani (2018), na produção intitulada *Entre paisagens e retratos: os espaços e sujeitos na memória, uma proposta local no município de Amparo*, buscou paralelos comuns para a chamada História nacional e em que medida colaborou no estabelecimento de um retrato local.

O autor buscou por voz de sujeitos silenciados que foram apagados da história oficial da cidade, constatando a ausência de um discurso histórico que criasse laços com as diversidades sociais locais. Para compreender a criação da imagem dessa sociedade, Galvani contou com a participação de alunos de escolas periféricas e centrais do ensino fundamental, trabalhando com representações locais como obras, documentos, pinturas e retratos que celebram a história oficial do município.

Ao desenvolver estratégias metodológicas para uma visão crítica, tornou possível compreender que a história também se faz a partir do presente e dos sujeitos no presente e que, ao compreender a história, seu papel e a construção de espaços, os alunos criam memórias e visibilidade a espaços antes silenciados.

Silva (2018), estruturou o trabalho *Educação patrimonial no ensino de História: A feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins*, em uma pesquisa-ação<sup>6</sup> e na exploração do patrimônio cultural como espaço de vivência. Nesse sentido, elaborou atividades que explorasse a memória e a identidade local, guiando os alunos ao contato com a história oral (patrimônio imaterial), através de entrevistas, buscando por experiências pessoais e coletivas com o espaço público.

“O espaço de memória de um povo tem uma acepção ampla que pode ser concreta, abstrata, material, imaterial, simbólico ou funcional.” (SILVA, 2018, p. 16). Nesse contexto, buscou valorizar os espaços não formais que carregam memórias individuais e coletivas e podem ser incorporados ao ensino de História. Tais espaços não necessariamente precisam ser reconhecidos pelo Ministério da Cultura como patrimônio histórico-cultural ou por secretaria estadual e municipal. Nesse sentido, afirma que

[...] é tarefa do ensino de História promover a apropriação de conhecimento sobre os processos de formação dos espaços públicos e sobre os grupos sociais e atividades que foram e são realizadas neles. Tal conhecimento é de fundamental importância no processo de construção do sentimento de pertença ao lugar no qual se vive. Portanto, o professor e seus alunos são atores e sujeitos no processo de construção de identidades. Cabe então valorizar as tradições orais, as experiências humanas e a história de pessoas de uma comunidade que de fato já se pertence, mas que cujas histórias não seriam ouvidas e compartilhadas sem uma estratégia de ensino que se volte para a localidade (SILVA, 2018, p. 21).

Na dissertação sob o título *Cidade, História e Memória: Educação patrimonial em São Bento do Una - PE*, Torres Neto (2018) analisou a relação entre a História Local, a História e os patrimônios a partir de observação, pesquisa e registros. O autor propôs um projeto didático, intitulado *Memória da Cidade*, aos alunos do 1º ano Ensino Médio,

---

<sup>6</sup> A pesquisa-ação é um método que orienta a pesquisa possibilitando ao pesquisador intervir dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar e envolver todos os participantes na construção de novos saberes. No caso específico, buscou a produção e a análise das fontes e da escrita historiográfica.

buscando produzir uma relação entre a cidade e a educação para a construção da identidade através da valorização da memória.

A ideia aqui de Patrimônio não está somente naquilo que já se conhece — muito ou pouco — de determinada coisa. Ao falarmos de Patrimônio queremos com isso tornar possível aos nossos alunos perceberem os elementos que englobam suas referências culturais — festa, lugar, objetos, costumes, pessoas, entre outros —, e que estes colaboram na construção de uma história significativa e feita por todos. Para o nosso trabalho, a Educação Patrimonial foi muito importante, pela sua proposta colaborativa e participativa de trabalho. Observar, Registrar, Explorar e Apropriar foram ações importantes para que 109 nossos estudantes pudessem perceber as mudanças, permanências e simultaneidades em nossa cidade (TORRES NETO, 2018, p. 108).

O autor aponta os espaços e as memórias presentes em uma sociedade que influenciam a formação de uma identidade coletiva, através da memória preservada e compartilhada. Tal perspectiva dialoga com nossa pesquisa ao refletir sobre a importância da História Local e as identidades.

De maneira similar, Martins (2018), na pesquisa intitulada *Centro Histórico de Belém: lugar de História e memória na sala de aula*, desenvolveu uma proposição didática para ensinar História a partir de fontes patrimoniais locais, porém voltada para o ensino fundamental.

Estimulando a construção do conhecimento histórico em diferentes partes da memória, a autora transferiu para os alunos a função de agentes e interlocutores da pesquisa, cruzando fontes e refletindo a prática. Em sua pesquisa, Martins (2018) vai além do caráter formador de identidade, mas busca também a preservação histórica do lugar. Considera importante “[...] valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem suas histórias diariamente, pois o ensino de História Local permite que possamos dar vozes aos sujeitos que estiveram marginalizados pela História Oficial.” (MARTINS, 2018, p. 64).

Tavares (2019) aponta a educação patrimonial como subsídio para o ensino de História na pesquisa intitulada *O ensino da história por meio da educação patrimonial na ilha de Mosqueiro*, realizada com alunos do ensino médio. O autor discute conceitos como História, memória, identidade, patrimônio cultural, educação patrimonial e cidadania com os alunos, dialogando com materiais didáticos, teorias e conhecimentos prévios, estabelecendo “[...] a relação do bem cultural com a vida das

peças, para que o patrimônio faça sentido para a comunidade” (TAVARES, 2019, p. 17).

Já no trabalho de Ucha (2020), com o título *Eu não sabia que o meu bairro tinha história: decolonizando a aula de história com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre*, a partir de análise de documentos de um bairro periférico de Porto Alegre, os estudantes das séries finais do ensino fundamental produziram histórias e reflexões sobre o passado local.

A produção partiu da análise de documentos e rodas de memórias compartilhadas entre os moradores, viabilizando diversidades silenciadas no processo histórico da cidade. O autor, a partir da leitura de amplas bibliografias e discussões com os alunos em sala de aula, identificou a necessidade de reconhecer a memória do lugar para aproximar os alunos do contexto histórico, construindo uma identidade capaz de agir na sociedade de forma ativa.

c) Quadro 5 - Metodologias para o trabalho da história local em sala de aula

Quadro 5 – Metodologias para o trabalho da História Local em sala de aula

AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
KOLINSKI, Marizete Kasiorowski	Imigração polonesa na colônia Água Branca: usos e potencialidades pedagógicas	Ensino de História; Imigração; História Local; Memória; Identidade.
FARIA, Fernando Augusto	Escravidão no Paraná: síntese historiográfica e material de uso pedagógico	Ensino de História; Profhistória; Ensino Médio; Material Pedagógico; História Local; Escravidão no Paraná.
PAIVA, Rafaela Molina de	Pelos caminhos de Oblivion: representação e resistência da cultura caipira e o ensino de História	História Local; Ensino de História; Currículo e Cultura Caipira.
SUKOW, Nikita Mary	História local como um pressuposto epistemológico da didática da história: um estudo a partir da perspectiva da educação histórica	História Local; Ensino de História; Estudos Sociais; Educação Histórica; Didática da História.



AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
DIAS, Ana Carolina da Silva Galvão	Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história no ensino médio	História Local; Ensino de História; Baixada Fluminense.
LIMA, Leonora Cavalcante de	No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do Rego no ensino de História local	Ensino de História; Literatura; História Local; Identidade e Cultura.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

O foco principal dessa categoria gira em torno da metodologia de ensino, embora discuta as abordagens históricas mediante a História Local. As reflexões partiram de questionamentos da própria prática de cada autor, produzindo materiais pedagógicos que auxiliassem na prática do ensino de História Local. Os conhecimentos dessas dissertações contribuirão para as seções finais desta pesquisa, quando buscaremos socializar as práticas dos professores entrevistados na produção de um *e-book*, como alternativas metodológicas para o ensino de História Local em Venda Nova do Imigrante.

Na dissertação *Imigração polonesa na colônia de Águia Branca: usos e potencialidades pedagógicas*, norteada para os anos iniciais do ensino fundamental, Kolinski (2018) buscou traçar um roteiro para o ensino de História sob a perspectiva local. Kolinski (2018) desenvolveu sua pesquisa para o ensino fundamental, indo além de estratégias de ensino para necessidade de valorização do papel dos sujeitos, comungando com a pesquisa em que estamos inseridos.

O autor utilizou informações e saberes locais como metodologia pedagógica para desenvolver o ensino de História, concluindo que a memória deve ser considerada um campo gerador de conhecimento, pois toda região, comunidade ou grupo tem história e memória (KOLINSKI, 2018, p. 20). Visitando espaços locais, como praças, igrejas e cemitérios e promovendo um diálogo com memórias locais através da metodologia de história oral, realizou sua pesquisa cujos resultados lhe permitiu asseverar algumas ideias :

A aprendizagem histórica não se resume ao simples acúmulo de informações, dados e conceitos, mas na compreensão de outros tempos e na reflexão de que cada período histórico reflete o modo como as pessoas daquele período

percebiam e viviam o seu cotidiano. Ou seja, cada período é único, com suas experiências e inter-relações. E a partir desta constatação pensarmos ações, no sentido de aprimorarmos a vivência da humanidade, de nossa sociedade, de nossa comunidade. (KOLINSKI, 2018, p. 137)

Em síntese, Kolinski (2018), que teve como produto de sua pesquisa um banco de atividades pedagógicas para auxiliar nas aulas de História do ensino fundamental I, concebeu o material para ser um produto inacabado, ou seja, que pudesse ser sempre realimentado e alterado, como é a natureza do trabalho em sala de aula (KOLINSKI, 2018).

F. A. Faria (2018), em *Escravidão no Paraná: síntese historiográfica e material de uso pedagógico*, dedicou sua pesquisa à escravidão no Paraná (trabalho compulsório indígena e trabalho de escravizados de origem africana) produzindo um material didático composto com fontes empíricas, voltado para o ensino médio, com a finalidade de promover o tema, aproximando a sala de aula com metodologias acadêmicas.

Paiva (2019) também apresentando sugestões metodológicas para o ensino de História Local, dissertou em: *Pelos caminhos de Oblivion: representação e resistência da cultura caipira e o ensino de História*, formas para inserir o ensino médio no campo de pesquisa-ação.

Essa prática pedagógica transformou o ensino de História em algo mais instigante, prazeroso, vivo e próximo da realidade regional e cultural dos alunos. Aproximou as habilidades e conteúdos prescritos pelos currículos à realidade vivida pelo alunado (PAIVA, 2019, p. 10)

De acordo com a autora, a educação só faz sentido quando se relaciona com a vida.

A História não será apenas uma disciplina que estuda um passado distante e insignificante, mas se tornará uma disciplina socialmente importante para o reconhecimento da identidade e do pertencimento dos sujeitos a um grupo social e cultural, e que protagonizam uma história local e temporal (PAIVA, 2019, p. 16)

Trabalhando com narrativas, Paiva buscou resgatar a cultura caipira local a partir das obras literárias de Monteiro Lobato, que, de acordo com a pesquisadora, “[...] não deixou uma boa reputação na cidade de Areias” (PAIVA, 2019, p. 100). A partir disso, Paiva buscou trabalhar conceitos fundamentais para a historiografia como diferenças de classes, miscigenação, identidade cultural, entre tantos outros, para superar os

preconceitos escritos no século XX. Aproximando a macro História nacional da História Local e utilizando de metodologias de pesquisa e leituras, os alunos passaram a refletir sobre sua própria identidade cultural e local, coadunando com as demais pesquisas aqui mencionadas.

Conforme já mencionado anteriormente, também a dissertação de Sukow (2019), *História local como um pressuposto epistemológico da didática da história: um estudo a partir da perspectiva da educação histórica*, buscou entender, a partir de análises de documentos curriculares e produções acadêmicas, o papel que atribuem à História Local na aprendizagem histórica.

Para isso, a autora procurou pelos conceitos dados à História Local e dialogou com autores e currículos para identificar a história da História Local na historiografia, apresentando também o desenvolvimento desse campo de estudo no Brasil. Ao longo dos capítulos, a autora apontou a importância da História Local como uma maneira de aproximar os alunos do conhecimento histórico, já que estaria próxima às suas realidades, diagnosticando a falta de materiais apropriados para os professores que reduzem a História Local a uma história de alguns personagens.

Semelhante à pesquisa realizada por Sukow (2019), que a direcionou para as séries iniciais do ciclo fundamental, encontramos o trabalho desenvolvido por Dias (2019), intitulado *Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de História no ensino médio*, com direcionamento voltado para o ensino médio e que estabelece uma relação entre a História Local da Baixada Fluminense com o livro didático do ensino médio séries finais.

Partindo da experiência da sala de aula e questionamentos feitos pelos alunos como a utilidade de se aprender história, Dias (2019), assim como outros aqui já citados, viu a necessidade de aproximar o conteúdo escolar da vida dos estudantes, criando uma relação entre os conhecimentos e o cotidiano. A proposta metodológica apresentada por Dias (2019) foi a produção de planos de aula após relacionar as temáticas abordadas nos livros didáticos/curriculares, com os acontecimentos locais na mesma época, participação ou datas; por exemplo: Tráfico Negreiro + Escravidão no território da Baixada. Dessa forma, a autora incentiva pela busca de atividades

[...] que motivem professores inicialmente, dando-lhes o entusiasmo necessário para reencontrar o prazer de estar em sala de aula. Quanto mais empolgada me sentia com as atividades esse sentimento contagiava meus alunos proporcionando assim uma maior assimilação dos conceitos e conteúdos e permitiu em muitas oportunidades que os próprios alunos trouxessem para nossas aulas seus próprios questionamentos e curiosidades (DIAS, 2019, p. 78).

Esse incentivo ao trabalho diário do discente vai ao encontro do incentivo abordado por alguns autores como Maia (2018) e Aragão (2019), que constatam a valorização dada ao ensino de História quando se parte do local e os alunos compreendem que fazem parte do meio. O professor se motiva, motiva os alunos e contribui ainda mais para o processo de aprendizagem.

A dissertação de Lima (2019), intitulada *No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do Rego no ensino de História Local*, enfatiza a interdisciplinaridade que se tornou ponto crucial da pesquisa ao entabular diálogos da História e da Literatura no ensino fundamental, utilizando a obra literária *Usina*, de José Lins do Rego. O livro tem como recorte espacial o cenário da zona da mata paraibana e pernambucana, lugar de vivência dos alunos de Lima, segundo a qual a “[...] Literatura é fonte para a História e a Literatura Regional traz uma base de identidade cultural. Isso nos faz refletir sobre o ensino de História Local dentro do currículo escolar” (LIMA, 2019, p. 16).

Os anseios de Lima, assim como para outros autores, partiram do espaço da História Local na sala de aula, como ensinar, o que essa história contribuiu para a formação crítica do sujeito e da identidade sociocultural. Desse modo, para compreender os questionamentos que norteavam a prática de Lima, em termos metodológicos foi utilizada no campo escolar a pesquisa qualitativa e a etnografia como método de observação, além de entrevistas com professores de História para identificar o posicionamento a respeito do ensino de História Local, alinhado com documentos oficiais da educação como PNC, BNCC e LDB. Ao realizar esses métodos, a autora elaborou um Guia para professores de História como sugestão para uma sequência didática que contribuísse para a formação da identidade do aluno.

Desse “Estado do Conhecimento”, depreendem-se ricas potencialidades de subsídios e embasamento teórico para as nossas propostas pedagógicas e metodologias aplicadas para trabalhar em sala de aula a história de Venda Nova do Imigrante nos mais diversos cenários. As pesquisas aproximam-se dessa história ao perceberem,

na aprendizagem dos alunos, a construção da identidade tendo como referência a História Local, porém a originalidade do nosso trabalho está em auscultar os professores, trabalhar com a História Oral tendo como foco os saberes e os fazeres dos docentes, como eles, na prática, trabalham a História e percebem a História Local na construção da identidade dos seus alunos.

Como os professores, nossos colaboradores da presente pesquisa percebem a História Local na construção das identidades de seus alunos? Para buscar possíveis respostas a esse questionamento e a outros que dele decorrerem, é necessário uma revisita à história do ensino de História no Brasil que será abordada no subtítulo seguinte.

## 2.2 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

A História, como disciplina escolar, tem seus primeiros registros a partir do século XIX — entre parte do Período Imperial e início da República nos registros do Colégio Pedro II —. “Até 1837, a História aparecia como disciplina optativa do currículo nos programas das escolas elementares” (VARELA, 2014, p. 5). O surgimento do ensino de História foi pautado em modelos franceses voltado para a formação cultural das elites, destacando heróis nacionais, seus feitos e símbolos patriotas como eventos, datas e desfiles, um ensino eurocêntrico, tradicional e positivista.

O ensino de História no Brasil, assim com a educação, de uma maneira geral, manteve em suas pautas modelos que privilegiassem os detentores do capital econômico, voltando o ensino para elites do país que “conduziriam” o futuro da nação. A história era um instrumento de doutrinação política (PERES; SCHIRMER; RITTER, 2015, p. 5).

A História era dividida em “[...] História Sagrada, Antiga, da Idade Média, da Idade Moderna e, após 1850, da Idade Contemporânea” (DIAS, 2008, p. 84), sendo incorporada a História do Brasil anos depois com objetivo de incentivar o patriotismo. Após a expulsão dos jesuítas, a História Sagrada permaneceu por muitos anos, mesmo após a separação entre o Estado e a Igreja.

Coincidindo com a criação da Escola Pedro II, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado em 1838 e, com isso, a História ganhou maior espaço no âmbito escolar como disciplina, tendo como objetivo definir a identidade do povo brasileiro escrevendo a História oficial do Brasil. Esse estudo historiográfico de identidade que buscava retratar um Brasil civilizado era excludente, deixando a história do negro e o indígena de lado.

Com a Proclamação da República em 1889, o fortalecimento do patriotismo ganhou maior destaque nos livros didáticos, porém as transformações econômicas e sociais ao longo do século influenciaram diretamente na educação e na ampliação de pesquisas caracterizadas pela abordagem da Nova História, fazendo surgir novas metodologias. A preocupação em despertar a criticidade nos alunos testava estratégias para que eles se tornassem agentes dos conhecimentos (NEMI; MARTINS, 1996).

No entanto, havendo ainda uma supervalorização de fatos históricos, a História continuou sendo ministrada de forma pouco reflexiva. Essas metodologias positivistas, para D. T. Silva (2018) são resultados dos processos históricos que o país vivenciou, sendo eles: Ditadura Militar (1964-1985) e o processo de redemocratização a partir de 1983.

Desde 1930, a História era vista como ferramenta de uma educação política e, para D. T. Silva (2018), a ideia de História voltada para os interesses do Estado foi reutilizada no período militar. Entre os anos 1950 e 1960, consideráveis ideias e propostas para o desenvolvimento do país foram cruciais, com debates marcados pelo contexto da Guerra Fria e desenvolvimento para os países de terceiro mundo, além de questões voltadas para definição de nacionalidade brasileira, duramente reprimidas durante o Estado Novo.

Durante o período militar, o currículo escolar sofreu grandes mudanças, marcadas pela censura e pela ausência de liberdades democráticas. O ensino de História, após o golpe de 1964, foi adequado à política desenvolvimentista e alvo do poder político dominante, até que a Lei nº 5.692, de 1971, extinguiu a História como disciplina, dando lugar aos Estudos Sociais, fazendo uma junção do ensino de História, Geografia, Organização Social e Política e Educação Moral e Cívica (SÁ, 2006).

O objeto de estudo da História esteve sutilmente vinculado aos princípios norteadores da Educação Moral e Cívica. As atividades comuns passaram a ser os atos cívicos. Nestes, as crianças continuavam a homenagear os símbolos e heróis nacionais e chegaram a participar de comemorações como o 150º aniversário da Independência do Brasil e a conquista da Copa do Mundo de 1970. [...] A organização das propostas curriculares de Estudos Sociais resultou na ordenação hierárquica dos conteúdos, devendo respeitar a faixa etária dos alunos, impossibilitando o ensino-aprendizagem da História do mundo na escola primária, por ser considerada distante e abstrata. (VARELA, 2014, p. 16).

A partir da década de 1970, o crescimento de associações, como a Associação Nacional de História (ANPUH) e a Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB), ampliou as discussões em torno da História e da Geografia influenciadas por novas tendências historiográficas e geográficas.

Nesse contexto, sob os influxos de ideais marxistas, como lutas sociais, a História ressurgiu no processo de redemocratização em meados de 1983. preocupando-se em contribuir para a formação de sujeitos cidadãos críticos que produzissem conhecimento. Aponta

Buscava-se vincular o ensino de História à formação de uma sociedade democrática. A partir de então, exclui-se a necessidade de contar a história voltada à moral cívica, dando lugar ao ensino direcionado à realidade do país e do meio social que o aluno estava inserido.

Com todo esse panorama a Constituição implementada em 1988 já prevê em seus moldes a necessidade do aumento dos investimentos voltados ao sistema educacional. Desta forma, percebe-se o reconhecimento do ensino como um importante passo para o desenvolvimento da sociedade que, juntamente com a intensificação de debates em torno da educação, resulta em importantes avanços, como a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB 9.394/96) em 1996 e em 1998 com o início do processo de criação de diretrizes para a disciplina de História (SILVA, D. T., 2018, p. 138).

No entanto, em 1988, com a publicação da Constituição Federal, consideráveis mudanças ocorreram na educação, com destaque para a disciplina de História, visando à inclusão da diversidade social, cultural e étnica brasileira. Assim, no intuito de regulamentar a Constituição Federal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecidos em 1997 e as Diretrizes para o ensino de História em 2001 definiram um novo modelo de ensino, visando a uma melhor formação do profissional da educação e alunos.

A fim de incluir as diferentes culturas e etnias que compõem a sociedade brasileira, para que o aluno aprendesse sobre sua nação, em 2003 tornou-se obrigatório o ensino

de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, através da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e alterada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, atribuindo caráter de obrigatoriedade para a História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Portanto, depreende-se que, ao longo dos anos, o estudo da História foi passando por várias tendências historiográficas e metodológicas para auxiliar na interpretação dos fatos históricos.

A reflexão apresentada sobre a trajetória do ensino de História no Brasil evidencia as mudanças pelas quais a própria concepção do que seja História tem sofrido historicamente, mas revela também permanências que ainda carecem da reflexão científica com o intuito de, por meio da História, contribuir de modo mais significativo para a manutenção da memória social, política, econômica e cultural dos sujeitos. **Memória esta que participa da formação da identidade de um grupo** e, ao mesmo tempo, contribui para a construção coletiva dos ideais de democracia e liberdade severamente proibidos durante da Ditadura Militar brasileira (VARELA, 2014, p. 19, grifo nosso).

O autor evidencia a importância da História na formação da identidade dos sujeitos, ponto esse que será discutido ao abordarmos neste trabalho a História Local como história a ser trabalhada em sala de aula, aproximando o sujeito dos fatos que compõem sua história. De forma comum, a História não trata de estudar apenas o passado, mas busca, através do passado, evidências para compreender o presente, sendo assim uma ciência que orienta o outro no mundo.

Para se perceber como sujeito histórico, o aluno precisa pesquisar e buscar respostas para compreender permanências e rupturas em seu meio social, formando-se cidadão crítico. Nesse sentido, cabe ao professor executar o papel de auxiliar o aluno na busca do conhecimento, tendo como objetivo principal a tomada da consciência histórica.

A consciência histórica não é uma condição que surge com determinada classe social, período ou região; mas a partir do momento em que o sujeito detém a noção de que sua cultura, suas bases e regras de convivência em sociedade são estabelecidas a partir de outros tempos e sociedades. Com o tempo a humanidade supera e aprimora suas formas de vivência, não há um controle sobre isso, portanto, aceitar esse “processo histórico” libertando-se de preconceitos e “limites” impostos por sua própria cultura, determina o surgimento da consciência histórica no indivíduo (cf. CERRI, 2001: p. 99-101) (SILVA, D. T., 2018, p. 143).

Portanto, podemos dizer que o processo histórico é contínuo, resultado das ações do próprio homem que só serão compreendidas com clareza quando associadas ao presente e nas relações contínuas de mudanças. Dessa forma, a disciplina de História tem como objetivo as ampliações das experiências coletivas ao serem levantadas



possibilidades e desafios, apresentando ao aluno que suas histórias são parte de histórias coletivas.

Essa revisita à historiografia da História como disciplina escolar no Brasil nos desvela que a História foi inicialmente instrumento pedagógico para a construção de uma identidade nacional politizada e excludente e, por intermédio de lutas e conquistas da classe, acompanhou a evolução da educação como libertadora em relação à cidadania dos alunos. Nesse contexto e na busca por compreendermos as potencialidades da História Local, já cidadã, como contribuições para a construção da identidade do sujeito, argumentamos com alguns autores na seção a seguir.

### 2.3 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO

Parafraseando o historiador alemão Jörn Rüsen, nossa incessante mudança define a nossa identidade, e o ensino de História Local permite a construção de identidades históricas (RÜSEN, 2001). Nessa perspectiva, o autor aduz que História Local seria fundamental para o fortalecimento de identidades.

A construção de uma memória coletiva do local cria possibilidades que podem contribuir para que os alunos se entendam como agentes históricos, contraindo o sentimento de pertencimento e de respeito ao lugar. Dessa forma,

[...] uma educação cidadã, que não se caracteriza, exclusivamente, como formadora de ideias, mas como uma concepção crítica, que valoriza as vivências e contribui na formação das identidades coletivas locais dos alunos e no sentimento de pertencimento dos mesmos ao lugar em que vivem, sem perder de vista suas relações com a Nação (SOUSA, 2015, p. 186).

Nesse sentido, mesmo considerando que os sentimentos de identidade podem ser construídos para além dos processos de escolarização, a escola desenvolve importante papel nesse processo, possibilitando o diálogo entre os aspectos sociais, políticos e culturais que os cercam. O ensino de História Local pode contribuir e muito para a construção do saber histórico, que, “[...] formatado, retorna ao campo da vida prática para fins de orientação cultural. Externamente, o saber histórico motiva o direcionamento das ações. Internamente, o saber histórico proporciona o desenvolvimento das identidades individuais e coletivas” (SUKOW, 2019, p. 166).

O descaso com a História Local na escolarização pode ser um dos principais fatores para o não fortalecimento da identidade local e, portanto, a possível fragilidade na formação de líderes locais, com responsabilidades sociais que não compreendam a relação entre homem, sociedade, cultura e história. Coadunamos com Ribeiro e Gonçalves ao aduzir que:

O conceito de identidade está ligado ao sentimento de pertença do indivíduo a determinados grupos sociais, tanto quanto a um sentido de alteridade, que percebe os elementos distintivos de grupos alheios aos seus como referenciais a demarcar suas próprias características e singularidades. Esse é um processo dinâmico e permanente de construção, no qual a identidade de um indivíduo ou de um grupo não é uma coisa, dada de uma vez por todas, mas um conjunto de percepções, representações, modos de ser e de sentir que articulam permanências e transformações, a depender da constância e/ou mudança ocorridas em seus referenciais (a paisagem, a leitura sobre o passado, os valores etc.). Por seu turno, o sentimento de pertencimento também está vinculado a um lugar – ou a determinados lugares – e é desenvolvido ao longo do tempo, das experiências que se desenrolam nas interações sociais ocorridas nesses espaços (RIBEIRO; GONÇALVES, 2017, p. 15).

As questões de identidades locais têm sofrido um grande impacto com o avanço da globalização, homogeneizando sociedades e desvalorizando escalas locais (SIQUEIRA, 2019). Nessa perspectiva, as identidades, para Santos (2007), estão passando por um processo de recontextualização, ligado diretamente aos conflitos globais de cultura. O autor destaca que todo saber é local, todos os sistemas são locais e, por isso, a ideia ecológica dos saberes<sup>7</sup> não deve silenciar saberes particulares, transformando-os em monocultura. Desse modo, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (MINISTÉRIO DA CULTURA [MEC], 1997, p. 26).

O conceito de identidade está diretamente ligado ao processo de desenvolvimento do sujeito e ao sentimento de identidade de um coletivo. Quando se estuda a História Local, com ênfase no modo de vida dos grupos, nos movimentos sociais e nas relações, busca-se compreender os aspectos culturais que influenciam diretamente o fortalecimento das identidades. A cultura nutre os processos educacionais, e compreendê-la é trabalhar a inclusão e reconhecer o multiculturalismo.

---

<sup>7</sup> Ecologia dos saberes: estudo das relações dos organismos entre si e com o ambiente.

O estudo da História Local contribui para o ensino, pois torna possível “[...] a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência — escola, casa, comunidade, trabalho, lazer - e igualmente por situar os problemas significativos da história presente” (BITTENCOURT, 2008, p. 168). O aluno, portanto, sente-se próximo da história que o cerca e se reconhece como sujeito histórico, ele se identifica e compreende seu papel de protagonista nas mudanças ocorridas no tempo.

Essa identidade é construída a partir de narrativas, imagens, textos e registros que preservam a memória local, desenvolvendo uma ideia de pertencimento. De acordo com Aragão (2019), os elementos que compõem uma sociedade fortalecem as identidades de classes sociais que tiveram suas histórias subtraídas ou esquecidas da história oficial.

Nessa perspectiva, com o intuito de analisarmos o lugar em que a História Local tem sido abordada no ensino médio, no município de Venda Nova do Imigrante/ES, bem como os espaços que, via de regra, têm destinado a ela, buscamos, em um primeiro momento, por pesquisas acadêmicas que têm desenvolvido a referida temática, objetivando embasar a próxima seção. Nesse movimento, buscamos trazer à baila “o local” em que a pesquisa se desenvolve: Venda Nova do Imigrante/ES.

### **3 FORMAÇÃO E IDENTIDADES CULTURAIS DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE: O PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO**

Nas minhas atividades relacionadas ao exercício da docência, a História Local apareceu incontáveis vezes entre comentários realizados informalmente com os colegas de turma e os professores. Entre tais comentários, um questionamento realizado por um aluno do 3º ano do ensino médio se destacou: “Gostaria de saber como a BR262<sup>8</sup> foi construída e como Venda Nova do Imigrante era antes da construção, e não como a construção de uma ferrovia no Rio Grande do Sul levou a Guerra do Contestado!”. Esse questionamento me inquietou ainda mais e me motivou a buscar pela História de Venda Nova do Imigrante, produzindo um material que levasse outras pessoas a desenvolverem pesquisas sobre suas localidades também.

Assim, no intuito de contribuir para as reflexões, bem como propiciar novos questionamentos e novos olhares para a História Local do município, esta parte do texto, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, se dedica a apresentar a história de Venda Nova do Imigrante, um município na região serrana do Espírito Santo.

#### **3.1 ESPÍRITO SANTO: COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA**

A província do Espírito Santo, até meados do século XIX, contava com poucas estradas, alguns médicos, professores e não apresentava grande destaque na balança econômica nacional. Os indígenas que viviam na província voltaram em sua maioria para o sertão após a expulsão dos jesuítas em 1759 (DERENZI, 1974).

A taxa de mortalidade dos negros era superior à de natalidade, devido às condições em que viviam como escravizados, bem como à falta de atenção dos proprietários em relação a eles, seguidas de péssima alimentação, altas taxas de suicídio e fugas. (GROSSELLI, 2008).

Conforme salienta Ferreira (2015), os problemas de falta de mão de obra implicavam a baixa produção de bens e a ocupação de longas faixas de terra despovoadas no

---

<sup>8</sup> As obras da BR262 tiveram início no ano 1951, ligando Vitória a Belo Horizonte, passando por Venda Nova do Imigrante, impactando a região de forma social e economicamente.

território brasileiro. No estado do Espírito Santo, essa realidade não era diferente, visto que também não atraía habitantes. A província do Espírito Santo, até 1856, contava com 13.740 habitantes (FERREIRA, 2015). Já no ano 1870, a província ainda contava com pouco mais de 70 mil habitantes, dos quais 51.825 eram livres e 18.772 eram escravizados, divididos em 13 municípios. O centro de atração eram as fazendas de café em torno de Cachoeiro de Itapemirim (GROSSELLI, 2008).

Segundo Ferreira (2015), a primeira oportunidade de crescimento no território capixaba se deu pela expansão cafeeira, porém foi seguida de inconsistência no mercado por conta de superprodução, quedas no preço do produto e escassez de mão de obra devido à alta no preço dos escravizados a partir de 1850 com a Lei Euzébio de Queiros, seguida da Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1885) e a proclamação da Lei Áurea em 1888.

Áreas com estruturas mais desenvolvidas que contavam com recursos financeiros mais significativos, puderam se preparar ao longo dos anos precedentes ao fim da escravidão. Contudo, em territórios como os do Espírito Santo, a escassez de recursos e a pouca importância na produção nacional não possibilitaram a mesma realidade (FERREIRA, 2015, p. 42).

Para Furtado (2009), a solução para substituir a mão de obra escrava não estaria na mão de obra nacional, que possuía baixa produtividade e a dificuldade de adaptação nas grandes lavouras. Tal solução passou a ser vislumbrada a partir dos anos de 1887 e 1888, com o considerável crescimento de imigrantes no território capixaba. Esse aumento está ligado à situação econômica na Europa, que projetava nos imigrantes a visão de oportunidades nas terras brasileiras e a contribuição ofertada pelo governo imperial, auxiliando nos gastos de passagens, transportes e alojamentos para que os imigrantes conseguissem chegar ao Brasil e serem localizados na lavoura cafeeira.

Nesse cenário, merece destaque a situação da Itália, em meados do século XIX, por ser tratar do povo que colonizou a região de destaque deste trabalho.

No ano de 1887, a Itália era, portanto, um País campestre, antigo e estagnado. Sobre certa de 30 milhões de habitantes, pelo menos 21 milhões eram camponeses. [...] a grande massa dos italianos nascia, vivia, morria na mesma propriedade à sombra do mesmo campanário (LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCHETTO, 1992, p. 2).

Acresce-se que, sem recursos favoráveis, sem industrialização, a colonização no Espírito Santo repercutia de forma negativa, devido a péssima estrutura, precárias

condições de trabalho e falta de apoio do governo imperial. Diante dessa situação, o governo capixaba introduziu o salário aos imigrantes que trabalhavam nas lavouras, entretanto os proprietários não estavam preparados para arcar com as despesas salariais e, muitas vezes, obrigavam os imigrantes a trabalharem de forma compulsória.

Nesse sentido, os imigrantes começaram a almejar terras próprias, forçando a província a adotar uma política específica de imigração. Com orçamento próprio, o governo provincial passou a completar os custos da viagem dos imigrantes, além de ofertar propriedades em terras que não haviam sido ocupadas.

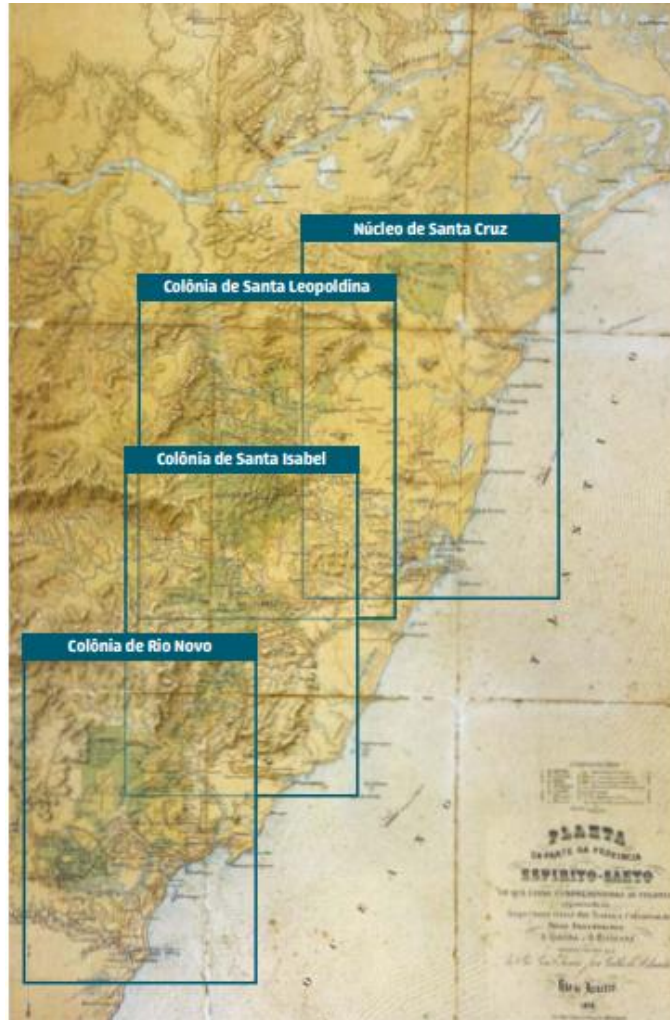
A postura adotada por esse governo foi regulamentada pela Lei nº 4, que regulamentou o Serviço de Terras e Colonização, juntamente com a assinatura de contratos que visavam à entrada de um grande número de imigrantes. Uma vez que esses indivíduos decidissem pelos Núcleos Coloniais, poderiam receber um lote de 25 ha em média, com um adiantamento de 50 mil réis, que deveriam ser utilizados na aquisição de ferramentas, e mais 200 mil réis que seriam repassados em prestações quinzenais. Tal valor seria utilizado pelos colonos para se sustentarem, enquanto construíam suas casas. Podiam optar, ainda, por receber uma casa e uma derrubada de 50 m<sup>2</sup> no lugar da ajuda financeira. O imigrante teria direito à ajuda médica por um período de dois anos e contaria com garantias de trabalhos na construção de estradas e caminhos até o momento da primeira colheita de cereais. Todos esses benefícios eram prometidos, porém, muitas vezes, não eram cumpridos (FERREIRA, 2015, p. 42).

Os futuros proprietários teriam um tempo para reembolsar as despesas ao governo e tornar a terra produtiva. Assim, conforme salienta Batista (2000, p. 2019), o governo do Espírito Santo, preocupado com a produtividade do território capixaba, criou colônias para receber a demanda dos imigrantes. Foram criadas em épocas simultâneas as colônias: Santa Izabel, Rio Novo e Santa Leopoldina, sendo a colônia de Rio Novo um empreendimento particular fundado no Rio de Janeiro por Caetano Dias da Silva, diferente das outras duas que eram empreendimento do governo.

O major Caetano Dias da Silva comprou do Governo Geral 20 léguas de terras situadas nos municípios de Itapemirim e Benevente. Parte dessas terras estava incrustada em uma sesmaria que havia sido concedida no séc. XVIII aos índios do Benevente. Essa questão da posse de terras foi resolvida pelo presidente José Maurício Fernandes Pereira de Barros alegando que, já vivendo os índios como outros nacionais, as terras não aproveitadas pelos mesmos deveriam ser revertidas para outros nacionais (ROCHA, 2000) (BATISTA, 2019, p. 89).

Em decorrência dessa política, foram criados núcleos com o objetivo de receber os imigrantes. A planta a seguir mostra a localização desses territórios recém-criados nas províncias do Espírito Santo e do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Planta da província do Espírito Santo



Fonte: Franceschetto (2014).

Tendo em vista a delimitação do universo da pesquisa, cujo foco é a História Local de Venda Nova do Imigrante, as reflexões se voltam para colônia de Rio Novo, pois recebeu imigrantes que posteriormente migraram para outra colônia, conforme descrito no item a seguir.

### 3.1.1 Colônia de Rio Novo: emancipação e criação da colônia de Castello

De acordo com Derenzi (1974), ao chegarem no Espírito Santo, os imigrantes italianos eram alojados inicialmente na hospedaria da província, Pedra D'Água, no território de

Vila Velha. O referido autor descreve a pequena hospedaria como um espaço que comportava cozinha, enfermaria e dormitórios, para que os imigrantes pudessem passar a quarentena caso fosse necessário, constatar doenças, serem alimentados e aguardarem até serem encaminhados para os novos destinos.

Ainda segundo Derenzi (1974), as viagens até os núcleos de destino eram intensas, ocorrendo em vários dias de caminhadas a pé e, quando chegavam ao destino, os viajantes se alojavam em galpões com amontoados de outras famílias, deixando a desejar no conforto e na higiene. Ao receberem os pequenos lotes, deparavam com terrenos pedregosos ou em pântanos, situados em meio à floresta.

Lazzaro, Coutinho e Franceschetto (1992) mencionam, além da dificuldade com a terra, a limitada convivência entre os colonos pela variação de etnias que compunham o território, fator também que afetou na abertura de escolas e conseqüentemente no aprendizado da língua portuguesa.

A partir de 1880, com a chegada dos italianos trentinos à região da colônia de Rio Novo, bem como o aumento populacional, foi decretada a emancipação da colônia de Rio Novo, que passava por problemas sérios de administração, péssima qualidade das terras destinadas aos colonos e terrenos considerados impróprios para a sobrevivência, tornando-se, em decorrência, propriedade do Estado.

A criação da Colônia de Rio Novo não nasceu para responder às exigências de povoamento da Província, mas sobretudo para fornecer mão-de-obra à grande propriedade latifundiária, porém reconhece que no seu final, também a Colônia de Rio Novo poderá ser considerada uma colônia que contribuiu para o povoamento do Espírito Santo e para ocupação de seu território. (GROSSELLI, 1987 *apud* LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCETTO, 1992, p. 11).

A colônia de Rio Novo, até sua emancipação, era dividida em cinco territórios. Para acolher os imigrantes, foi aberto um novo núcleo, núcleo colonial Castello, que se localizava nas terras do Rio Benevente, na fronteira da colônia de Rio Novo, partindo das terras III e IV.

Para chegarem ao núcleo colonial, os imigrantes desembarcavam nos portos de Itapemirim e Benevente, muitos terminavam nas fazendas ao redor de Cachoeiro de Itapemirim e alguns se reuniam com seus parentes nas terras da ex-colônia. De acordo com Grosselli (2008), apesar das sucessivas reivindicações dos indígenas



pela posse das terras, a colônia de Castello progredia rapidamente, destacando-se no país devido à sua organização econômica, à produção do café, à criação de gado e à produção de derivados.

[...] a Colônia Castello fora dividida em 418 lotes, distribuídos em seis seções denominadas: Cachoeirinha, Alexandrina, Mathilde, Carolina, Maravilha e Iracema. Nessas seções em 1881 haviam 262 lotes ocupados, 55 lotes devolutos e 100 lotes indicados. [...] pequenos mananciais que escaparam à primeira etapa da colonização foram utilizados e neles fundados seções novas denominadas: Urânia, Virgínia, Guiomar, Araguaia e Iiritimirim. (LAZZARO, COUTINHO, FRANCESCHETTO, 1992, p. 17)

Havia regiões que não entraram na demarcação de terras do governo para criação de colônias, como o caso de Cachoeiro de Itapemirim, que, desde o início do século XIX, quando era dominada pelos indígenas Puris, tornou-se alvo dos desbravadores atraídos pelo ouro da região. O povoamento da região aconteceu quando o Espírito Santo ainda era uma capitania e estava sob comando do donatário Francisco Alberto Rubim.

Por determinação do governador, para garantir a proteção do povoamento que foi se formando, um patrulhamento era realizado, formado em sua maioria por negros livres. Esses patrulhamentos se estendiam pela região e, a partir deles, muitos núcleos populacionais foram se formando com pequenas agriculturas.

A Lei Provincial nº 11, de 23 de Novembro de 1864, elevou a Freguesia ou distrito Paroquial de São Pedro do Cachoeiro de Itapemirim à categoria de Vila, cujos limites estendiam-se até os Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. No entanto, a nova Vila só veio a separar-se definitivamente de Itapemirim a 25 de Março de 1867, data da instalação de sua primeira Câmara Municipal. Na sessão de instalação da Câmara Municipal de Cachoeiro [...]. (DECOTHÉ, 2017)

Os núcleos criados na região serrana do território de Cachoeiro de Itapemirim, de acordo com Lazzaro, Coutinho e Franceschetto, (1992, p. 18) foram: núcleo do Espírito Santo do Rio Pardo (1889 – Muniz Freire), núcleo Costa Pereira (1889 – Conceição do Castelo), núcleo de São Pedro de Venda Nova (1891) e núcleo da fazenda do Centro (1909 – Castelo). O atual município de Venda Nova do Imigrante estava inserido no núcleo de São Pedro de Venda Nova.

### 3.1.2 “La terra grassa”: terra de quem?

Entre os imigrantes que chegavam à colônia Castello, muitos não ficavam satisfeitos com a qualidade da terra e localização, principalmente aqueles que se alocaram em Matilde e Araguaia. Esses fatores foram determinantes para o abandono dessas terras e a conseqüente migração para região que hoje chamamos de Venda Nova do Imigrante.

O município de Venda Nova era, na época, parte do Aldeamento Imperial Afonsino, fundado em meados do século XIX para a proteção dos índios Puris, pertencendo a Cachoeiro de Itapemirim. Em 1871, pela lei provincial nº 09, o aldeamento foi elevado à categoria de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aldeamento Imperial Afonsino.

Em 1888, Venda Nova correspondia às seguintes fazendas: Pindobas, Providência, Lavrinhas, Tapera, Bananeiras e Viçosinha. Os povos indígenas foram se afastando e, com a abolição, as fazendas entraram em decadência, sendo divididas em lotes e vendidas para os imigrantes que foram atraídos pela fertilidade da terra, chamando-as de terra gorda, em italiano “*la terra grassa*” (LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCHETTO, 1992)

Com o fim da escravidão, muitos grupos de negros foram se estabelecer em matas com propriedades de subsistência. O governo promoveu perseguições a esses grupos, alegando que as terras deveriam ser vendidas ou doadas para imigrantes italianos e alemães (MACIEL, 2016). Parcelas da população pobre, formada por homens pretos e mestiços livres, trabalharam como mão de obra nas terras dos colonos imigrantes que foram adquirindo terras.

É necessário ressaltar a incontestável diferença entre as trajetórias históricas pós-abolição dos negros e dos imigrantes brancos recém-chegados. Isto é, comenta-se que os imigrantes chegaram pobres e, ao longo do século XX, melhoraram suas vidas, colocaram seus filhos nas escolas e atualmente representam parte importante da população economicamente bem situada ou que chegou aos postos de poder político e social. Enquanto isso, os negros permaneceram pobres [...] (MACIEL, 2016, p. 113-114).

As primeiras famílias de migrantes italianos — Altoé, Caliman, Falchetto, Sossai e outras — chegaram a Venda Nova no ano de 1892 com dinheiro que haviam juntado

da venda de grãos plantados nas terras de Matilde e Araguaia. Cerca de 20 famílias aproximadamente, originárias da província de Treviso, ao norte do território italiano, ao chegarem na região, depararam com lavouras de café e um solo propício para o cultivo de milho e outros grãos.

Os imigrantes juntavam-se para construir escolas, igrejas, estradas, cooperativas, associações e sindicatos. A vida religiosa e os fortes traços da cultura italiana mantiveram Venda Nova até a as primeiras décadas de 1900 como uma região que, em sua maioria, falavam a língua italiana, mais precisamente o dialeto talian, variação da língua vêneta.

No final do século XIX, posteriormente à escravidão, o número de negros no Espírito Santo era significativo para a formação populacional do Estado. Segundo Maciel (2016), em 1980 pesquisas apontavam que os negros constituíam 45% da população, porém somados aos mestiços atingiam 65%. Ainda conforme o autor, o Estado tinha e ainda tem três grandes áreas de concentração de população negra, São Mateus, Vitória e Cachoeiro de Itapemirim, essa última contemplava as fazendas do território de Venda Nova. O Espírito Santo recebeu negros diretamente da África e de outras regiões do Brasil.

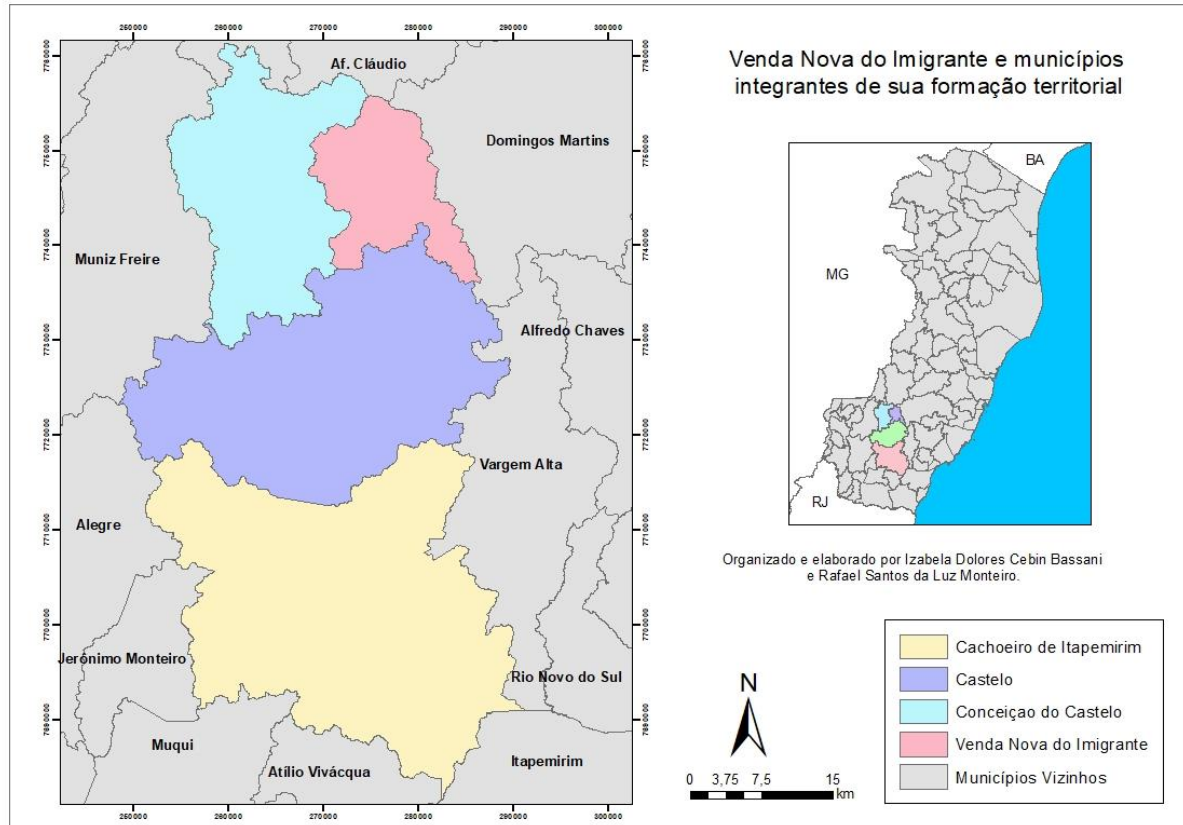
Isso significa que para compreender a origem dos negros capixabas do século XX deve-se também considerar a movimentação migratória dos grupos negros que chegaram vindos de outras regiões do País e as miscigenações diversas ocorridas ao longo do tempo (MACIEL, 2016, p. 54).

Portanto, pensar na origem do negro capixaba e na população negra durante o século XX é pensar em muitas etnias africanas, somadas também à miscigenação indígena e europeia.

Com a abertura da BR262 na década de 1950 do século XX, ocorreram transformações na região, incluindo mudanças sociais, culturais e políticas. Entre as mudanças políticas ocorridas, destaca-se o fato de que a região de Castelo, que anteriormente pertencia à grande região de Cachoeiro de Itapemirim e que fora anteriormente desmembrada em 1928, viu, no ano de 1964, a região de Conceição do Castelo emancipar-se. Nesse movimento, Venda Nova tornou-se distrito de Conceição do Castelo.

O mapa a seguir mostra a área territorial dos municípios citados que foram desmembrando-se de Cachoeiro de Itapemirim.

Figura 2 – Venda Nova do Imigrante e municípios integrantes de sua formação territorial



Fonte: Monteiro e Bassani (2021).

Em meados dos anos 1980, com o crescimento demográfico e econômico que fluía na região, se intensificou o desejo da comunidade pela emancipação política de Venda Nova. Assim, por meio da Lei nº. 4.069, de 6 de maio de 1988, Venda Nova foi elevada à categoria de município, tornando-se Venda Nova do Imigrante<sup>9</sup>.

O município, ao longo de sua história procurou manter os costumes dos povos que chegaram para ocupar as terras, com vocação para a agricultura, bem como fortes traços culturais de seus antepassados. Essa tradição contribuiu para que o município de Venda Nova do Imigrante recebesse, no ano de 2006, do Ministério do Turismo, a nomeação de Capital Nacional do Agroturismo. Essa nomeação possibilitou que o

<sup>9</sup> O nome Venda Nova fazia referência a uma pequena mercearia que existia no local, que foi reformada e ficou conhecida como Venda Nova. Mais tarde, ao se tornar município, para não ser confundida com outras localidades brasileiras e por conta da imigração, o município passou a se chamar Venda Nova do Imigrante.

município implementasse uma modalidade do turismo rural, assentada na agricultura, culinária e lazer, com consequente abertura para visitação de turistas. Assim, Venda Nova do Imigrante conta hoje com uma rota de agroturismo que recebe turistas para provarem iguarias como socol, queijos, caf es, compotas, massas, vinhos, cachaças, produções   base de polenta<sup>10</sup>, além de festas e eventos que procuram manter viva a tradição e os costumes dos imigrantes. No entanto, ocorre certo eurocentrismo, visto que esses costumes são predominantemente de imigrantes italianos.

Assim, o que se observa é que muito se discute e enfatiza a colonização do imigrante italiano, como se anteriormente outros povos, como indígenas, negros e portugueses, não vivessem na região. No entanto, entende-se que os indígenas foram os primeiros habitantes dessas terras, assim como de todo território brasileiro. Portanto, assevera-se, de imediato, a relevância e os propósitos da presente pesquisa: buscar nas vozes, nos saberes e fazeres de professores de História, atuantes no ensino médio do município, subsídios teórico-práticos que possam contribuir para dar visibilidade a outras culturas na construção das identidades vendanovenses.

Exemplificando a existência, apesar do silenciamento, de outras culturas, a Figura 3 a seguir apresenta uma matéria do jornal *Folha da Terra de Venda Nova do Imigrante*, do ano de 1996, desvelando registros encontrados na região que faziam parte do cotidiano dos nativos. Assim, conforme já discutido anteriormente, o Aldeamento Imperial Afonsino catequizava os  ndios Puris, que abandonavam a área ao manterem contato com os portugueses. No entanto, não encontramos registros dos motivos que levaram tais povos indígenas ao abandono das terras.

---

<sup>10</sup> Alimento feito com fubá de milho, base da alimentação dos imigrantes que chegaram à região no século XIX. A polenta tornou-se símbolo da cidade a partir da criação da Festa da Polenta em 1979, atraindo inúmeros visitantes todos os anos.

Figura 3 – Edição nº 98 – março/96 do jornal Folha da Terra

Projeto Conhecendo Venda Nova do Imigrante FOLHA DA TERRA 07 Edição nº 98 - Março/96

# HISTÓRIA

## A ocupação de Venda Nova do Imigrante

### Índios - Os primeiros habitantes da nossa terra

**A**ntes que os imigrantes italianos descobrissem os encantos de Venda Nova, e aqui construísem o que vemos agora, pisaram nestas terras os índios, os portugueses e os negros. E mesmo que não tenham deixado marcas visíveis, eles fazem parte da história da ocupação do solo vendanovense.

Para contar a história de Venda Nova, fomos buscar com pesquisadores da cidade indícios das mais remotas ocupações. A mais antiga de que se tem notícia é a ocupação pelos índios. Pouco se sabe sobre o assunto, mas o que conseguimos, estamos registrando e acreditamos que servirá de base para futuros pesquisadores buscarem mais informações.

Esclarecemos que estamos abertos para registrarmos descobertas que ainda não chegaram ao nosso conhecimento e aceitamos sugestões e materiais que venham contribuir com o projeto. Está colaborando com o projeto, a professora Claudete Paste, que já iniciou um trabalho de pesquisa histórica do município e que agora o retomará para dar respaldo ao nosso trabalho.

Os índios são os primeiros habitantes de nosso país e alguns indícios levam a crer que também foram os primeiros a ocupar Venda Nova do Imigrante. O que comprova essa teoria, são as pedras de machadinha encontradas nas propriedades de Máximo Lorenção, na Tapera, de Máximo Falqueto, em Lavrinhas, e em vários outros pontos do município.

Máximo Lorenção conta que as pedras foram encontradas por volta de 1942, em uma área de menos de um hectare de várzea. Nesta área não existia mata e já era um capocirão quando o seu pai, Francisco Lorenção, chegou e ocupou as terras na Tapera em 1908. As pedras foram levadas para uma análise antropológica na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), que comprovou serem realmente utensílios indígenas.

Muitas pessoas da região contam fatos que permanecem da tradição e do contato dos primeiros moradores do Alto Castelo (como era chamado Venda Nova inicialmente), com os últimos índios que aqui viveram, porém ninguém possui documentação que comprove os fatos narrados. Resta-nos acreditar na tradição, que passa de pai para filho pelas gerações.

Baseado nestas histórias, o advogado José Caco Fontam, de Conceição do Castelo, reuniu muitos dados sobre a presença indígena na região, visto que lá era a sede do Aldeamento Imperial Alfonsino, onde os Padres Jesuítas faziam catequese dos Índios Puris, que viviam por essas terras de Venda Nova.

Segundo conta Fontam, ele realizou uma minuciosa pesquisa junto aos cartórios e museus do Estado, chegando a visitar o Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro, onde conseguiu alguns documentos. Os índios que viviam aqui, a medida que mantinham contatos com os portugueses iam abandonando suas áreas e aos poucos foram se afastando para o interior, região de Muniz Freire e Iúna, buscando isolar-se. A sede do aldeamento imperial, conforme relata, ficava possivelmente onde hoje está a Igreja Matriz de Conceição do Castelo. Essa tese é comprovada por uma bica d'água que existiu até a bem pouco tempo, em suas residências, que fica bem próximo à igreja e, que servia para mover uma máquina de beneficiar café.

José Fontam tem trabalho sobre a história de Conceição do Castelo a ser publicado, e deverá ser um de nossos maiores colaboradores também na história dos portugueses, a ser tratada no próximo fascículo.

*Elas foram encontradas a muito tempo, somente em um local, onde já existiam indícios de trabalho na terra. Atualmente o Museu da Casa da Cultura abriga vários exemplares das pedras indígenas, assim como vários utensílios que fizeram parte do dia-a-dia das famílias dos imigrantes.*

*O produtor rural Máximo Lorenção exibindo algumas pedras encontradas em sua propriedade, na Tapera.*

*Em Lavrinhas, por volta de 1942 o produtor Silvano Falqueto também encontrou uma machadinha de pedra, que guarda com cuidado até hoje.*

### A herança do povo indígena

Depois que os índios por aqui estiveram, vieram os portugueses, os negros e finalmente os italianos. E, apesar de hoje os costumes dos imigrantes serem cultuados, isso está acontecendo a pouco tempo, pois a comunidade vendanovense sofreu transformações muito grandes, em meados do século, com a construção da BR 262, o advento da televisão e a entrada de outros meios de comunicação. Elas podem ser observadas no dia-a-dia da família vendanovense.

**\* ALIMENTAÇÃO** - O uso de frutas, raízes e peixes na dieta são hábitos indígenas, não se sabe exatamente se no caso de Venda Nova foi herdado dos índios locais ou se assimilados pelos meios de comunicação. São eles: araçá, maracujá, jaboticaba, milho, mandioca, traíra (peixe), anta, tatu, etc...

**\* VOCABULÁRIO** - Tapera, Pindobas, nomes de localidades do município, são nomes indígenas.

**\* COSTUMES** - Rede (no caso de Venda Nova é bem possível que o hábito tenha vindo do nordeste via televisão, pois não se sabe se os antigos usavam redes e os vendanovenses usam mais para ornamentação do que para dormir).

- Gamela de madeira e pilão (existe a teoria de que quando o imigrante chegou, estes objetos poderiam estar disponíveis, então foram usados e até hoje existem residências que usam).

Fonte: A ocupação... (1996).

Os portugueses já estavam na região desde a colonização, porém as fazendas que pertenciam a eles foram vendidas em lotes para os imigrantes italianos, que criaram raízes na região e projetaram seus costumes. No entanto, Conceição do Castelo mantém até hoje características portuguesas, já que aquelas terras foram mantidas pelas famílias que inicialmente as colonizaram.

Apesar de ser pouco explorado, conforme evidencia a existência dos poucos registros encontrados, também há indícios de que a presença dos negros contribuiu para o que hoje é Venda Nova do Imigrante. Assim como em todo Brasil colonial, através dos braços dos negros casarões e plantios foram construídos e cuidados, gerando riquezas para os portugueses.

Algumas narrativas destacam a existência de um quilombo nas terras da fazenda de Pindobas. “O local é conhecido como Quilombo, mas não era um local onde os negros viviam, só o utilizavam para esconder-se das perseguições, por ser de difícil acesso” (ANDREÃO, 1996).

Com a abolição da escravatura, no ano de 1888, os negros também foram em busca de oportunidades. Muitos mudaram-se para o Rio de Janeiro, Muniz Freire e Vargem Grande, como consta no jornal *Folha da Terra*, de maio/96. Os que ficaram na região, concentraram-se em grande maioria na região do Camargo, divisa com Conceição do Castelo, distrito de São João de Viçosa.

Assim, com a chegada dos imigrantes italianos, poucos negros estavam na região e, nesse sentido, mantinham contato com os novos colonizadores. Como não havia escolas, as primeiras expressões aprendidas pelos italianos foram no contato do dia a dia com os negros, que viviam em algumas terras trabalhando para os imigrantes como mão de obra assalariada.

Com a chegada dos imigrantes italianos e conseqüente aumento da população, houve a necessidade de criar escolas para seus filhos, como veremos a seguir na trajetória educacional de Venda Nova.

### 3.2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Conforme salientam Lazzaro, Coutinho e Franceschetto (1992), até o final da década de 1920, a educação era de responsabilidade exclusiva dos estados, que possuíam autonomia financeira e pedagógica para implantação de escolas e metodologias aplicadas. No entanto, no final do século XIX e início do século XX, a educação dos filhos de imigrantes italianos em Venda Nova do Imigrante era feita primordialmente



dentro das famílias, que, apesar de serem compostas em sua maioria por homens e mulheres analfabetos e semianalfabetos, viam a educação como meio fundamental para mudança de vida, já que chegaram ao Brasil lutando contra uma realidade miserável.

No seio familiar, apenas o dialeto italiano era utilizado; o contato com o português começava inicialmente no catecismo e posteriormente nas escolas. Conforme sinalizam Zandonadi (1992) e Falchetto (2017), ao socializarem entrevistas realizadas com antigos moradores do município, o contexto histórico educacional desenvolvido pelas famílias de imigrantes italianos que chegaram à região começavam quando elas contratavam professores de regiões próximas que frequentemente iam até as casas ou moravam por um tempo dentro das casas dos próprios imigrantes para poder ensinar o português.

O livro *Lembranças Camponesas: tradição oral dos descendentes de imigrantes Italianos em Venda Nova do Imigrante*<sup>11</sup>, de Lazzaro, Coutinho e Franceschetto, relata que as dificuldades de acesso à escolaridade básica eram enormes para as famílias carentes de recursos. “Naquela época non tinha professor, era muito difíci. Conforme as comunidades a gente pagava um professô, uma profesora, para insiná aqueis aluno. [...] Num tinha nem caneta nem lápis naquela época, nem caderno”, narra José Poletto, em entrevista cedida a Lazzaro, Coutinho e Franceschetto (1992, p. 60).

Para grande parte das famílias dos imigrantes, a educação era vista como caminho para progredir economicamente, sair da roça e ter acesso a direitos sociais e políticos, porém a necessidade de mão de obra na roça e a tardia chegada das escolas na região impediam grandes mudanças. A educação, no início do século XX, ainda era elitizada, pois apenas uma parcela da população conseguia abrir mão dos filhos nos trabalhos desenvolvidos na roça, em tempo exclusivo de plantação e colheita, para permitirem que fossem para a escola.

---

<sup>11</sup> *Lembranças camponesas* utilizou entrevistas orais, respeitando nas transcrições das entrevistas o dialeto local e/ou bilinguismo — adaptação de fonemas da língua portuguesa para os fonemas de dialetos italianos. A variante linguística presente nas entrevistas é o talin, variação da língua vêneta, produto da imigração com fusão entre a língua italiana, predomínio da língua vêneta e forte contribuição do português.



Em virtude da falta de instituição pública que oportunizasse o ensino para toda população, de acordo com o Plano Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante (PMVNI) implantado pela Lei nº 1.193/2015, quatro comunidades ao redor de Venda Nova se organizaram buscando solução para a falta de escolas (VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2015). Os eixos<sup>12</sup> — assim nomeados pelo PMVNI — funcionavam desarticulados um dos outros e eram conduzidos com o esforço solidário da comunidade.

De acordo com Derenzi (1974), a partir de 1897, nas principais fazendas de Pindobas, Alto Caxixe Frio e São João de Viçosa, começaram a formar-se os primeiros núcleos de estudo, estendendo a possibilidade de ensino para um número maior de jovens que não tinham condições de ir para outras regiões ou pagar por professores particulares. Esses primeiros grupos de estudos foram a gênese da educação institucionalizada do município.

Tiveram os colonos grande preocupação com a educação dos filhos. Clamaram sempre por escolas. E os governos surdos. Em vários patrimônios ou sedes de municípios, os italianos construíram escolas e pagaram professores. Depois os políticos, por mera demagogia, acusaram tanto os italianos quanto os alemães, de racismo pelo fato de os filhos não saberem falar a língua nacional e frequentarem escolas de suas origens (DERENZI, 1974, p. 138)

Assim, a primeira escola<sup>13</sup> se localizava em Pindobas, criada no ano de 1897, na residência do senhor Nicolau Cola e tinha como professor Antônio Azeredo Coutinho, de origem portuguesa. No livro *Lembranças camponesas* encontram-se duas narrativas opostas quanto à questão de gênero na escola; “[...] os pais mantinham os meninos trabalhando na lavoura e as meninas é que iam para escola” (LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCETTO, 1992, p. 145). No entanto, no mesmo livro, consta uma entrevista cedida aos autores por Celeste Altoé Del Puppo, segundo a qual os homens aprendiam a ler e escrever para saberem como negociar mercadorias e as mulheres aprendiam apenas a assinar o próprio nome.

---

<sup>12</sup> Os eixos se referem a comunidades atuais de Venda Nova do Imigrante: Pindobas, Venda Nova (sede), Alto Caxixe Frio e São João de Viçosa.

<sup>13</sup> Denominaremos aqui escola o espaço com o objetivo de formar os indivíduos, educar e trabalhar seus aspectos cognitivos, sociais e culturais, sabendo que esses espaços, no início de suas formações, não eram institucionalizados.

Podemos inferir, na fala da Celeste Altoé Del Puppo, a presença do patriarcado em que mulheres eram educadas para desenvolver atividades voltadas para o espaço privado e os homens para desenvolverem atividades voltadas para o público. Conforme I. B. Faria (2018), a educação das meninas referia-se aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, enquanto os ensinamentos masculinos referiam-se à esfera pública, como o mundo do trabalho profissional e a atuação na política. Nessa mesma direção, Ferreira (2008, p. 119) narra a entrevista cedida por Marli Rigo:

Quanto à educação escolar, o privilégio era dado aos homens. Segundo relato de Marli Rigo, filha da professora primária da região de Venda Nova do Imigrante e de Conceição do Castelo durante vários anos, Dulce de Melo Rigo, que lecionou em duas fazendas da região, Montealverne e Pindobas, a partir de 1928, quando os descendentes de imigrantes mandavam as filhas para a escola, só o faziam durante o tempo suficiente para elas aprenderem a assinar o nome, ler algumas palavras e fazer as quatro operações aritméticas.

As salas de aulas eram mistas, como consta no primeiro diário de 1921 (Figura 4), da primeira turma da escola na sede de Venda Nova. A escola, que no dia 7 de abril de 1921 foi oficializada e elevada à categoria de Escola Mista de São Pedro pelo então governador do estado do Espírito Santo, Nestor Gomes, por meio do Decreto nº 4.301 (publicado no Diário Oficial no dia 08 de abril de 1921), teve sua sede construída com trabalho voluntário. A escola passou por várias denominações, até que, em 2001, recebeu o nome de Escola Domingos Perim, em homenagem ao colonizador italiano que doou o terreno para a construção da primeira sede; ao longo dos anos, o espaço foi sofrendo alterações.

Figura 4 – Diário de Classe

**Livro de chamada dos alumnos**

Mes de *Maio* de 1921. Municipio *Cachoeira de*

N. de ordem	NOMES	N. da matricula	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
1	<i>Anna Minetti</i>	31																					
2	<i>Anna Perin</i>	27																					
3	<i>Amelia Pasti</i>	24																					
4	<i>Adelaide Bragatto</i>	22																				T	T
5	<i>Amalile Mascarello</i>	17																				T	T
6	<i>Lucia Sossai</i>	3																					
7	<i>Maria Pregnolato</i>	12																					
8	<i>Palmyra Pregnolato</i>	13																					
9	<i>Santa Del Puppo</i>	9																					
10	<i>Freza Lourencon</i>	5																					
11	<i>Allen Sossai</i>	10																					
12	<i>Guirino Mascarello</i>	19																					
13	<i>Guarino Cola</i>	26																					
14	<i>Henrique Del Puppo</i>	7																					
15	<i>Julio Sossai</i>	2																					
16	<i>José Del Puppo</i>	8																					
17	<i>José Lourencon</i>	14																					
18	<i>João Minetti</i>	30																					
19	<i>Severando Anastacio</i>	6																					
20	<i>Severgilio Pasti</i>	23																					
21	<i>Mario Bragatto</i>	21																					
22	<i>Mario Lourencon</i>	4																					
23	<i>Narciso Lourencon</i>	16																					
24	<i>Octavio Martenuzzi</i>	20																					
25	<i>Octavio Perin</i>	28																					
26	<i>Pedro Sossai</i>	1																					
27	<i>Vicente Sossai</i>	11																					

*Sanctificado* (vertical, column 5)  
*Domingo* (vertical, column 7)  
*Servado* (vertical, column 12)  
*Domingo* (vertical, column 15)

Fonte: Acervo da autora (2021), a partir do registro da Escola Domingos Perim (1921).

Na formalização da escola em 1921, foi nomeada a primeira professora, Maria Dinorah Waitt. Com 35 alunos matriculados na primeira turma, a dificuldade em aprender a

língua oficial do Brasil dificultou a aprovação no final do ano, como relata o Senhor Augusto Minette (VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2015, p. 18), aluno da turma de 1921:

A gente tinha muita dificuldade de entender o que a professora falava. Ela ensinava em outra língua, o Português. É que a gente só falava o dialeto italiano. Primeiro, nós tivemos que aprender falar em português. Por isso, no final do ano, ninguém passou para o segundo ano.

Dalvina Pagotto Perim, em entrevista cedida a Lazzaro, Coutinho e Franceschetto, (1992), aponta que crianças e jovens frequentavam a escola até o quarto ano, pois depois não havia mais possibilidade de estudo na região e o trabalho na roça era extenso. Com o princípio da alfabetização e os aprofundamentos, a escola hoje chamada Domingos Perim e as escolas dos núcleos rurais foram passando por mudanças estruturais e metodológicas ao longo dos anos para que pudessem ofertar o ensino ginásial, começando com a quinta série e implantando gradativamente as demais séries até a oitava.

Em meados do século XX, muitos jovens deixavam o município de Venda Nova do Imigrante para prosseguir com os estudos em outros municípios. A alternativa era optar por seminários religiosos. Inúmeras congregações religiosas enviavam mensageiros de casa em casa para divulgarem as vocações e convidar meninos e meninas para estudarem em colégios de padres ou conventos de freiras. Cleto Caliman, que se tornou padre e figura de grande destaque em Venda Nova do Imigrante, foi uma das primeiras pessoas a sair de Venda Nova do Imigrante para estudar. Em entrevista cedida a Lazzaro, Coutinho e Franceschetto (1992), afirma:

Quem me ensinou a ler foi meu pai. Eu me lembro que um dia ele comprou um caderno de caligrafia número 3. Comprou também uma caneta, um tinteiro e me falou: “Olha, Cleto, você senta aqui e vai escrevendo.” Aí eu tentei desenhar as letras. Eu tinha 10 anos. Isso foi em 1924. Aí eu chamei minha mãe e ela falou: ‘Meu filho, eu ainda sou pior que você...’ Então quando meu pai chegou da roça ele perguntou: “O que é que você já escreveu?” Aí ele olhou e falou: “É, tem que mandar para o colégio.” Mas para ler foi diferente. Um dia ele apareceu com uma cartilha em italiano. Tinha o A, E, I, O, U, bem grande. Aí ele foi me ensinando as letras e ensinando a juntar as letras. [...] Aí ele arrumou uma professora que ficou comigo uns 15 dias Dona Virgínia Sossai. Quando meu pai viu que eu já lia bem me colocou no colégio. Isso foi em janeiro de 1925. Lá nós ficamos 4 anos estudando. Depois de 4 anos. Falei com meu pai que eu queria ser padre. E meu pai queria mais que eu. [...] a grande quantidade de religiosos que saiu daqui, não foi por pressão da família [...] foi devido ao espírito profundamente religioso e de respeito ao sacerdócio que eles trouxeram da Itália. [...] Vendeu naquela época por 1 conto e 200, para pagar minha anuidade lá em Jaciguá. **Então você vê o**

**conceito altíssimo que tinha pelo sacerdócio e também pelo estudo”**  
(LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCHETTO; 1992, p. 199, grifo nosso).

Os estudos nos seminários eram rigorosos e apresentavam, em suas metodologias, conhecimentos de línguas — latim, francês, italiano e espanhol —, filosofia e música. Os jovens que não tinham vocação religiosa voltavam para casa após adquirirem o conhecimento das línguas. “Os meninos voltavam com um grau elevado de estudo e tinham a mente aberta para absorver sem resistência as novidades, como técnicas de plantio e diferentes variedades de cultivo” (FERRARI, 2014, p. 18).

A formação dos jovens nos seminários durante o século XX reflete o contexto histórico-social de Venda Nova, quando poucos jovens podiam se desligar do campo para estudar em outras localidades. Além da ausência de vocação religiosa citada, a necessidade de auxiliar a família no campesinato impulsionava o retorno para suas casas, fortalecendo a agricultura familiar; quando muito, estudavam apenas até o primário na própria região, para aprender a ler e fazer as operações básicas de matemática, sem muito conhecimento de línguas e outras ciências. A população de Venda Nova do Imigrante, até meados do século XX, era composta, em sua maioria, pelas famílias de imigrantes e seus descendentes, porém também contava com as famílias afrodescendentes que se mantiveram na região após a transição de mão de obra escrava e com algumas poucas famílias que foram chegando à região para trabalhar na terra e em construções.

Nesse contexto, o trabalho voluntário com a educação e com os cuidados com a terra produtiva dessa região de montanhas trouxe um certo desenvolvimento econômico para a região e, nesse sentido, atraiu a chegada de máquinas, no ano de 1957, para a abertura da rodovia federal Presidente Costa e Silva, mais tarde BR262, ligando a comunidade a grandes centros como Vitória e ao estado de Minas Gerais, possibilitando assim o escoamento de produtos da agricultura local.

A comunidade experimentou um crescimento extraordinário, graças ao impulso dado pela rodovia. Surgiu então a necessidade de ampliar as escolas para atender à demanda da crescente população. Como alternativa para os jovens que não desejavam ir para os seminários, Padre Cleto Caliman desenvolveu o plano de criação de uma escola local que oferecesse ensino fundamental e médio (VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2015).



Com a implantação das escolas, outro desafio se colocou: a dificuldade dos imigrantes em aprender o português. Conforme salienta Derenzi (1974), a necessidade de os imigrantes aprenderem o português se acentua em decorrência das perseguições do governo brasileiro, porque a Itália, na Segunda Guerra Mundial, lutou contra o Brasil. Assim, com receios de represálias, as famílias foram abandonando a cultura e a língua de imigração e, aos poucos, aprendendo o português. Outro fator que influenciou no aprendizado do português foi o aumento do comércio com a abertura da rodovia federal ligando Venda Nova do imigrante a municípios e estados.

Assim, em 27 de julho de 1962, com a presença de Carlos Lindenberg, governador do estado do Espírito Santo, e de Dom Luiz Gonzaga Peluso, bispo diocesano, realizou-se o marco inicial de construção da escola com o lançamento da pedra fundamental, em um terreno às margens do que viria ser a BR262.

Figura 5 – Cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Escola Fioravante Caliman



Fonte: Terra (2015).

Assim, seis anos após e sob orientação pedagógica da Congregação Religiosa dos Padres Salesianos, o Instituto Salesiano Pedro Palácios foi inaugurado em agosto de 1968 e contou, conforme o Plano Municipal de Venda Nova do Imigrante (2015), com 52 matrículas.

Não era, no entanto, uma escola pública. Era paga e nem todas as famílias tinham condições de manter seus filhos no colégio. Mas o Instituto Pedro Palácios ganhou logo respeito em toda a região pela qualidade do ensino, e em 1982, o Instituto Pedro Palácios foi arrendado, passando para a rede estadual de ensino, com o nome de Escola do Primeiro e Segundo graus Fioravante Caliman (VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2015, p. 21).

As escolas em Venda Nova do Imigrante foram sendo ampliadas e institucionalizadas pelo estado devido ao crescimento populacional da comunidade. Além da educação estadual e municipal, em seus primeiros anos de emancipação política — 1988 —, surgiu também a primeira instituição de ensino privado da cidade, fundada pela Família Perim e nomeada Escola Fundação Deolindo Perim, ofertando, educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio.

Em 2000, um grupo de moradores, composto por 48 pais, criou uma cooperativa de ensino com objetivo de proporcionar uma boa educação com preço acessível. Nascia a Escola Coopeducar – Centro de Educação e Cultura Saber, também com as etapas educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio.

Devido ao empenho da sociedade e ao apoio político, em 2010 Venda Nova do Imigrante foi escolhida para abrigar uma unidade (*campus*) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), comportando a unidade da região das montanhas capixabas, com foco no desenvolvimento econômico e tradicional da região, integrados ao ensino médio.

Paralelamente ao desenvolvimento econômico e social do município, observa-se que houve, também, uma grande preocupação em buscar e preservar a cultura e as tradições dos antepassados, com ênfase nos imigrantes italianos. Exemplifica, nesse contexto, a criação da Associação Festa da Polenta (Afepol), Casa da Cultura e outras entidades sem fins lucrativos, com a participação do trabalho voluntário de membros da sociedade vendanovenses, que iniciaram o trabalho de buscar pelas histórias, lutas e trajetória dos imigrantes, revivendo a arte, a culinária, os costumes e a tradição.

Na mesma direção, para manter viva a língua italiana e o dialeto talian, associações em contato com as escolas buscaram resgatar antigas músicas e canções que eram cantadas pelos imigrantes em locais como o pátio da igreja, em festas comunitárias, apresentações teatrais, coros infantis e encontros de famílias.

A parceria das associações com as escolas tinha como objetivo contratar um maestro que se dirigia a cada unidade escolar formando corais para ensaiar cantos folclóricos italianos e, dentro de alguns meses, apresentavam-se num evento chamado Resgate da Cultura Italiana. Esse trabalho foi desenvolvido entre os anos de 2001 e 2009.

Com a parceria encerrada em 2009, a Afepol manteve dois projetos voltados para as cantarolas italianas — Coral Santa Cecília e Coral Sol da Manhã, criados respectivamente em 1944 e 1991 — que vêm se apresentando publicamente na Festa da Polenta e em outros eventos culturais dentro e fora do município.

Em 2009, com o encerramento do projeto cultural entre Afepol e escolas, a Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante publicou a Lei Municipal nº 867, de 30 de dezembro de 2009, instituindo, no currículo das escolas municipais, o ensino da língua italiana:

Art. 1º - Fica instituído no currículo das escolas municipais do ensino fundamental, o ensino da língua Italiana que deverá ser implantado em caráter experimental pelo período de 01 (um) ano, para alunos do 2º até o 8º ano do ensino fundamental (VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2009).

As aulas eram realizadas a partir de um Convênio de Cooperação Técnica e Econômica com a Associação de Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo (Alcies). Para tanto, a referida associação patrocinava o material didático e ministrava curso na área de língua italiana, porém o projeto se extinguiu em 2012. Nesse mesmo período, as escolas da rede estadual local também aderiram às aulas de língua italiana na grade curricular. O projeto foi finalizado a partir da falta de professores habilitados.

Com a finalização do referido projeto, a Afepol atualmente vem auxiliando com materiais didáticos, um curso privado em Língua Italiana que acontece na sede da associação. Também está sendo formado em Venda Nova do Imigrante um núcleo de estudos da língua talian com a participação de pessoas da comunidade que sabem a língua de imigração, apoiado pela Casa da Cultura, pela Associação Trevisani Del Mundo Venda Nova do Imigrante (ATMVNI) e pela Universidade Estadual do Centro Oeste/PR.

Observa-se que, embora sem a necessária explicitação de ênfase, dentro da perspectiva de manter a cultura local viva, não obstante a marcante imigração dos



italianos em Venda Nova do Imigrante, a cultura afro sempre esteve presente, formando a identidade do povo vendanovense. Nesse sentido, no ano de 2010, a Escola Fioravante Caliman desenvolveu um projeto — que originou o livro *História e Memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante* —, registrando, através de narrativas, a história de um povo que contribuiu para a formação social, econômica e cultural da comunidade.

Também o Ifes, por meio da Portaria nº 431, de 28 de setembro de 2017, criou o Núcleo de Estudo Afro-brasileiros e Indígena (Neabi), a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, com finalidade desenvolver ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas às temáticas das identidades, das relações étnico-raciais e do racismo no contexto de nossa sociedade multiétnica e pluricultural (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO [IFES], 2017).

No que se refere à atual realidade educacional básica de Venda Nova do Imigrante, o município oferta a educação infantil e o ensino fundamental I e II, distribuídos em comunidades rurais e na sede. O estado, através da Secretaria de Educação (Sedu), compromete-se com o ensino fundamental I e II, fundamental integral, ensino médio e educação de jovens e adultos. Ainda, a Escola Fundação Deolindo Perim e a Coopeducar contemplam as três etapas da educação básica e o Instituto Federal atende ao ensino médio profissionalizante técnico e ensino superior.

Não obstante o município de VNI contar com uma significativa rede escolar (pública e privada), capaz de atender os seus moradores, um conjunto de acontecimentos, na sociedade, acaba interferindo na permanência de alunos nas escolas regulares, principalmente por questões socioeconômicas. No entanto, mesmo enfrentando inúmeros desafios, a escola, os professores e as professoras se colocam na árdua tarefa que é a de pensar, refletir e teorizar sobre suas práticas de ensino, buscando superar limites, resolver problemas e ampliar horizontes de expectativas de seus estudantes, buscando por possibilidades de superar os desafios e contribuir para formar cidadãos com potencial crítico (UCHA, 2020), colocando em prática uma educação para todos.

Sendo assim, o professor tem que entender a educação como o historiador tem que entender a História (RÜSEN, 2001, p. 27). Em outras palavras, o ensino deve ser múltiplo, pautado na condução da conscientização histórica, dirigindo-se a mudanças e refletindo sobre o passado, o presente e o papel de cada um na sociedade em que vive. Portanto, um caminho possível e necessário para essa tarefa implica voltar os olhares, procurando por saberes e fazeres acerca da História Local, sua pluralidade cultural e seus impactos na construção da identidade de seus moradores. A busca por sinais e pistas por tais saberes e práticas é o desafio da próxima seção...

#### **4 A HISTÓRIA LOCAL EM PROPOSTA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE**

Embora as questões aqui analisadas em torno da História Local estejam longe de serem esgotadas, essa discussão vem se destacando pelas abordagens históricas no intuito de despertar e instigar outras perspectivas e possibilidades de metodologias alternativas de ensino em História. Pesquisadores como Maia (2018) e Aragão (2019) destacam a importância dessa linha de pesquisa e estudo para a contribuição e o fortalecimento das regiões e suas particularidades.

Conforme já mencionado anteriormente, ao discutir o ensino da História Local no processo de aprendizagem e na valorização da identidade do sujeito, buscamos direcionar este trabalho para a realidade do ensino médio em Venda Nova do Imigrante, município da região serrana do Espírito Santo, que, no final do século XIX, foi colonizado por indígenas, negros e portugueses e posteriormente por imigrantes italianos.

Espera-se fornecer subsídios que possam contribuir com a preservação da História de Venda Nova do Imigrante, assim como para a História da Educação na cidade, direcionando olhares para as transformações sociais locais (colonização, economia, cultura) no ensino de História Local.

A importância do estudo da História Local, por meio das narrativas dos professores de História do ensino médio de Venda Nova do Imigrante se justifica mediante o fato de que “[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, ela se perde quando as histórias não são mais conservadas [...]” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

As particularidades do local podem proporcionar uma leitura mais dinâmica, influenciando saberes e direcionamentos; por isso, buscamos compreender como a História Local, preservada no município de Venda Nova do Imigrante, está presente no ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares de História, desvelando saberes e fazeres de professores no trato de tais conteúdo.

Quando os estudantes passam a conhecer a sua história, a história de seus antepassados e a história da sua cidade, eles começam a compreender melhor o contexto no qual estão inseridos e têm acesso a instrumentos

capazes de intervir na sua realidade e de transformar o mundo no qual vivem (ARAGÃO, 2018, p. 38)..

Assim, conforme também já mencionado e em função do tema e das questões a ele referentes, adotamos História Oral Temática como metodologia de pesquisa em diálogo com a pesquisa bibliográfica. Segundo Bom Meihy (1996), a História Oral é um recurso de pesquisa eficaz, pois possibilita o registro de experiências, conhecimentos e práticas de pessoas sobre suas experiências e fazeres, além de ser um recurso moderno e conhecido por história viva. Portanto, neste trabalho, optamos pela modalidade de História Oral Temática, que, para Bom Meihy (1996), tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central (MEIHY, 1996, p. 41).

Assim, apoiamo-nos em um roteiro semiestruturado no intuito de estimular memórias e narrativas dos professores acerca de seus saberes e seus fazeres, em sala de aula, no desenvolvimento de atividades relacionadas à abordagem da História Local. Buscamos também narrativas que desvelam as potencialidades formativas dessa abordagem, como contribuições para a construção identitária dos estudantes com o seu local de vivência.

Em função da possibilidade de retomada da História Local para além dos anos iniciais do ensino fundamental, foi delimitado, nesta pesquisa, o enfoque no ensino médio. Assim, na busca por identificar como tem sido abordada a História Local na disciplina de História no ensino médio, foram realizadas quatro entrevistas com professores de História que lecionam nas escolas públicas e privadas de Venda Nova do Imigrante e que ofertam essa etapa de ensino: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Fioravante Caliman, Instituto Federal do Espírito Santo, Fundação Deolindo Perim e Coopeducar, Centro de educação e cultura saber.

#### 4.1 DOCENTES E SUAS MEMÓRIAS SOBRE SUAS PRÁTICAS E SEUS SABERES: CONHECENDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Ao iniciarmos as entrevistas e considerando que os entrevistados concordaram em serem identificados, pedimos-lhes que se apresentassem, a fim de deixá-los mais à vontade com a gravação. A primeira entrevistada foi a Professora Patrícia Pastori, que assim se apresentou:

Sou Patrícia Pastori, nasci em Castelo/ES. Estou trabalhando com educação desde 2006 [...] formei-me em 2005 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre. Tenho cinco pós-graduações: História Afro-brasileira e africana, Estudo profissional e técnico do Ifes, História do Brasil, História do Espírito Santo e tenho uma na área de informática. A pós da História do Espírito Santo eu fiz na Unirio [...] O conteúdo desta pós foi abordado de forma geral, destacando o período colonial, história de povoação, a chegada dos imigrantes que mais focou e que mais tem a ver com a história de Venda Nova e os povos nativos (PASTORI, 2021)<sup>14</sup>.

A professora Pastori (2021) trabalha na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Fioravante Caliman, única escola da rede pública estadual que oferta ensino médio em Venda Nova do Imigrante. Essa escola foi fundada no início da década de 1960 por iniciativa de Padre Cleto Caliman, tornando-se a primeira escola do atual município a ofertar o ensino de quinta a oitava série e ensino médio.

A narrativa de Pastori (2021) nos permite observar que a formação mais próxima ao contexto local se deu na pós-graduação com a temática História do Espírito Santo, que, de forma geral, tratava da história regional na colonização. Para Dias (2019), o estudo da História Local aproxima o historiador de seu objeto de estudo e insere no cotidiano os conteúdos curriculares, gerando maior identificação do estudante com a disciplina; isso não apenas para o aluno do ensino médio, mas também para o professor em sua formação docente.

Em sua entrevista, o professor Rodrigo Paste Ferreira também se apresentou, indicando uma maior experiência no contexto histórico local, conforme narra:

Me chamo Rodrigo Paste Ferreira, tenho 45 anos de idade, nasci em Afonso Cláudio/ES e trabalho com a Educação Básica desde 1996. Além da Educação Básica, também tenho experiência docente no ensino superior, na pós-graduação e em cursinhos pré-vestibular. Fiz minha graduação em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais, minha especialização

---

<sup>14</sup> A íntegra da transcrição dessa entrevista encontra-se no APÊNDICE A deste trabalho.

em História Moderna e Contemporânea pelo Centro Universitário São Camilo, fiz o meu mestrado em História Social das Relações Políticas pela Ufes, fiz meu doutorado fora do Brasil e revalidei pela UFRJ. O doutorado hoje revalidado pela UFRJ em História da Educação, mas trabalhando com a questão da Educação do imigrante italiano. Em minha dissertação do mestrado, eu trabalhei a história da mulher Imigrante italiana que virou um livro depois, foi um produto da minha dissertação de mestrado, focando a mulher Imigrante italiana na formação do núcleo Colonial São Pedro de Venda Nova. [...] No doutorado, continuei trabalhando com imigração, porém voltada para educação; a importância que os imigrantes e os descendentes de imigrantes italianos deram para a educação formal, educação sistemática, e como essa busca pela educação contribuiu no desenvolvimento do conhecimento de Venda Nova do Imigrante. Trabalhei essa questão da educação como precursora do desenvolvimento do município (FERREIRA, 2021)<sup>15</sup>.

Já em sua apresentação, o professor Ferreira (2021) destaca sua relação com a História Local de Venda Nova do Imigrante, município onde leciona e que faz parte de suas pesquisas. O referido professor leciona no Instituto Federal do Espírito Santo, *campus* de Venda Nova do Imigrante, inaugurado em 2010.

O professor Ferreira (2021) pesquisa sobre a imigração italiana no Espírito Santo e em Venda Nova do Imigrante desde 2005, quando começou o mestrado. Em suas narrativas, deixa transparecer que são aproximadamente 15 anos de pesquisas e produções acerca da história regional, leituras de vários autores e documentos, inúmeras entrevistas utilizando a metodologia de história oral e produções escritas como livro e artigos que foram possíveis após dedicação, curiosidade e interesse pelo assunto. Segundo ele, todos esses fatores o auxiliam em sua prática, para inserir a História Local, nesse caso, a História de Venda Nova do Imigrante em sala de aula, contribuindo para que tal atitude na utilização de metodologias de ensino voltadas para o ensino da História Local faça parte de sua própria identidade profissional.

A professora da escola Coopeducar, Centro de educação e culturas Saber, cooperativa de ensino fundada por pais em 2010, Rafaela Lopes Caliman, também se apresentou

Sou Rafaela Lopes Caliman, nasci em Castelo/Espírito Santo e atuo na educação há 23 anos. Minha primeira graduação foi em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais no ano de 1999. Em 2006, fiz uma complementação em Geografia pela São Camilo e agora estou cursando

---

<sup>15</sup> A íntegra da transcrição dessa entrevista encontra-se no APÊNDICE B deste trabalho.

Pedagogia. Sou pós-graduada em História e Cultura afro-brasileira, História do Brasil e História do Espírito Santo (CALIMAN, 2022)<sup>16</sup>.

Assim como Pastori (2021), Caliman (2022) também possui pós-graduação em História do Espírito Santo. Segundo Borges e Bitte (2017), os professores constroem suas identidades no exercício da docência, na prática da sala de aula, indo além de suas formações.

O processo identitário docente é uma construção permanente, permeada pelos diversos saberes com os quais o professor se relaciona no seu cotidiano. A atividade docente e, por conseguinte, a construção da identidade docente exige uma formação contínua e esse processo de formação não pode ser considerado e efetivado apenas por cursos formais, mas deve ser visto em toda a sua complexidade (BORGES; BITTE, 2017, p. 34).

Por fim, a professora Barbiero (2022), que atua na primeira escola privada de Venda Nova do Imigrante, Escola Fundação Deolindo Perim, fundada em 1988, se identificou e fez uma breve explanação de sua experiência

Meu nome é Maria Helena Mion Barbiero, sou da cidade de Castelo/ES e trabalho como professora desde 1991, sempre trabalhei com ensino médio e cursinho pré-vestibular. Trabalho na escola Fundação desde 2010. Fui professora efetiva do Estado, porém optei por continuar apenas no setor privado. Sou formada em Licenciatura plena pela Universidade Madre Gertrudes de São José, atual São Camilo em Cachoeiro de Itapemirim. Tenho pós-graduação em História Social geral realizado na cidade de Vassouras/RJ (BARBIERO, 2022)<sup>17</sup>.

Constatamos que Pastori (2021) e Caliman (2022) tiveram contato com a História do Espírito Santo na pós-graduação, quando foram debatidas questões relacionadas à colonização do estado do Espírito Santo. O professor Ferreira (2021), através das suas pesquisas, pôde direcionar seu olhar para o local de que estamos tratando, Venda Nova do Imigrante, realizando um recorte sobre a imigração italiana. Já a professora Barbiero (2022) destacou:

Não tenho nenhum curso da História do Espírito Santo, porém, no início da atuação como professora de pré-vestibular, época em que a Ufes cobrava a temática nos vestibulares, isso nos obrigou a fazer uma série de pesquisas para poder buscar as informações para os nossos alunos [...] Eu também acabei escrevendo um livro da História de Castelo, que envolve toda região, desde a história geral, história do Brasil, história do Espírito Santo e Castelo (BARBIERO, 2022).

---

<sup>16</sup> A íntegra da transcrição dessa entrevista encontra-se no APÊNDICE C deste trabalho.

<sup>17</sup> A íntegra da transcrição dessa entrevista encontra-se no APÊNDICE D deste trabalho.

Nesse sentido, as narrativas de nossos entrevistados nos desvelam a atribuição de destaques para a formação local, ao mencionarem as especializações e as produções acadêmicas realizadas.

Conforme Borges e Bitte (2017), saberes necessários ao exercício da docência são plurais e estão intimamente interligados, em que um influencia e é, ao mesmo tempo, influenciado pelos demais. Assim, os saberes disciplinares trabalhados nos cursos de especialização e pós-graduação acabam por repercutir e impactar nos saberes da experiência, que se materializam, via de regra, no exercício da função docente. Assim, mais uma vez, justifica-se a busca por socializar saberes e fazeres de tais docentes, no intuito de embasar e estimular outros docentes na produção, reprodução e mobilização de outros saberes que envolvam o ensino da História Local no ensino médio.

#### 4.2 PRÁTICA E EXPERIÊNCIAS: OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

No intuito de buscar uma melhor compreensão acerca da ênfase atribuída por nossos entrevistados ao ensino da História Local, perguntamos-lhes qual o significado, para eles, e a finalidade em trabalhar a História Local e Regional no ensino médio, como também se eles costumam utilizar essas abordagens, citando e lembrando algumas práticas utilizadas.

Nossa entrevistada Caliman (2022) narrou o cuidado e o interesse em trabalhar a História Local para que o aluno valorize sua própria história

Eu gosto de trabalhar com o entendimento que quando conseguimos compreender o próximo, o aluno consegue colocar mais sentido na História, pois se aproxima dele, da realidade dele. Sempre tive a prática de trabalhar a História Local com a finalidade de aproximar o aluno da sua história, como por exemplo o rio Itapemirim, citar as mercadorias que chegavam por ali para abastecer os tropeiros da nossa região, falar também do monumento dos tropeiros em Ibatiba. Tudo isso aproxima o aluno da História, porém não é fácil, pois não temos muitas fontes. Ao falar da diversidade brasileira, por que não começar pela nossa? (CALIMAN, 2022).

Falar dessa diversidade é trabalhar as diversas identidades presentes no município, indo na direção, que é a proposta deste trabalho, de buscar contribuições culturais no



processo de formação das identidades vendanovenses. À vista disso, Paiva (2019, p. 32) salienta que

[...] podemos observar as diversidades regionais e locais de uma nação culturalmente plural. E essa diversidade precisa ser explorada no ensino de História, não para criar fronteiras e regionalismos, mas para que os alunos percebam a integração cultural e a diversidade identitária existente na nação.

Os argumentos de Paiva (2019) reforçam o posicionamento de Pastori (2021), que aponta a importância em trabalhar a História Local para a formação dos sujeitos, porém ressalta a dificuldade em dar um espaço maior para os assuntos locais no ensino médio, tendo em vista a reduzida carga horária da disciplina e o extenso currículo.

Estudar sobre a História Local é bastante importante. Quando eu trabalhei na Prefeitura de Domingos Martins, por exemplo, existia um projeto voltado para o fundamental II de Educação no Campo, e dentro disso trabalhávamos a História Local, voltávamos a nossa prática para o contexto em que os alunos estavam inseridos (PASTORI, 2021).

A narrativa da professora Pastori (2021) revela sua experiência com a História Local em outros municípios, com ênfase para o ensino fundamental voltado para a Educação no Campo, cuja proposta diz respeito ao espaço rural em que os alunos estavam inseridos, mantendo relação com a história e realidade local. Ao se referir ao ensino médio, destaca:

No ensino médio, nós não temos tempo hábil para trabalhar de forma mais pontual sobre História Local, então a gente acaba fazendo pequenas inserções; estamos trabalhando um contexto mais amplo e trazemos para o Espírito Santo [...] a gente acaba priorizando o que vai cair no Enem [...] (PASTORI, 2021).

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é utilizado como critério de seleção para ingressar no ensino superior, seja federal, seja estadual, e há uma homogeneização curricular, já que a mesma prova é aplicada em nível nacional, tendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento que define os conteúdos aplicados na prova. Dessa forma, vamos ao encontro à contestação de Ucha (2020), que, ao analisar o ensino de História na BNCC ensino médio, no que se refere às competências e habilidades pré-estabelecidas, aponta que os assuntos não dialogam com a memória dos estudantes, tornando simplista o ensino de História e esvaziando o caráter crítico sobre as narrativas.

A BNCC é o documento oficial que orienta quais conteúdos devem ser trabalhados nas escolas em toda a educação básica. Após a reforma do ensino médio, 60% da etapa final da educação básica foi destinada à base composta por 13 disciplinas, enquanto os 40% restantes ficam divididos em cinco itinerários formativos pelos quais o estudante pode optar: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Profissional.

As disciplinas obrigatórias em todo o ensino médio são Língua Portuguesa e Matemática, enquanto as outras disciplinas, como História, são ofertadas ao longo dos três anos ficando a critério dos currículos estaduais. O documento intitulado *Currículo Básico Escola Estadual do Estado do Espírito Santo*, tendo como referência a BNCC, adota a mesma base composta por 13 disciplinas e os cinco itinerários formativos. Dessa forma, a disciplina de História dispõe de duas aulas de 50 minutos no segundo e terceiro ano do ensino médio por semana, somando 80 aulas anuais.

Com a nova reforma do ensino médio, a disciplina de História foi retirada do primeiro ano das escolas públicas. A escola em que Pastori leciona — Fioravante Caliman —, iniciou neste ano, 2022, a implantação do novo ensino médio, entretanto a entrevista realizada com a professora dessa escola ocorreu em 2021 quando ainda trabalhava com os primeiros anos. Por isso, e relembrando outras práticas, ela destacou:

No primeiro ano do ensino médio eu foco mais na **população indígena, nos nativos** e é o que dá para trabalhar na verdade. No segundo ano, dá para focar em mais coisas. Eu trabalhei na região de Pedra Azul e a região era muito voltada para esse contato entre raízes e o dia a dia deles, então lá nós conseguimos fazer um trabalho bem interessante. Infelizmente depois o tempo ficou mais corrido para atender outras demandas (PASTORI, 2021, grifo nosso).

A narrativa de Pastori (2021) também é compartilhada por F. A. Faria (2018), que acrescenta a esta redução de carga horária outro elemento importante: os materiais didáticos. Para o autor, os materiais didáticos utilizados no ensino médio são uniformizados e generalizam os processos históricos, afastando os estudantes de suas realidades, tornando-os espectadores passivos e anulando-os como agentes históricos. Não obstante, é possível observar também, nas narrativas de Pastori (2021), a preocupação em dar espaço para a temática de História Local e alternativas desenvolvidas para inserir os assuntos dentro dos conteúdos cobrados.

A referida professora lecionava nas séries iniciais do ensino médio e, por isso, promovia apontamentos voltados para a história dos nativos, “[...] falo, por exemplo, sobre a Gruta do Limoeiro [situada no município de Castelo/ES], que foi um importante espaço de preservação dessa população, e sobre os fósseis que foram encontrados lá [...]” (PASTORI, 2021). Essa narrativa sinaliza para o trabalho em sala de aula, com a diversidade cultural presente no espaço local, embora pouco se tem registro, como a história dos negros e dos indígenas, propiciando que os estudantes percebessem a existência de outras culturas e valorizassem a diversidade cultural por que é composta a sua identidade.

Ao se referenciar à atividade de ensino relacionada à gruta localizada no município de Castelo/ES, nos remete aos estudos de Albuquerque Júnior (2001) ao afirmar que o local não é delimitado pela localização geográfica do espaço, e sim por costumes, identidades, culturas, espaço dotado de significado e história. Então, por mais que o diálogo parta do município de Venda Nova do Imigrante, as histórias que compõem dialogam com outras histórias. “Uma realidade local não contém, em si mesma, as chaves da sua própria explicação” (SCHMIDT; CAIANELLI, 2004, p.112), pois as explicações históricas construídas dependem do diálogo entre as várias escalas, entre a região e o país, entre o país e o mundo, entre o mundo e o indivíduo. Nessa mesma direção, encontramos as narrativas de Ferreira (2021), segundo o qual o estudo e o reconhecimento do espaço em que estamos inseridos é fundamental para nos reconhecermos como sujeitos históricos e agentes transformadores:

[...] a gente conhece um pouco de tudo, e não conhece nada do lugar onde a gente está inserido dentro da sociedade. Então, a grande importância da História Local e da História Regional é mostrar para o aluno, é mostrar para o morador e para o cidadão local ou da região que fazemos parte de um contexto local que está inserido dentro de um contexto muito maior, nacional, global, e que nós não estamos alheios ao que está acontecendo ao nosso redor, e nós somos frutos de um processo [...] eu acho extremamente importante dar voz e mostrar essa história (FERREIRA, 2021).

Se o sujeito não conhece nada do lugar onde está inserido, como conhecer sua história? O professor Ferreira (2021) responde a essa pergunta ao dizer que mostra a história do lugar em que o aluno está para que ele se sinta um agente histórico, conseqüentemente um agente transformador e ativo. Essa postura dialoga com Aragão (2019, p. 32), ao afirmar que as memórias do passado, em diálogo com o presente, mantêm ou modificam as narrativas históricas que vão desenvolvendo uma

ideia de pertencimento e construindo as identidades dos grupos sociais. Ferreira (2021) destaca a realidade do tempo disponível para o trabalho docente no ensino médio *versus* currículo extenso

[...] o currículo de História, o currículo das Humanas vamos dizer assim, é extremamente extenso, [...] como trabalhar um currículo gigantesco como é o currículo de História com duas aulas semanais no ensino médio e ainda dar conta de História Regional, História Local?! Então, na medida do possível, eu trabalho fazendo enxertos dentro da História do Brasil, eu tento fazer enxerto dentro das temáticas que estou trabalhando. Se estou falando do século do Ouro, eu vou trabalhar História do Espírito Santo, eu vou trabalhar História Local tentando inserir dentro do século do Ouro para o aluno perceber que o ouro existia e inclusive ele nasce de uma área territorial que pertencia à capitania do Espírito Santo — o ouro não é encontrado em Minas Gerais, ele é encontrado na capitania do Espírito Santo — [...] mas o tempo é sempre muito escasso e muito curto (FERREIRA, 2021).

A partir da narrativa dos professores, podemos inferir que a História Local é importante para a construção da identidade do sujeito, mas, ao mesmo tempo, denuncia a falta de tempo para maiores abordagens locais, tornando-se a História Local um apêndice da História do Brasil. No que se refere à construção da identidade, importa frisar que

[...] quando aproximamos a história para a história deles, eles compreendem que a história não é desconectada e ela tem relação. É fundamental fazer o aluno entender que a História faz sentido. É fundamental para **reforçar a identidade**, mostrar como a História não é somente para sala de aula, mas para a comunidade (BARBIERO, 2022, grifo nosso)

A narrativa de Barbiero nos aponta que ela trabalha a História Local como estratégia de ensino, pois aproxima a História com a história dos alunos, busca vivências culturais, vislumbrando possibilidades de trabalhar diretamente com a vida cotidiana, para que a História possa fazer sentido para eles.

Com base nas questões levantadas, reforçamos as perguntas a respeito dos materiais didáticos e das metodologias utilizadas para trabalhar a História Local. Em relação aos materiais didáticos, afirma Pastori:

Temos pouco material na verdade voltado para a História Local, a maioria dos livros que foram produzidos não foram produzidos por historiadores, eles foram produzidos por pessoas que gostam da História e que mantêm essas tradições, mas nós não temos livros oficiais para isso, então temos que fazer um trabalho de coletar coisas, como aprendemos na disciplina de Introdução os Estudos Históricos, ir pegando fatos e ligando esses fatos, de combinar coisas. Então, eu uso alguns livros que tenho dessas pessoas, desses amantes da História, mas também tento comparar o que eles dizem com o que realmente aconteceu no resto do país, para ter uma compreensão maior sem uma romantização, porque, muitas vezes, quem não tem essa visão

histórica da coisa acaba romantizando muito o passado, o que é normal, a gente compreende isso, mas temos que fazer um filtro. Então, eu uso esses livros, também pesquiso outros momentos, outros lugares, o que já foi produzido historicamente de outros lugares, que tem uma cultura parecida, para fazer uma comparação, porque senão a gente acaba transmitindo mais uma ideia romântica do que realmente aconteceu (PASTORI, 2021).

Os autores citados pela professora são de pessoas que narraram a história de Venda Nova do Imigrante a partir de suas vivências. Ao longo de anos, produziram textos por meio de narrativas coletadas de moradores mais antigos sobre a chegada dos imigrantes italianos à região. A preocupação da professora é a reprodução de uma história romantizada, que priorize grupos em detrimento de outros, deixando no esquecimento tantas outras histórias. Em seus apontamentos sobre a escrita da História Local, Bittencourt (2008, p. 168) alerta sobre essa questão ao afirmar que “[...] políticos ou intelectuais de diversas proveniências têm se dedicado a escrever histórias locais com objetivos distintos e tais autores são criadores de memórias mais do que efetivamente de história”. A narrativa de Pastori (2021) vai ao encontro das afirmações de Bittencourt (2008), que nos aponta mais um desafio ao trabalhar a História Local: a falta de materiais didáticos produzidos por pesquisadores, seja da área de história, seja das demais áreas do conhecimento. Isso também é corroborado por outra professora entrevistada:

O professor de História tem um grande desafio que é trabalhar tudo aquilo que o currículo pede e pensar em como trabalhar, para transformar o conteúdo em algo prazeroso, pois o meu material não aborda minha região e se eu paro para fazer esse *link* para a realidade do aluno eu não consigo dar conta do currículo. [...] Além das fontes, o tempo não permite trabalhar algo que sabemos ser importante (CALIMAN, 2022)

Nessa direção, cabe o questionamento: como trabalhar a História Local em meio aos desafios retratados?

Após identificarmos, nas narrativas de nossos professores, o escasso tempo para se trabalhar a disciplina História como um elemento desafiador, como também a defasagem ou a falta de materiais didáticos voltados para o ensino da História Local, percebemos que Ferreira (2021) contorna tais obstáculos utilizando sua longa experiência com o estudo da localidade e/ou da história regional por meio de visitas técnicas ou estudo de campo.

O estudo da localidade ou da história regional contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na

possibilidade de se ver mais de um eixo histórico na história local e na possibilidade de análise de micro histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.113).

Se Ferreira (2021) faz o entrelace do local com o regional por meio dos estudos de campo, Barbiero utiliza o material de sua autoria em diálogo com as pesquisas que solicita aos alunos para fazer suas viagens

Gosto de garimpar informações, então, além dos meus resumos, eu faço questão da pesquisa, que eles busquem, principalmente, com pessoas mais velhas da família e isso vai se perdendo. Com o integralismo, por exemplo, eu passo documentário sobre a região e gosto que eles busquem registros na família, como álbum de fotografias. Algumas vezes pego partes do meu livro para eles entenderem como era a região, mas as informações são bem restritas. A presença do jesuíta é importantíssima de ser destacada, pois as missões de Monte Castelo eram interiores, diferentes das litorâneas que sempre são destacadas no Espírito Santo, importante destacar também que os Puris Coroados foram bem específicos da nossa região (BARBIERO, 2022).

Na narrativa de Barbiero, podemos identificar uma história local que dialoga com outras histórias, mas que também favorece a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, quando ela solicita que eles busquem registros na família, como álbum de fotografias sobre o conteúdo do integralismo, produzindo conhecimentos que, ao serem analisados e retrabalhados, possam contribuir para a construção da consciência história do aluno ((SCHMIDT; CAINELLI, 2004)

No entanto, as narrativas dos professores apontam que a falta de materiais como livros, artigos, jornais e exígua produção acadêmica limita que certas abordagens sejam feitas, sinalizando que o professor precisa desenvolver o papel de pesquisador para produzir seu próprio material didático, sendo o tempo um grande empecilho.

As narrativas acerca desses obstáculos reforçam a importância e a necessidade de voltar nossos olhares para a internalidade do processo educativo, para os professores e suas práticas, buscando socializar saberes e fazeres que possam subsidiar outros saberes e outros fazeres.

As professoras e professores, entre si, trocam informações sobre o modo como desenvolvem suas atividades, os recursos que utilizam para trabalhar com determinados grupos de alunos ou determinadas turmas, as dificuldades que encontram, os impasses a que chegam, os 'pontos' do programa e sua sequência, os tipos de exercício etc. Essas trocas se constituem numa poderosa maneira de aprender a ser professora e professor, por muitas razões, entre as quais destaco: ocorre entre iguais; é imediata; é

relativamente específica; há uma solicitação, implícita ou explícita de ajuda; há disposição em ajudar; necessariamente não se efetiva entre docentes de uma mesma escola (AZEVEDO, 2004, p. 11).

A autora destaca a importância de “trocas de figurinhas” entre professores, sejam elas experiências, atividades, metodologias e recursos. Essas trocas de informações socializadas entre os professores, ou seja, seus saberes e fazeres, mobilizam o exercício da docência e dinamizam o processo de ensino.

A história de Venda Nova do Imigrante, no que se refere ao imigrante italiano, é bem preservada. No entanto, apresenta lacunas históricas no que se refere às culturas dos povos indígenas e negros. Essa preponderância da história do imigrante italiano pode reproduzir a história do poder local e das classes dominantes. Para evitar tais abordagens, em sala de aula, é preciso identificar o enfoque de uma História Local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, das festas, em síntese, das culturas que compõem o local, mostrando para o aluno que o local também é nacional e global, e que produzimos História a todo momento.

#### 4.3 FUNDAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS E ABORDAGENS UTILIZADAS EM SALA DE AULA: AS IDENTIDADES VENDANOVENSES

Com o objetivo de mapear quais são os locais, entendidos como espaço de experiências da vida e do cotidiano de diferentes sujeitos que escrevem e reescrevem suas histórias diariamente e como um lugar privilegiado para problematizar as relações homem/espaço (SANTOS, 1991), solicitamos aos nossos entrevistados que destacassem as manifestações culturais nas abordagens da História Local.

Pastori (2021) destaca a relação do imigrante italiano com Venda Nova do Imigrante e aproveita para sinalizar que a história do negro não pode ser apagada

Não dá para gente continuar essa ideia de apagar a população negra, a população escravizada africana. É preciso mantermos a ideia, de um conceito da pluralidade de tradições culturais. É importante manter as tradições italianas, mas também falar sobre essas manifestações negras, que eu acho bastante importantes. Muitas vezes, os nossos alunos chegam com a ideia de que mesmo eles sendo descendentes de negros, da população escravizada, eles chegam com a ideia de que Venda Nova é uma terra dos imigrantes. Então é importante a gente trabalhar esse acolhimento. Eu acho que a escola local tem papel bastante importante nisso, e o [Colégio] Fioravante já tem dado alguns passos em relação a isso; tem o trabalho que a Celina fez, tem o trabalho que vocês fizeram com o movimento dos desfiles,

então eu acho que trazer isso é muito importante também. Trabalhar em conjunto é um desafio bem grande (PASTORI, 2021).

Para Pastori, a História Local não pode ser trabalhada apenas a partir da perspectiva do imigrante italiano, e sim de todo o contexto histórico que engloba as identidades que hoje compõem o município de Venda Nova do Imigrante. Do mesmo modo, é isso que tratamos nesta pesquisa: a valorização das identidades, e não a reprodução de uma determinada identidade. Conforme sua narrativa, a escola tem desenvolvido um papel fundamental, deslocando-se da história das classes dominantes e ouvindo aqueles apagados, esquecidos e silenciados pela História.

Congruente, Torres Neto (2018) destaca que o ensino de História possibilita compreender a construção das identidades a partir da relação do passado e presente, das mudanças e das memórias locais, bem como a valorização das diferenças, para que seja possível e necessário reconhecer a pluralidade de um lugar. O local é repleto de significados e possibilidades educativas, conforme afirma Santos (2017):

O bairro e a cidade possuem possibilidades educativas para além das salas de aula e do espaço escolar. O museu e outros equipamentos culturais, comunitários e as manifestações do patrimônio imaterial devem compor um repertório de saberes articulados em redes educativas que dialoguem com o currículo escolar (SANTOS, 2017, p. 64).

A professora Caliman (2022) aponta espaços que contribuem para formação da identidade e pode ser articulado com o currículo, como o rio Itapemirim e o Monumento dos Tropeiros em Ibatiba, que já foram citados anteriormente e compõem a história da região em que o município de Venda Nova do Imigrante está inserido. Caliman também aponta a festa Portugália, em Conceição do Castelo, tradição que começou em 2019 e celebra a colonização portuguesa e italiana; também destaca a construção da BR262, construída no governo de Juscelino Kubitschek, além da religiosidade local:

[...] destaco a religiosidade que é muito forte na nossa região, com destaque para o memorial do Frei Almor dos Santos, que traz tanta gente para Conceição, que vem de todos os estados brasileiros. O papel da religiosidade está ligado à formação dos municípios, principalmente a igreja católica, pois a intolerância religiosa é muito forte na região. Mas ao analisar Conceição do Castelo, o candomblé e o espiritismo eram muito fortes na figura do João Vicente também (CALIMAN, 2022)



É possível identificar, na narrativa e nos apontamentos, que os professores sinalizam manifestações, eventos, espaços e monumentos ao redor de Venda Nova do Imigrante, relembando a formação do território e destacando sua formação cultural.

Por sua vez, Barbiero (2022) informa sobre a formação integralista que se fez presente em Venda Nova do Imigrante e os conflitos entre algumas famílias, dando grande destaque para a presença de jesuítas, nativos e negros em Castelo

Quando levamos o aluno a conhecer a Gruta do Limoeiro e ele entende que a pré-história não foi apenas na história geral, ela foi aqui na nossa região também. Quando falamos da Fazenda do Centro, não podemos falar apenas como uma fazenda de produção de café, mas antes disso, o local onde tivemos missões jesuíticas, de catequização dos nativos, da exploração do ouro clandestino e autorizada com a presença dos bandeirantes. Observamos então que as manifestações envolvendo o indígena e outros povos estão mais presentes em Castelo, apesar de Venda Nova ter tido uma colonização muito específica do imigrante italiano, toda região pertencia ao Alto Castelo (BARBIERO, 2022).

Os entrevistados sinalizam a importância de se considerar a pluralidade cultural, para inserir na História aqueles que “historicamente” têm sido excluídos. Esse movimento é essencial para contribuir para a construção da identidade local, para que os alunos, descendentes de negros, de indígenas e de portugueses, também se sintam cidadãos na construção das relações de espacialidade do município. “É primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, que se constituem também como nacionais” (GALVANI, 2018, p. 132).

Uma análise na produção bibliográfica e na narrativa de nossos professores no que se refere à História Local de Venda Nova do Imigrante revela implicitamente uma predominância de aspectos do “eurocentrismo” e mesmo uma certa resistência ao tratar da História Local, pois, via de regra, vinculam as narrativas com enfoque ainda muito arraigados na história do imigrante italiano. No entanto, ressaltamos que a História vai além de uma data, de um povo e de uma delimitação geográfica, que a História Local são as pessoas e suas trajetórias. E isto está presente nas práticas dos professores. Mas observamos que, ao trabalhar o conteúdo, eles partem da cultura da imigração italiana para as culturas de povos indígenas e negros e, não o inverso, residindo aí o que Gonçalves (2007) entende ser o maior desafio em se trabalhar a História Local.

De acordo com Bittencourt (2008, p. 168), o estudo da História Local possibilita “[...] a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência — escola, casa, comunidade, trabalho, lazer — e igualmente por situar os problemas significativos da história presente.” Concordamos com a autora e acrescentamos que aprendizagem histórica ocorre juntamente com o processo de produção de sentido, deslocando hierarquias e sobreposições entre regional e nacional. Dessa forma, o aluno se reconhece como sujeito histórico quando conhece sua história e as identidades que o cercam em diálogo com outras realidades, que também possuem especificidades em outros tempos e espaços.

Nessa direção, as narrativas de Ferreira (2021), ao trabalhar a História Local, nos sinalizam possibilidades, ao destacar elementos e movimentos culturais da História de Venda Nova do Imigrante, como o voluntariado, as festas típicas, o agroturismo, as cooperativas, os acervos, entre outros, que permitem reviver diariamente a cultura, além de serem fortes elementos para a valorização da identidade local.

Suas narrativas desvelam também a relação estabelecida entre áreas e disciplina, demonstrando que a abordagem local vai além da disciplina de História. Podemos perceber que a forma como o professor aborda o local poderá mudar ou não as próprias vidas dos alunos:

Quando eu trabalho Segundo Reinado e Primeira República, eu obviamente vou trabalhar imigração. É impossível eu trabalhar imigração e não falar de Venda Nova, é ali que eu estarei inserindo a história de Venda Nova, vou pegando esses recortes e vou fazendo esses enxertos. Para isso eu uso a própria questão da Festa da Polenta, eu uso a questão da serenata, da cantarola, eu uso questões específicas de Venda Nova, eu uso acontecimentos do município para poder fazer os ganchos com os temas que eu quero. Eu tento pegar coisas do município e inserir dentro do cenário nacional mostrando a importância de como isso pode ser, ou não construído ou desconstruído. [...] para eles entenderem que a gente, mesmo estando na roça, temos uma responsabilidade com o que está acontecendo lá fora. Nós somos um micro, mas um micro que, somado aos outros, vai fazer tudo. Então até mesmo questões políticas que envolvem política e questões sociais você tem que pegar a realidade local e tentar levar para o âmbito nacional, para o mundial (FERREIRA, 2021).

Para Torres Neto (2018), a História Local funciona como colaboradora, não como um conteúdo apenas, mas uma estratégia que possibilita aprender e desenvolver alguns conteúdos e conceitos.

Em diálogo com Torres Neto (2018), Schmidt e Cainelli (2004), os usos da História Local no ensino de História podem ser vistos como estratégia de ensino e como estratégia de aprendizagem. Como estratégia de ensino, a História Local parte de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, vislumbrando possibilidades de trabalhar diretamente com a vida cotidiana e relacionando-a com questões mais amplas. Como estratégia de aprendizagem, o trabalho com a História Local poderá utilizar-se de recortes selecionados e integrados ao conjunto de conhecimentos históricos, a saber: inserção do aluno na comunidade da qual faz parte; criação de sua própria historicidade; gerenciamento de atitudes investigativas, tendo como referência o cotidiano do aluno, articulado à realidade social; colaboração com o aluno na análise dos diferentes níveis de realidade — econômico, político, social e cultural —; construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos históricos (SCHMIDT;CAINELLI, 2004)

Ucha (2020) levanta a questão que muitos professores perguntam por que se deve ensinar história. A resposta a estes questionamentos, pode ser a mola propulsora para os professores refletirem sobre suas práticas e os conteúdos aplicados em sala de aula, modificando suas práticas em sala de aula e repensando no sentido e possibilidades para a o conteúdo fazer sentido para o aluno, proporcionando experiências sociais.

As narrativas de nossos entrevistados destacam a existência de poucos materiais sistematizados que possibilitem o trabalho com a História Local, porém sinalizam também que, dentro de suas possibilidades, os conhecimentos são produzidos, questionados, repensados para e com os alunos. Trata-se, portanto, da implementação de truques e estratégias que possibilitam os professores contornarem os obstáculos da falta de material bibliográfico e ainda estimularem seus alunos na produção/reprodução/mobilização de saberes. São alternativas que, para além do estudo da História Local, contribuem para que os estudantes se sintam sujeitos ativos e partícipes na produção dos saberes.

Assim, mediante tais potencialidades dessas produções do conhecimento local, nosso desafio gravita em torno da busca por conhecer e socializar os saberes e os fazeres desses sujeitos, contribuindo para o trabalho de outros professores na produção de

novos saberes e novos fazeres. Essas práticas, ao envolver os estudantes na pesquisa acerca da temática, podem contribuir também para mapear e incorporar ao material bibliográfico disponível outras informações de outras culturas na construção das identidades vendanovenses.

#### 4.4 ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

As narrativas de nossos entrevistados vão ao encontro do nosso referencial teórico ao apresentarem a História Local como importante mecanismo para construção da identidade dos sujeitos que estão em sala de aula. No entanto, apesar das possibilidades tais como espaços não formais, patrimônios e manifestações culturais citadas, é necessária uma sistematização de tais possibilidades que possa compor e subsidiar as práticas e as metodologias de outros docentes, contribuindo assim para mitigar a carência ou até mesmo a ausência de materiais didáticos, bem como a falta de tempo para trabalharem a História Local.

Sem a pretensão de esgotar possibilidades, objetivamos socializar práticas de ensino, testadas e validadas como positivas por nossos colaboradores, estimulando a busca por novos espaços e metodologias que contribuam para a proximidade das temáticas discutidas em sala de aula e a aproximação da realidade dos alunos, possibilitando conexões com tempos e espaços em Venda Nova do Imigrante, com outros tempos e espaços e as identidades que as compõem.

De imediato, ressalta-se que, não obstante a relevância dessa temática, ficam evidentes, tanto nas pesquisas no campo bibliográfico no que se refere à história de Venda Nova do Imigrante quanto nas narrativas dos sujeitos que foram entrevistados, lacunas de materiais e, até mesmo, de práticas que contribuam para uma maior visibilidade sobre as identidades no município. Quando localizadas, em sua maioria, tais práticas e relatos criam referências que se voltam para a imigração italiana a partir do final do século XIX, em detrimento de outras identidades, como as dos negros, indígenas, migrantes e de outras nacionalidades.

Assim, propomos como produto educacional desta dissertação a elaboração de um *e-book*, com orientações da metodologia da História Oral, a fim de potencializar o ensino

de História. Busca-se registrar as identidades e a pluralidade cultural que compõem a história do município de Venda Nova do Imigrante, juntamente com as experiências narradas pelos professores colaboradores da pesquisa e os possíveis achados por meio da História Oral trabalhada pelos alunos, visitas técnicas em espaços citados e práticas que possam ser reproduzidas, apropriadas e ressignificadas nas aulas de História.

Assim, o produto trará sugestões para que os professores possam, a partir desse instrumento, procurar possibilidades nas memórias locais para que os alunos busquem por identidades que compõem a sua história, origem e localidade, no sentido de estimulá-los a perceberem a ligação entre as identidades e a História, orgulhando-se das suas origens, mapeando e sistematizando informações e histórias acerca da História Local.

Dessa forma, pretendemos identificar, através das narrativas dos professores, quais alternativas metodológicas eles têm utilizado em sala de aula para trabalharem História Local. A princípio, deparamos com os apontamentos ligados às poucas aulas destinadas à disciplina de História e o extenso currículo existente. Essa percepção é reafirmada por Caliman (2022): “Na maior parte do tempo, trabalho apenas com *links*, indicando leituras e trabalhando oralmente”. Percebemos então a História Local como apêndice ou complementação do conteúdo de uma história nacional. Destacamos então a necessidade da sistematização do conteúdo e como algumas possibilidades de alternativas metodológicas em se trabalhar a História Local que aborde as diferenças, as singularidades e a multiplicidade, estabelecendo relações entre local, regional, nacional e global para que o aluno compreenda o processo histórico e se sinta pertencente ao espaço.

No entanto, garimpando as informações dos entrevistados, deparamos com lacunas de materiais, além de percebermos que cada professor possui sua identidade, suas estratégias, seus fazeres e saberes, por isso não cabe a nós limitar a criatividade dos profissionais. Descrevemos, conforme as narrativas, algumas estratégias de ensino e metodologias utilizadas para contribuir para o ensino de História Local, a fim de socializar as práticas.

Nas narrativas dos professores, constatamos os espaços não formais de educação que propiciam visitas técnicas e relação com os conteúdos estudados, podendo referenciar assim como aulas de campo ao citarem os seguintes espaços e monumentos, conforme Ferreira (2021):

[...] fazemos uma visita técnica em uma região específica do estado, visitamos Nova Almeida, Igreja dos Reis Magos, Santa Cruz do Rio Piraqueçu, e as aldeias indígenas — mais especificamente Aldeia de Três Palmeiras dos tupis-guaranis —, também visitamos Regência, a foz do rio doce e durante esse período de visita — uma visita multi e interdisciplinar porque eu levo sempre comigo filosofia, geografia, biologia, literatura, arte — trabalhamos mais profundamente a História do Espírito Santo durante essa visita técnica e, quando retornamos, trabalhamos dentro do *campus* com debates, discussões, memórias, lembranças da visita, dos momentos que nós vivemos (FERREIRA, 2021).

Ao citar a interdisciplinaridade da visita técnica, o professor aponta as possibilidades do estudo da História Local e Regional que vai além da disciplina de História. Ao apresentar as atividades realizadas na visita técnica, socializa com os alunos do *campus* os diversos aprendizados em relação às temáticas propostas.

Em outro momento, ao fazer suas atividades de campo, o professor Ferreira (2021), no entanto, também sinaliza monumentos e manifestações locais em sua narrativa, como a Casa da Cultura, que possui um acervo gigantesco e conta a história do município e dos imigrantes italianos em Venda Nova do Imigrante. O professor, ao trabalhar a história do imigrante italiano, se apropria de espaços ao norte do Estado e espaços locais como a Casa da Cultura, desconstruindo a dicotomia entre a História Regional e a História Local a partir do momento em que ele trabalha apresentando elementos de diversos espaços e elementos da história de Venda Nova do Imigrante como identidade.

Outra questão que se destaca é o cooperativismo e o voluntariado, que são características culturais do município, e a identificação geográfica do socol, que Venda Nova do Imigrante conquistou e vai além de apenas um aperitivo gastronômico, mas conta a história da alimentação dos imigrantes que chegaram à região.

Entre as possibilidades de destacar as manifestações culturais envolvendo o imigrante italiano, Caliman (2022) aponta a Festa da Polenta e os eventos tradicionais que resgatam a memória dos imigrantes e que envolvem a grande Festa da Polenta, como o Plantio do Milho, Serenata Italiana e Colheita do Milho. Também informa Caliman

(2022) que “[...] Conceição do Castelo atualmente começou a resgatar e valorizar os movimentos portugueses que durante muito tempo ficaram adormecidas, deram início a festa Portugália, junção de tradições portuguesas e italianas”.

Para além da imigração italiana, que foi uma das inquietações ao longo desta pesquisa, a professora Pastori (2021) pontua que os alunos, “[...] mesmo sendo descendentes de negros, da população escravizada, eles chegam com a ideia de que Venda Nova é uma terra dos imigrantes” e, por isso, há necessidade de acolhimento e pesquisas para que a identidade do estudante seja construída na sociedade, para que ele se sinta pertencente à cidade e se envolva no estudo da História. Pastori (2021) cita movimentos realizados na escola Fioravante Caliman, como desfiles da Consciência Negra, que acontecem anualmente no dia 20 de novembro e um livro escrito em 2010 por alunos do ensino médio da Escola Fioravante Caliman, organizado por Celina Januário Moreira, *História e memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante*, professora de História, que, utilizando fontes orais, buscou narrar a história do povo que contribuiu para a formação do município.

Além das produções realizadas na escola Fioravante Caliman, o Ifes, de acordo com Ferreira (2021),

[...] tem um Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi), que trabalha exatamente com essa questão do negro e do indígena, e dentro de Venda Nova nós temos alguns trabalhos desenvolvidos e realizados. [...] O Ifes tem semanas de mostras científicas, semana cultural, o próprio Neabi também trabalha as questões das diversidades em todas as suas facetas dentro do Brasil, do Espírito Santo e de Venda Nova (FERREIRA, 2021).

Também como contribuição para as questões dos negros e indígenas no estado e região, podemos citar a coleção *Canaã*, encontrada de forma virtual no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Contemplando diversos livros que podem ser acessados em PDF, a coleção possui um acervo que contribuiu para esta pesquisa e pode contribuir para os professores em sala de aula.

Para tratar da História Local dos indígenas, a professora Barbiero (2022) aponta que é “[...] importante destacar que os Puris Coroados foram bem específicos da nossa região [...] ” e, em busca dessas informações, ela escreveu um livro que pode ser localizado no site da prefeitura de Castelo, intitulado *Castelo: da pré-história ao início do século XX*. Envolvendo toda a região conforme apresentada na Figura 2 (p. 59), a

professora produziu um material muito necessário e que, por muito tempo, ficou apagado, sendo de riqueza e importância que precisam ser reconhecidas entre professores de História como mais um material para trabalhar a história de VNI.

Ainda segundo Barbiero (2022), a presença do jesuíta “[...] é importantíssima de ser destacada, pois as missões de Montes do Castello<sup>18</sup> eram interiores, diferentes das litorâneas que sempre são destacadas no Espírito Santo.” A presença dos jesuítas e a imposição religiosa aos nativos corrobora com a narrativa de Caliman (2022) ao citar que a religiosidade é muito forte na região. A professora destaca o Memorial Frei Alaor dos Santos, construído em homenagem a Frei Alaor, primeiro pároco de Conceição do Castelo e candidato a beato brasileiro, e a João Vicente, ligado ao candomblé e ao espiritismo, esse por fim de forma mais singular devido à intolerância religiosa presente na região. Para Caliman (2022), a religiosidade está ligada diretamente à formação dos municípios, principalmente a Igreja Católica.

Nesse sentido, apontando até aqui algumas manifestações e materiais utilizados para trabalhar as identidades, Pastori (2021) e Caliman (2022) destacam a utilização de livros escritos por moradores locais, como Zandonadi e Falchetto, que produziram materiais a partir de suas vivências e experiências como descendentes de imigrantes. Ferreira (2021) cita também a utilização de materiais de sua autoria, como artigos, capítulos de livros, dissertação e livros publicados, tendo como campo de pesquisa Venda Nova do Imigrante e a vida dos imigrantes italianos.

Entre outras possibilidades, eles também sinalizam a utilização de História Oral ao fazerem convites para sujeitos da comunidade irem até a escola ou os alunos irem até os sujeitos. “A tradição oral foi se perdendo à medida que as pessoas foram morrendo, não é fácil fazer essas buscas.”, informa Barbiero (2022). Portanto, a História Oral precisa ser resgatada. Apesar de muitas informações não terem sido passadas de pais para filhos, a herança da memória precisa se fazer presente, sistematizando o agora para que ele também não se perca. Para Kolinski (2018), uma sugestão de metodologia é promover rodas de conversa com os estudantes e demonstrar a

---

<sup>18</sup> Missões jesuíticas no interior do Espírito Santo, descobertas no livro-tombo do município de Itapemirim.



importância da História Oral como trabalho pedagógico e inovador que produz suas próprias fontes e possibilidades, coletando memórias e narrativas.

Ao trabalhar conteúdos do currículo de História, Barbiero (2022) cita o integralismo e, como aborda o conteúdo geral com a História Local, destaca que grande parte da população de Venda Nova do Imigrante era integralista. Para inserir o aluno no contexto local, solicita que eles busquem por registros na família, seja com fontes orais seja com fontes materiais; muitas vezes, eles encontram, em álbuns de fotografias, parentes com uniformes. Caliman (2021) também, ao falar de integralismo, Primeira Guerra, Segunda Guerra Mundial, gosta de lembrar “[...] as personalidades do Brasil que foram lutar na guerra e principalmente da nossa região, ressaltando também o Museu das Grandes Guerras de Afonso Cláudio.”

Algumas personalidades da região eram referências ao falar da Segunda Guerra Mundial, como Camilo Cola (*in memoriam*). As personalidades locais visitavam a escola e contavam sobre a participação na guerra, fazendo o aluno compreender que o evento não estava preso apenas ao livro didático. Caliman também citou o Museu das Grandes Guerras, um espaço privado que recebe alunos em Afonso Cláudio e possui diversos objetos da Primeira e Segunda Guerra Mundial. A visita ao museu como metodologia de ensino deve ser percebida com criticidade, para que os alunos entendam o significado e o sentido dos objetos em exposição. Para Bitte (2016), o museu não resgata memória, mas possui a responsabilidade de levar ao público a história que os objetos são portadores, quando são interpelados, e construir assim narrativas.

Outra referência da região, citada por Caliman (2022) e Barbiero (2022) para abordar a História Local, é o rio Itapemirim, que nasce na serra do Caparaó e deságua no oceano Atlântico. O rio é referência ao trabalhar as Grandes Navegações por ser rota que abastecia os tropeiros da região de Venda Nova do Imigrante. Conceição do Castelo mantém manifestações culturais que relembram essas atividades, com eventos e exposições. Ibatiba, cidade vizinha conhecida como Capital dos Tropeiros, ergueu monumento em homenagem aos tropeiros que tinham como rota essa região para abastecer os grandes centros.

Ao encontro da citação dos tropeiros, Ferreira (2021) relembra o século do Ouro no Brasil, reconhecendo que o elemento foi encontrado na capitania do Espírito Santo e como o achamento e a exploração nas minas trouxeram consequências para o Espírito Santo. Já Barbiero (2022) menciona a exploração clandestina nas minas de Ouro em Castelo.

Ainda externalizando suas experiências e saberes, Barbiero (2022) cita a Fazenda do Centro também como espaço de reflexão histórica, como já foi abordado na seção anterior, ao destacar as inúmeras identidades relacionadas àquele espaço. A professora apresenta a Fazenda do Centro, localizada no atual município de Castelo, como um local que teve presença indígena, presença de bandeirantes e jesuítas, espaço de catequização dos nativos, exploração do ouro clandestino, fazenda de transição de mão de obra dos escravizados para os imigrantes europeus, além de ser uma grande fazenda que se destacava na produção do café.

Nessa narrativa e nesse espaço sobre a Fazenda do Centro, podemos destacar movimentos, manifestações, histórias e identidades que o livro didático provavelmente não abordaria por ser local, embora possivelmente apresentasse uma fazenda de um grande centro como São Paulo. O questionamento e a inquietação desta pesquisa é o de incentivar o aluno a perceber que as histórias que eles poderão construir dependem do diálogo entre as várias escalas, entre a região e o país, entre o país e o mundo, entre o mundo e o indivíduo. Por mais que encontremos nas narrativas dos docentes as lacunas históricas dos registros e a falta ou pouco recurso de materiais para trabalhar as identidades dos povos negros e indígenas, conseguimos identificar e reunir informações sobre estes povos e de suas memórias quando são evocadas. Essas identidades compõem Venda Nova do Imigrante.

Continuando com relações feitas pelos professores entre a História nacional e a História Local, Caliman (2022) relaciona alguns períodos da política e a metodologia utilizada. Com o objetivo de instigar o aluno a pensar, questionar, analisar e buscar informações, ela destaca:

Na ditadura de Getúlio Vargas, como nossa região sentiu esse governo, como era a realidade das famílias com o rádio e as fotografias dos presidentes nas paredes, e até mesmo o nome das ruas que foram dadas em homenagem a esses homens (CALIMAN, 2022).

O nome da rua. Será que esses nomes representam as identidades presentes no município ou prioriza apenas um grupo? Deixo esse questionamento como uma sugestão de pesquisa a ser desenvolvida com os alunos em busca pela construção das identidades. Ainda na narrativa política, Caliman (2022), aborda a construção da BR262:

Ao falar, por exemplo, de Juscelino Kubitschek, estou falando de um dos maiores incentivadores das construções das BRs, pois ele investiu em automóveis. É importante destacar a nossa BR262 nesse contexto, foi ótima para o avanço de Venda Nova do Imigrante. Qual o papel transformador de uma BR? (CALIMAN, 2022).

Deixando uma pergunta, compreendemos o significado em promover para o aluno a percepção do que está a sua volta, no seu dia a dia, como afirma Ucha (2020), trabalhar memória e território nas aulas de história é “[...] colocar os afetos, os sentimentos e as possibilidades existentes no passado local em favor da educação e da construção do futuro” (UCHA, 2020, p. 73). Nessa perspectiva, o local se torna essencial.

Fazendo o percurso histórico inverso e trazendo para o texto um espaço citado pelos professores que remete à pré-história, a Gruta do Limoeiro, sítio arqueológico localizado no município de Castelo, foi habitada por índios Puris e, em seu interior, foram encontrados 11 esqueletos com aproximadamente 4500 anos. A professora Pastori (2021) considera a gruta como um importante espaço de preservação das primeiras populações que habitaram a região e, para Caliman (2022), “[...] é possível dentro da história trabalhar todos os conteúdos, mesmo Venda Nova do Imigrante sendo uma cidade tão nova”.

Com base nas narrativas apresentadas, observamos as possibilidades para trabalhar a História Local de Venda Nova do Imigrante, seja por meio de propostas utilizando a metodologia de História Oral, seja por meio de possibilidades com os espaços e as manifestações culturais que compõem a história da região. Dessa forma, é possível que essa prática — o olhar para o espaço e as identidades de um local — seja reproduzida em outras localidades, promovendo e contribuindo para a construção da identidade dos alunos.

Além disso, as relações estabelecidas entre o conteúdo e os espaços aproximam o aluno da História. Até as lacunas históricas e a falta de literaturas práticas podem gerar ações e movimentos de pesquisas em busca das identidades.

Assim, escolhemos como produto desta pesquisa organizar o material de suporte didático — *e-book* —, a partir das narrativas, metodologias, experiências, estratégias, saberes e fazeres citados por nossos entrevistados, apresentando de forma sintética um guia de como trabalhar com a História Oral, a fim de sistematizar as práticas, em diálogo com o currículo de História, e enveredar, no desafio de preparar aulas para o ensino médio, em que as diversas identidades se façam presentes.

Nosso objetivo é socializar as práticas e multiplicar as experiências, despertando o desejo de contar cada vez mais histórias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Local não tem definição, mas parte de um local: “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo”, conforme o verso de Alberto Caeiro, epígrafe deste trabalho. O verbo “vejo” é profundo. Como me vejo no mundo? Como me percebo para além dele? Como nosso aluno percebe que faz parte do mundo e da História? O olhar transcende limites. Conhecer o nosso lugar é pertencimento. Assim, buscamos mostrar a quão grandiosa é a História Local para a formação de cada indivíduo na sociedade, para que todos se sintam agentes transformadores e compreendam seu papel na História.

Nossa pesquisa buscou, através de revisão bibliográfica, metodologia de História Oral e narrativas de professores atuantes na etapa do ensino médio em Venda Nova do Imigrante, compreender como a História Local contribui para a construção das identidades e como está presente em sala de aula.

Para nos situar no campo da pesquisa de História Local, demandamos trabalhos no banco de dados da BDTD, dialogamos com autores e caminhamos pelo espaço que a disciplina de História teve ao longo da história brasileira. Além disso, para chegarmos ao município de Venda Nova do Imigrante, pesquisamos a história do município e a história da educação no município. Esse exercício reflexivo, ao desvelar a historicidade da prática de relegar a um segundo plano a História Local, no ensino de História escolar, nos permite compreender as bases, as causas e as consequências de limites, como também sinaliza as potencialidades para o trabalho dessa temática, explícitas nas narrativas dos professores entrevistados, nossos sujeitos de pesquisa.

Em face do contexto histórico que vivenciamos de pandemia da Covid-19, não foi possível visitar bibliotecas físicas em outros municípios além de Venda Nova do Imigrante. Mantive contato virtualmente com o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, que conta com um acervo de documentos e livros disponíveis que contribuiu muito para a pesquisa.

Para responder como a História Local está presente na sala de aula, buscamos, através de narrativas de quatro professores de quatro escolas diferentes, seus

saberes e fazeres através de uma entrevista estruturada. Encontramos diversas respostas e metodologias, por meio das quais eles evidenciaram a importância da História Local para a construção cidadã e a busca pela identidade dos alunos, apesar de obstáculos com relação à quantidade de aulas semanais e à escassez literaturas didáticas. Essas informações dialogam com nossas pesquisas da base de dados, demonstrando como é valioso aproximar a história do aluno e não o aluno da História. Ao fazer essa inversão, estaremos contribuindo para desconstruir a ideia de que a História Local estaria circunscrita à dimensão de cidade, bairro, região e o sujeito. “Uma realidade local não contém, em si mesma, as chaves da sua própria explicação” (SCHMIDT, 2007, p. 190), ou seja, não bastam por si só para compreendermos as transformações econômicas, sociais e políticas, pois as explicações históricas construídas dependem do diálogo entre as várias escalas, entre a região e o país, entre o país e o mundo, entre o mundo e o indivíduo.

Identificamos que os professores trabalham a História Local realizando abordagens quando estão trabalhando algumas temáticas como pré-história, colonização e imigração. Eles destacaram práticas como a utilização de fotografia, História Oral, visitas técnicas e pesquisas, além de mencionar espaços rotineiros no local que fazem parte da História, como BR, bairros e manifestações culturais. Essas narrativas compuseram a terceira seção desta dissertação, na qual buscamos sistematizar as práticas, sem pretensão de limitar ou encerrar as discussões e abordagens que ainda podem ser realizadas a respeito da temática.

Algumas angústias não foram sanadas, como a apresentação de documentos e materiais que poderiam dar maior visibilidade para os povos negros e indígenas em Venda Nova do Imigrante, que pouco aparecem citados em livros e registros locais. Essa ausência reforça a tese da importância de se trabalhar com a História Oral, buscando narrativas que nos permitam documentar o não documentado.

Diante disso, percebemos a necessidade de mais pesquisas que busquem por outras identidades do município, que vão além da imigração italiana para que cada vez mais possamos preencher as lacunas históricas, como procuramos fazer aqui. Por meio da nossa pesquisa, deixamos um convite para que mais pesquisas voltem seus olhares para as histórias locais e criem possibilidades e movimentos para que o conhecimento produzido reverbere na sala de aula e transborde para além dela, com o objetivo de

formar cidadãos ativos, entendedores dos sentidos de suas identidades e de mudar ou não os percursos de suas próprias vidas.

## REFERÊNCIAS

- A OCUPAÇÃO de Venda Nova do Imigrante. **Folha da Terra**, n. 98, mar. 1996.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDREÃO, Agostinho. **Folha da Terra**, n. 101, maio 1996.
- ARAGÃO, Rosângela Monteiro. **O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- AZEVEDO, Joanir Gomes de. De abobrinhas e troca de figurinhas. *In*: AZEVEDO, Joanir Gomes de; ALVES, Neila Guimarães. **Formação de professores: possibilidades do imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 11-25.
- BARROS, José D'Assunção. Fernando Braudel e a geração dos Annales. **Revista eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 6, n. 11, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321016595>. Acesso em: 5 maio 2021.
- BATISTA, Márcia Regina. **Ocupação do distrito de Aracê, Domingos Martins (1888-1920)**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras Escolhidas).
- BITTE, Regina Celi Frechiani. **Políticas da memória e os usos públicos da história: o lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental**. Curitiba: Ed. CRV, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Conteúdos históricos: como selecionar? *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 137-179.
- BORGES, Vilmar José; BITTE, Regina Celi Frechiani. Estágio Curricular Supervisionado: identidade e saberes docentes. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 9, n. 1, p. 30-47, jan./abr. 2017.
- BORGES, Vilmar José; BORGES, Jullizze Maia. Potencialidades da História Oral na pesquisa e na form(ação) docente: percursos metodológicos. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, 2021. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/50659>. Acesso em: 5 maio 2021.



BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 23 jul. 2022.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. (Original: 1949, revisto em 1965).

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

DECOTHÉ, Laís do Rosário. **História de Cachoeiro de Itapemirim**. Câmara Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, 8 fev. 2017. Disponível em <https://www.cachoeirodeitapemirim.es.leg.br/institucional/historia/historia-de-cachoeiro-de-itapemirim#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20de%20Cachoeiro%20de%20Itapemirim%20come%C3%A7a%20em,nas%20minas%20descobertas%20nas%20regi%C3%B5es%20compreendidas%20de%20Castelo>. Acesso em: 14 set. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-31.

DEMUNER, Ângelo da Conceição. **O Espírito Santo na sala de aula: narrativas, saberes e fazeres de professores de história da educação básica**. 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no Estado do Espírito Santo**. Vitória: editora artenova s.a., 1974.

DIAS, Ana Carolina da Silva Galvão. **Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história no ensino médio**. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DIAS, Sueli de Fátima. **A prática pedagógica do professor de História: um estudo de suas percepções nos colégios estaduais de Apucarana-PR (1990)**. 2008. 133 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Versão preliminar do Currículo do Espírito Santo: Ensino Médio.** Vitória, 2020. Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/documentos/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FALCHETTO, Benjamin. **O tesouro escondido.** Venda Nova do Imigrante: edição do autor, 2017.

FARIA, Fernando Augusto. **Escravidão no Paraná:** síntese historiográfica e material de uso pedagógico. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

FARIA, Izabella Barcellos. **A trajetória das mulheres na ciência** : as consequências e os desafios de produzir conhecimento em um mundo historicamente masculino. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/IZABELLA-BARCELLOS-FARIA.pdf>. Acesso: 23 set. 2021.

FERRARI, Joanna. **Coral Santa Cecília:** a história contada dos imigrantes. Organizado pelo Instituto Sincades e coordenado pelo Grupo Prospectar. Vitória: GSA, 2014.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Rodrigo Paste. **A influência da imigração italiana e das escolas no desenvolvimento do município de Venda Nova do Imigrante – ES no período de 1940 a 1990.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Americana. Asunción, 2015. Revalidação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Rodrigo Paste. **Luta e labuta:** o papel social e econômico da mulher imigrante na região de Venda Nova do Imigrante (ES). 1891 a 1927. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos:** base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** Edição comemorativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GALVANI, Felipe Caruso. **Entre paisagens e retratos:** os espaços e sujeitos na memória, uma proposta local no município de Amparo. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

GONÇALVES, Márcia de A. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (Org.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 175-185.

GOUBERT, Pierre. História Local. Tradução de Marta M. Lago. **Revista Arrabaldes**, Petrópolis, Ano 1, n.1, p.69-82, maio/ago. 1988.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vêneto e lombardos nas florestas brasileiras)**, Espírito Santo, 1874-1900. Tradução de Márcia Sarcinelli. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. v. 6. (Coleção Canaã).

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Portaria n.º 431, de 28 de setembro de 2017**. Criação do Núcleo de Estudo Afro-brasileiros e Indígena (Neabi), a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Venda Nova do Imigrante, 2017.

KOLINSKI, Marizete Kasiorowski. **Imigração polonesa na colônia Água Branca: usos e potencialidades pedagógicas**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

LAZZARO, Agostino; COUTINHO, Gleci Avancini; FRANCESCHETTO, Cilma. **Lembranças camponesas: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante**. Vitória: [s.n.], 1992.

LIMA, Leonora Cavalcante de. **No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do Rego no ensino de História Local**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) – Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização no ensino de História. *In*: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo (Org.). **Reflexões sobre História Local e produção de material didático**. Natal: EDUFRRN, 2017. p. 57-81.

MACIEL, Cleber da Silva. **Negros no Espírito Santo**. Organização por Osvaldo Martins e Oliveira. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MAIA, Fábio Mauricio Holzmann. **Bandas de música – tradição, identidade e história em Ponta Grossa: uma possibilidade para o ensino da história local**. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

MARTINS, Lourdes Machado. **Centro Histórico de Belém: lugar de história e memória na sala de aula.** 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Pará, *campus* universitário de Ananindeua, Ananindeua, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-43.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Base nacional comum curricular: a educação é a base.** Brasília, 2018. Secretaria da Educação Básica. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 20 jun. 2021.

MONTEIRO, Rafael Santos da Luz; BASSANI, Izabela Dolores Cebin. **Venda Nova do Imigrante e municípios integrantes de sua formação territorial.** Escala 1:1.500. Produção sob encomenda de Rayane Mara Cassaro de Carvalho. Vitória, 2021.

MOREIRA, Celina Januário. **História e memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante.** Vitória: Gráfica Ita, 2010.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p.154- 164, jul./dez. 2014.

NEMI, Ana Lúcia L.; MARTINS, João Carlos. **Didática de História: o tempo vivido: uma outra história?** São Paulo: FTD, 1996.

NEVES, Erivaldo F. História e região: tópicos de História Regional e Local. **Revista Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 1, n. 2, p. 25-36, abr./out. 2008.

PAIVA, Rafaela Molina de. **Pelos caminhos de Oblivion: representação e resistência da cultura caipira e o ensino de História.** 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

PERES, Marilen Fagundes; SCHIRMER, Janete; RITTER, Tatiane Souza. O ensino de História no Brasil: suas funções e implicações políticas e sociais – Séc. XIX até a atualidade. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, n. 3, v. 2, jul./dez. 2015.

RAUBER, Angela Maciel de Lima; MORAIS, Marisete de Mattos. História Local: uma nova cultura sendo construída na escola, por meio do seminário integrado. *In: ENCONTRO MISSIONÁRIO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM CULTURA (EMICult)*, 2., 2016, São Luiz Gonzaga. **Anais [...]**. São Luiz Gonzaga, 2016. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp->

<content/uploads/2016/10/HIST%C3%93RIA-LOCAL-UMA-NOVA-CULTURA-SENDO-CONSTRU%C3%8DDA-NA-ESCOLA-POR-MEIO-DO-SEMIN%C3%81RIO-INTEGRADO-2.pdf>. Acesso em: 5 maio 2021.

RIBEIRO, Luiz Cláudio M.; GONÇALVES, Alyne dos Santos. **Territorialidades e identidades capixabas**: guia para estudos transversais em História do Espírito Santo. Dados eletrônicos. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n.1, p. 7-16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução Maria Auxiliadora Schmidt. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Ano 4, n. 7, p. 27-36, out. 1992.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da História. Fundamentos da Ciência Histórica. Brasília: UnB, 2001.

SÁ, Patrícia Teixeira. **A socialização profissional de professores de História de duas gerações**: os anos de 1970 e de 2000. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SAMUEL, Raphael. Documentação: história local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SANTOS, Anderson Cunha. **Patrimônio cultural e história local**: a educação patrimonial como estratégia de reconhecimento e fortalecimento do sentimento de pertença à cidade de contagem. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. – CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (Org.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.187-198.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Aletícia Rocha da. **Educação patrimonial no ensino de História: a feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins**. 2018. Dissertação, (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

SILVA, Daniela Teles da. Educação no Brasil e o ensino de História. **Em tempos de História**, Brasília, n. 32, p. 132-147, jan./jul. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/emtempos.v0i32.14711>.

SILVA, Luis Carlos Borges dos Santos. A importância do estudo de História Regional e Local na educação básica. XXVII *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2013.

SIQUEIRA, Bianca Tamara de. A História Local na construção de identidades. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Brasil*, 30., 2019, Recife. **Anais[...]**. Recife: ANPUH: 2019.

SOUSA, Israel Soares de. **Educação Popular e ensino de História Local: cruzando conceitos e práticas**. 2015. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SUKOW, Niketa Mary. **História local como um pressuposto epistemológico da didática da história: um estudo a partir da perspectiva da educação histórica**. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

TAVARES, Daniel Rodrigues. **O ensino de História por meio da educação patrimonial na Ilha de Mosqueiro**. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Pará, *campus* universitário de Ananindeua, Ananindeua, Ananindeua, 2019.

TERRA, Emílio Caliman. **Desvendar, renovar do imigrante: tradição; memória; e projeto**. 2015. 207 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES NETO, Dilermando Pereira. **Cidade, história e memória: educação patrimonial em São Bento do Una – PE**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

UCHA, Leonardo Borghi. **Eu não sabia que o meu bairro tinha história: decolonizando a aula de história como memórias de um território na periferia de Porto Alegre**. 2020. 192 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de



Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

VARELA, Simone. Trajetória do ensino de História no Brasil. *In*: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA, 4.; ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, 4., 2014, Aracaju. **Anais eletrônicos** [...]. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE (Município). **Lei nº 867, de 30 de dezembro de 2009**. Dispõe sobre instituição do ensino da língua italiana na rede municipal de ensino e autorização para firmar convênio com a Associação de Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo e dá outras providências. Venda Nova do Imigrante, 2009. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/es/v/venda-nova-do-imigrante/lei-ordinaria/2009/86/867/lei-ordinaria-n-867-2009-dispoe-sobre-instituicao-do-ensino-da-lingua-italiana-na-rede-municipal-de-ensino-e-autorizacao-para-firmar-convenio-com-a-associacao-de-lingua-e-cultura-italiana-do-espirito-santo-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 24 jul. 2022.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE (Município). **Plano Municipal de Venda Nova do Imigrante**. Venda Nova do Imigrante, 2015.

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova do Imigrante: 100 anos da colonização italiana no sul do Espírito Santo**. Contagem: Fundação Mariana Resende da Costa, 1992.

### Fontes orais

BARBIERO, Maria Helena Mion. Experiências de ensino em História Local de Venda Nova do Imigrante [Entrevista cedida a] Rayane Mara Cassaro de Carvalho. Conceição do Castelo, 24 maio 2022.

CALIMAN, Rafaela Lopes. Experiências de ensino em História Local de Venda Nova do Imigrante [Entrevista cedida a] Rayane Mara Cassaro de Carvalho. Conceição do Castelo, 27 abr. 2022.

FERREIRA, Rodrigo Paste. Experiências de ensino em História Local de Venda Nova do Imigrante [Entrevista cedida a] Rayane Mara Cassaro de Carvalho. Conceição do Castelo, 14 abr. 2021.

PASTORI, Patrícia. Experiências de ensino em História Local de Venda Nova do Imigrante [Entrevista cedida a] Rayane Mara Cassaro de Carvalho. Conceição do Castelo, 7 abr. 2021.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA PATRÍCIA PASTORI

ENTREVISTA VIRTUAL REALIZADA NO DIA 07/04/2021 PELO *GOOGLE MEET*  
PROFESSORA: PATRICIA PASTORI

1. Sou Patrícia Pastori, nasci em Castelo/ES. Estou trabalhando com educação desde 2006, comecei trabalhando em Conceição do Castelo, depois Domingos Martins e, desde 2013, estou no estado, aqui em Venda Nova.

2. Formei em 2005 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre; meu curso é o curso de Licenciatura em História. Já falando um pouco sobre o tema da sua pesquisa, lá nós não tivemos História Local, apenas um semestre de História do Espírito Santo e pouco voltado para nossa região, na verdade muito pouco voltado, até porque a realidade de lá é bastante diferente da realidade de Venda Nova. Eu tenho cinco pós-graduações: História afro-brasileira e africana, Estudo profissional e técnico do IFES, História do Brasil, História do Espírito Santo e tenho uma na área de informática. A pós da História do Espírito Santo eu fiz na Unirio, interessante, né, mas na Unirio por um tempo eles tinham pós-graduações espalhadas pelo Brasil inteiro de histórias locais e regionais — bem interessante —. O conteúdo dessa pós foi abordado de forma geral, destacando o período colonial, história de povoação, a chegada dos imigrantes que mais focou e que mais tem a ver com a história de Venda Nova e os povos nativos.

3. Estudar sobre a história local é bastante importante. Quando eu trabalhei na Prefeitura de Domingos Martins, por exemplo, existia um projeto voltado para o fundamental II de Educação no Campo e, dentro disso, trabalhávamos a História Local, voltávamos a nossa prática para o contexto em que os alunos estavam inseridos. No ensino médio, nós não temos tempo hábil para trabalhar de forma mais pontual sobre História Local, então a gente acaba fazendo pequenas inserções; estamos trabalhando um contexto mais amplo, aí trazemos para o Espírito Santo e para a História Local, não dá para trabalhar e focar porque o nosso tempo é muito curto, né, e a gente acaba priorizando o que vai cair no Enem e nas provas e acaba deixando muito isso de lado — o que é um erro, mas de acordo com o tempo que a



gente tem é quase impossível de trabalhar. Mas, no ensino fundamental II principalmente, dá para trabalhar bastante, dá para trazer muita coisa, até porque eles têm uma aula a mais, então fica mais fácil fazer isso. No primeiro ano do ensino médio, eu foco mais na população indígena, nos nativos e é o que dá para trabalhar na verdade. No segundo ano, dá para focar em mais coisas. Eu trabalhei na região de Pedra Azul e a região era muito voltada para esse contato entre raízes e o dia a dia deles, então lá nós conseguimos fazer um trabalho bem interessante. Infelizmente depois o tempo ficou mais corrido para atender outras demandas.

4. Então, Venda Nova foca bastante na relação do contexto do imigrante italiano, então assim existem várias manifestações voltadas para essa imigração. Muitas vezes, a gente acaba apagando da nossa história outras manifestações, como a presença indígena, a presença negra, então assim, é importante trabalhar esse contexto até porque a maior parte da população realmente é descendente de italianos, é descendente desse imigrante, mas também é importante destacar a história do negro que veio para cá, acabou sendo escravizado e que acabou perdendo tudo quando os imigrantes vieram e acabaram recebendo as terras e os negros acabaram sendo apagados daquela época. Não dá para gente continuar essa ideia de apagar a população negra — a população escravizada africana — atrás de uma ideia, de um conceito de manter as tradições. É importante manter as tradições italianas, mas também falar sobre essas manifestações negras que eu acho bastante importante. Muitas vezes, os nossos alunos chegam com a ideia de que mesmo eles sendo descendentes de negros, da população escravizada — eles chegam com a ideia de que Venda Nova é uma terra dos imigrantes — então é importante a gente trabalhar esse acolhimento. Eu acho que a escola local tem papel bastante importante nisso, e o Fioravante já tem dado alguns passos em relação a isso; tem o trabalho que a Celina fez, tem o trabalho que vocês fizeram com o movimento dos desfiles, então eu acho que trazer isso é muito importante também. Trabalhar em conjunto é um desafio bem grande.

5. Temos pouco material na verdade voltado para a História Local, a maioria dos livros que foram produzidos não foram produzidos por historiadores, eles foram produzidos por pessoas que gostam da história e que mantêm essas tradições, mas nós não temos livros oficiais para isso, então temos que fazer um trabalho de coletar coisas,

como aprendemos na disciplina de Introdução dos estudos históricos, ir pegando fatos e ligando esses fatos, de combinar coisas. Então, eu uso alguns livros que tenho dessas pessoas, desses amantes da História, mas também tento comparar o que eles dizem com o que realmente aconteceu no resto do país, para ter uma compreensão maior sem uma romantização, porque muitas vezes quem não tem essa visão histórica da coisa acaba romantizando muito o passado — o que é normal, a gente compreende isso, mas temos que fazer um filtro. Então, eu uso esses livros, mas também pesquiso outros momentos, outros lugares, o que já foi produzido historicamente de outros lugares, que tem uma cultura parecida, para fazer uma comparação, porque senão a gente acaba transmitindo mais uma ideia romântica do que realmente aconteceu.

6. O primeiro ano, o conteúdo voltado para o primeiro ano a gente consegue fazer poucas relações na verdade — que é a turma que atualmente eu trabalho — então, o que eu faço; trabalhando a origem dos seres humanos, eu tento trazer para eles o que estava acontecendo aqui no Brasil, como foi o povoamento aqui, como a população ou os seres humanos chegaram aqui ao continente, e aí, dentro disso, a gente começa a trabalhar o que existia aqui antes da chegada dos europeus, e aí a gente trabalha sobre os indígenas, os povos nativos daqui da região. Apresento para os alunos que esses povos acabaram deixando herdeiros, muitos de nós somos ou temos alguma descendência desses povos e conto para eles algumas das minhas histórias pessoais, a minha relação e que há muito tempo atrás pessoas foram pegadas a laço para terem filhos — para surgir esses descendentes — então falo do que sabemos da população indígena e trago algumas informações sobre os povos que viviam aqui. Eu falo, por exemplo, sobre a Gruta do Limoeiro, que foi um importante espaço de preservação dessa população, falo sobre os fósseis que foram encontrados lá — infelizmente por conta da pandemia a gente não consegue ir lá levar os alunos —, mas eu faço esse contato. No ano passado, por exemplo, que trabalhei com o segundo ano, aí a gente já trabalha escravidão, sobre a chegada dos escravizados, sobre a imigração italiana que é bastante importante. A ideia é sempre encontrar uma forma de trazer, de falar, de combinar alguma coisa. O problema é que como eu falei, com o tempo, né, a gente não consegue focar e dar mais tempo para isso. Então normalmente essas aulas são muito rápidas, elas são comentários feitos dentro de outras aulas. Normalmente são aulas em que os alunos sentam e fazem atividades ou explicamos alguma coisa usando *datashow*. Nós temos muito pouco material prático da nossa história, da nossa

região, principalmente dessa época, então fica mais difícil. Mas, isso é muito importante para o aluno, para que o aluno se sinta também de Venda Nova. Muitas vezes, o aluno só se sente pertencente se ele faz parte daquelas famílias que desfilam na festa e, muitas vezes, ele acaba não se sentindo pertencente à cidade, ele acaba não tendo esse vínculo com a cidade; então ver que os povos que eles são descendentes vieram, chegaram aqui, que eles estavam aqui presentes mesmo antes da chegada dos imigrantes, isso traz para eles a ideia de pertencimento, e essa ideia de pertencimento é fundamental até para eles se envolverem no estudo da História, na compreensão de forma geral da História. Trabalhar História Local é um desafio muito grande, pois não temos material, não temos muito tempo. É desafiador.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODRIGO PASTE FERREIRA

ENTREVISTA VIRTUAL REALIZADA NO DIA 14/04/2021 PELO *GOOGLE MEET*  
PROFESSOR: RODRIGO PASTE FERREIRA

1. Me chamo Rodrigo Paste Ferreira, tenho 45 anos de idade, nasci em Afonso Cláudio/ES e trabalho com a Educação Básica desde 1996. Além da Educação Básica também ensino superior, especialização e pré-vestibular.

2. Fiz minha graduação em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais, minha especialização em História Moderna e contemporânea pelo Centro Universitário São Camilo, uma especialização de um ano e meio estudando presencial de sábado e domingo, fiz o meu mestrado em História Social das Relações Políticas pela UFES, fiz meu doutorado fora do Brasil e revalidei pela UFRJ; doutorado hoje revalidado pela UFRJ em História da Educação, mas trabalhando com a questão da Educação do Imigrante italiano. Minha dissertação do mestrado eu trabalhei a história da mulher Imigrante italiana que virou um livro, *A mulher Imigrante italiana na formação do núcleo colonial São Pedro de Venda Nova*. Além dele, eu tenho capítulos de livros também publicados e essa foi a minha pesquisa do mestrado sobre a participação da mulher Imigrante italiana na formação do núcleo colonial Venda Nova que antigamente era núcleo colonial São Pedro e depois São Pedro de Venda Nova por conta do Padroeiro São Pedro. No doutorado, continuei trabalhando com imigração, porém voltado para educação, a importância que os imigrantes e os descendentes de imigrantes italianos deram para a educação formal, educação sistemática, e como essa busca pela educação contribuiu no desenvolvimento do conhecimento de Venda Nova do Imigrante. Trabalhei essa questão da educação como precursora do desenvolvimento do município.

3. Quando falamos de História Local e História Regional, principalmente a História do Espírito Santo, percebemos que ela vivia nas sombras, porque se estuda História de todos os estados, de todas as regiões do Brasil, a história do mundo, e não estuda a História do seu município, do estado do Espírito Santo. Com base nisso que eu

comecei a desenvolver minha pesquisa de Mestrado antes de desenvolver minha pesquisa de doutorado, porque a gente conhece um pouco de tudo e não conhece nada do lugar onde a gente está inserida dentro da sociedade. Então, para mim, a grande importância da História Local e da História Regional é mostrar para o aluno, é mostrar para o morador e para o cidadão local ou da região que fazemos parte de um contexto local que está inserido dentro de um contexto muito maior, nacional, global, e que nós não estamos alheios ao que está acontecendo ao nosso redor, e nós somos frutos de um processo que não é exclusivo da nossa região. Dias atrás, eu assisti um documentário com a minha esposa sobre a história dos Imigrantes no sul do Brasil, o documentário aborda que a imigração no sul do Brasil foi muito diferente da imigração do Sudeste, porque a imigração do Sudeste o imigrante veio para trabalhar na lavoura de café, ele veio para ser mão de obra, e no sul veio para ocupar, até hoje nós encontramos essas afirmações, mas eles esquecem que o Espírito Santo é um caso à parte dentro do Sudeste. No processo de ocupação, o desenvolvimento do Espírito Santo com base na Imigração é completamente diferente de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, ele se assemelha demais à história do Sul do Brasil, de ocupação, de busca de ocupação da terra da labuta mesmo, da terra para produção agrícola e nas pequenas propriedades, da cultura que são características até hoje da região onde nós vivemos, Venda Nova, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Marechal, um pouco menos em Castelo porque em Castelo já tenho propriedades muito maiores, em Cachoeiro de Itapemirim, Afonso Cláudio, Brejetuba, mas, enfim, esquecemos isso e isso é muito importante mostrar para o aluno da região que a gente vive, que nós somos um caso diferente, mas estamos inseridos dentro de um contexto muito maior e que tem semelhanças mesmo vivendo aqui em Venda Nova ou em Conceição ou vivendo em Pedra Azul, nós temos semelhanças com pessoas que vivem no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná. Eu acho extremamente importante dar voz e mostrar essa história, só que é uma pena muito grande, pois o nosso currículo, o currículo de História, o currículo das Humanas vamos dizer assim, ele é extremamente extenso, se você pega na Educação Básica o ensino fundamental 2 são três aulas por ciclo e no médio, duas aulas, como é que você trabalha um currículo assustador que é o currículo de Humanas, vamos falar de História propriamente dito, como você vai trabalhar um currículo gigantesco como é o currículo de História com duas aulas semanais no ensino médio e ainda dá conta de História Regional, História Local? Então na medida do possível. eu trabalho como, eu tento fazer enxertos dentro

da História do Brasil, eu tento fazer enxerto dentro das temáticas que estou trabalhando. Se estou falando do século do Ouro, eu vou trabalhar História do Espírito Santo, eu vou trabalhar história local tentando inserir dentro do século do ouro para o aluno perceber que o ouro existia e inclusive ele nasce de uma área territorial que pertencia a capitania do Espírito Santo, o ouro ele não é encontrado em Minas Gerais ele é encontrado na capitania do Espírito Santo. Até mesmo as consequências do ouro para o Espírito Santo, o Espírito Santo fica proibido, negado de se desenvolver não pôde abrir estradas, não pôde explorar seu interior. Eu tento trabalhar a História Local e a História Regional fazendo esses enxertos dentro de uma História em âmbito nacional, vou trabalhar a imigração, mas o tempo é sempre muito escasso e muito curto. Além das aulas expositivas em sala, eu costumo sempre trabalhar com os meus alunos do terceiro ano, nós fazemos visitas técnicas durante 2 dias da semana. Trabalhamos durante o ano juntando dinheiro e recursos para fazermos uma visita técnica em uma região específica do Estado, visitamos Nova Almeida, Igreja dos Reis Magos, Santa Cruz do Rio Piraqueaçu, e as aldeias indígenas — mais especificamente Aldeia de Três Palmeiras dos tupis-guaranis —, também visitamos Regência, a foz do rio Doce e durante esse período de visita — uma visita multi e interdisciplinar porque eu levo sempre comigo Filosofia, Geografia, Biologia, Literatura, Arte —, trabalhamos mais profundamente a História do Espírito Santo durante essa visita técnica, e quando retornamos, trabalhamos dentro do *campus* com debates, discussões, memórias, lembranças da visita, dos momentos que nós vivemos. Então eu acho de extrema importância trabalhar, temos que trabalhar e encontrar formas de trabalhar. Temos tempo para isso? O tempo é escasso demais, mas conseguimos, tem que ser trabalhado, tem que dar cara do nosso estado, do nosso município para os nossos alunos. Buscamos conhecer o Brasil inteiro e, às vezes, nós não conhecemos o lugar em que a gente vive. O Espírito Santo é lindo, o Espírito Santo é maravilhoso, o Espírito Santo tem muita história e a gente desconhece a riqueza do nosso estado.

4. Nós precisamos tirar o chapéu para Venda Nova do Imigrante, eles respiram questões culturais às vezes de forma exagerada. A Casa da Cultura têm um acervo gigantesco sobre a história do município; sobre a história do Imigrante, você tem em Venda Nova do Imigrante o Vice-Consulado da Itália dentro da Casa da Cultura; também tem Afepol — Associação da Festa da Polenta — que eles fazem questão de

estarem sempre fazendo toda uma reconstrução histórica da saga dos imigrantes, dos primeiros habitantes, dos ocupantes de Venda Nova do Imigrante. Uma manifestação cultural lindíssima mais recente do que a Festa da Polenta, mas já é uma tradição, a serenata italiana, eu pude participar de algumas onde você pode reviver a cultura do italiano. Também todo o movimento de cooperativismo e voluntariado, isso para mim é uma coisa linda. Venda Nova dentro do Brasil é um exemplo do movimento de voluntariado não só para a Festa da Polenta, mas escolas que são cooperativas, têm a cooperativa de café, cooperativa de leite, Venda Nova consegue uma coisa muito interessante que também é uma manifestação cultural, conseguiu a identificação geográfica do socol, quer dizer agora o mundo não pode mais produzir e colocar no mercado o produto com o nome socol porque o termo “socol” só existe para uma área específica de Venda Nova; é um produto que veio com o imigrante, foi adaptado e foi desenvolvido nessa região, é uma marca registrada de Venda Nova. Então as manifestações culturais dentro de Venda Nova são gigantes, Venda Nova tinha um movimento de teatro muito forte até um tempo atrás e agora com a pandemia esfriou, mas a Dete era muito ativa na questão teatral de Venda Nova do Imigrante, bandas músicas e outras coisas mais. Eu acho que Venda Nova tem muito a inspirar para que se ensine para muita gente de forma positiva.

5. Para mim já fica um pouco mais fácil porque eu pesquiso e trabalho Venda Nova desde 2005, quando comecei o meu mestrado. Então fui garimpando material desde 2005 e continuei com meu doutorado, então lá se vão 15 anos trabalhando, produzindo e guardando, está aqui a minha biblioteca onde eu tenho de tudo um pouco sobre a história de Venda Nova. Quando comecei era muito mais difícil porque essa coisa da internet era tudo muito novo, meu passatempo favorito era Arquivo Público Estadual, eu ia para o arquivo público na cidade alta de Vitória fazer pesquisa, eu ia para Casa da Cultura em Venda Nova, era livro, na internet você encontrava, mas não era tanta coisa principalmente sobre a mulher Imigrante italiana que você quase não encontrava nada, então eu tinha que sair pegando e pensando autores e autores e mais autores para encontrar o que eu precisava. Hoje, para mim, ficou muito mais fácil porque eu já tenho acesso, já tenho o conhecimento mais aprofundado, mas tive que buscar muito na História Oral. Eu fiz dezenas e dezenas de entrevistas com os nonos e nonas de Venda Nova do Imigrante para saber um pouco da história deles e da minha avó, minha falecida avó Nicks, Deus a tenha em bom lugar. Ela para mim era

uma biblioteca ambulante, ela ia contando e eu ia traçando um caminho que eu queria seguir com a pesquisa, e eu fui pesquisando através disso e hoje para mim acabou ficando fácil por isso, porque, além das fontes orais que eu pesquisei, as entrevistas que eu fiz, tem os materiais que produzi, tem alguns bons artigos produzidos, capítulos de livros, livros publicados. Para trabalhar a história de Venda Nova, eu trabalho em cima desse conhecimento que eu já tenho, desses materiais que eu já tenho há algum tempo. O que me despertou a vontade de pesquisar sobre as mulheres foi a minha avó, porque minha avó contava a história da vida dela e eu não consegui acreditar. Quando ela começou a contar para mim, eu achava que era lorota, que não tinha cabimento uma criança de 8 anos de idade assumir a cozinha da casa para o pai e os irmãos poderem ir para roça trabalhar, e ela contava isso e eu falava como uma criança com 8, 9 anos de idade começar a cozinhar para o pai, a mãe e os irmãos irem para a roça trabalhar, e quando você vai para o campo pesquisar você descobre que não era lorota, era verdade. Minha avó contava que acordava 3, 4 horas da manhã para fazer o almoço, para fazer um café, e quantos homens vinham levantando e se arrumando fazia todo o serviço da casa e depois ainda ia para a roça trabalhar com meu avô, trabalhando pegando café, trabalhando com feijão. Eu lembro até hoje, ela contando que o pior serviço que tinha era virar tabuleiro de arroz, porque o arroz era plantado na lama e você tinha que bater um enxadão e ir virando, e ela falava que o pior serviço que tinha para ela era aquilo porque era muito pesado, e ela falando que trabalhava junto com meu avô na roça. Ela ia para roça levando os panelon com comida e panelas de ferro, chegava na roça e trabalhava o dia inteiro. Tem uma fala dela que eu nunca esqueço, ela dizia que não existe viagem perdida, quando ela ia para roça ela ia com as mãos cheias, trabalhava o dia inteiro na roça e quando voltava, voltava com as mãos cheias ou era um cacho de banana, ou era um balaio de abóbora, balaio de chuchu, ou era madeira/lenha para colocar no fogão, ou era milho, ou era criança pendurada de um lado. Ela contava que quando chegava em casa tinha que dar conta da janta, do filho, do marido, dos bichos, do leite, do queijo, da horta, do porco, e eu pensava, "Jesus espera lá, a senhora é uma mulher ou quantas?" E aí eu pensei que precisava descobrir isso porque a gente fica assustado de saber, por isso eu sempre dizia que meu principal objetivo do mestrado foi tirar a mulher da sombra. Ela vivia no privado, e não no público, o público era para o homem, o privado para mulher, mas dentro desse privado essa mulher ela era a mola basilar para o progresso e a prosperidade da família inteira, e da sociedade de Venda Nova



inteira, então eu não aceitava aquela coisa. Essa lavoura foi o meu avô, que formou essa estrada foi o meu avô, que ajudou essa igreja foi meu avô, que ajudou e a sua vó não fazia nada? Ficava dentro de casa dormindo o dia inteiro? Então eu não aceitava isso. O reconhecimento da mulher era, e na minha opinião é, até hoje, muito pouco, e eu quis dar voz a elas, quis dar voz a essas mulheres, e eu fui atrás e consegui graças a Deus. Com relação aos negros, o nosso campo do Ifes ele tem um núcleo Neabi de estudo afro-brasileiro e indígena, que trabalha exatamente com essa questão do negro e do indígena, e dentro de Venda Nova nós temos alguns trabalhos desenvolvidos e realizados. Eu particularmente nunca trabalhei como a questão do negro em Venda Nova, na minha especialização, o tema da minha monografia na época foi sobre a mulher negra e o porquê dela nunca aparecer nos livros didáticos, a pesquisa analisava a imagem da mulher negra que, quando aparecia nos livros didáticos, ou era para ser um objeto sexual do homem, ou ela aparecia como ama de leite, ou ela parecia como uma figura sem voz neutra, então na época da minha especialização eu trabalhei com a mulher negra e o porquê dessa visão tão estereotipada, tão degradante da mulher escrava negra na historiografia. Em Venda Nova, nunca trabalhei, mas nós temos em Venda Nova a Celina que é uma referência, ela tem o livro e hoje é membro também do Neabi, do nosso núcleo de estudo, e eu acho que as pessoas pesquisam quando elas demonstram interesse pela coisa e uma vez que você começa uma pesquisa, eu particularmente estou falando por mim, você continua a linha, você não vai ficar mudando, então eu comecei com a mulher negra na especialização, mas depois minha avó me inspirou a estudar a mulher italiana, e eu comecei no mestrado e continuei no doutorado, e eu fui seguindo essa linha, então não pesquiso mulher negra agora por que sigo a linha da imigração, comodismo ou conformismo, às vezes, nós não queremos sair da zona de conforto, mas eu estou dizendo isso porque as pessoas têm essa tendência a pesquisar aquilo que lhe desperta interesse. A história da minha avó me despertou interesse sobre a mulher imigrante italiana, e eu fui atrás disso, talvez se eu tivesse tido uma conversa dessa com uma mulher negra eu talvez teria pesquisado sobre a mulher negra, mas aí entra o ponto que eu queria chegar, talvez falta interesse, também a dificuldade de encontrar material, a dificuldade de dar credibilidade para pesquisa por falta de material. Isso tudo dificulta muito em uma pesquisa, se você não tem fontes você vai ficar parado, vai ficar repetindo o resto da vida sempre a mesma coisa, é muito trabalhoso. Pesquisar no Brasil hoje é trabalhoso, pesquisar no Brasil hoje é difícil,

falta reconhecimento para você fazer pesquisa, falta tempo, falta tudo para gente, e você corre o risco de fazer uma pesquisa e ouvir como eu ouvi: Para quê que você pesquisou isso? Vai mudar o quê? Não vai mudar nada! Vai continuar tudo do mesmo jeito. Então essa lacuna sobre essa questão do negro é uma ótima pergunta para que venha e apareça mais coisas sobre Venda Nova, porque com certeza material, se pesquisar, e procurar consegue encontrar e produzir, mas tem todo o seu trabalho e a sua dificuldade.

6. Quando eu trabalho Segundo Reinado e Primeira República, eu obviamente vou trabalhar imigração, é impossível eu trabalhar imigração e não falar de Venda Nova, é ali que eu estarei inserindo a história de Venda Nova, vou pegando esses recortes e vou fazendo esses enxertos. Para isso, eu uso a própria questão da Festa da Polenta, eu uso a questão da serenata, da cantarola, eu uso questões específicas de Venda Nova, eu uso acontecimentos do município para poder fazer os ganchos com os temas que eu quero. Eu tento pegar coisas do município e inserir dentro do cenário nacional, mostrando a importância de como isso pode ser ou não construído ou desconstruído. Para mim, acaba ficando um pouco mais fácil, querendo ou não as pessoas me olham e sabem que eu tenho alguma coisa boa ou ruim, concorda ou não concordo, mas eu tenho alguma coisa escrita sobre Venda Nova, eu fiz pesquisa sobre Venda Nova, meu mestrado, meu doutorado é sobre Venda Nova. Então eu tenho que mostrar exatamente isso para os meus alunos, a importância com base no meu conhecimento, com base nos meus estudos, e para eles entenderem que a gente, mesmo estando na roça, temos uma responsabilidade com o que tá acontecendo lá fora. Nós somos um micro, mas um micro que, somado aos outros, vai fazer tudo, então até mesmo questões políticas que envolvem política e questões sociais você tem que pegar a realidade local e tentar levar para o âmbito nacional, para o mundial, então em cima disso que eu tenho que trabalhar e tento buscar, mas sempre com muito cuidado principalmente nos tempos de hoje, porque nos dias de hoje eu sinceramente não falo mais sobre política com os meus alunos, só falo estritamente o essencial, porque tudo vira motivo de dedo apontado, de palavra de ordem. A questão política hoje virou uma doença na nossa sociedade, não estou dizendo pelo lado A ou pelo lado B, estou dizendo como tudo, tudo hoje no Brasil virar politicagem, tudo, então você falar para um público, no meu caso não apenas de Venda Nova, porque o Ifes atende 12 municípios — Castelo, Venda Nova do Imigrante, Brejetuba, Afonso

Cláudio, Domingos Martins. Somos mais fortes dentro do *campus*, então assim quando eu falo, eu tento mostrar a realidade deles, eu uso Venda Nova como modelo para mostrar a diferença da ocupação de Venda Nova para ocupação de Brejetuba, a diferença dos dados da renda *per capita* de Venda Nova e a renda *per capita* de Brejetuba, o índice de escolaridade de Venda Nova e o índice de escolaridade de Afonso Cláudio, a base econômica de Venda Nova e a base econômica de Castelo, então eu tento sempre fazer essas relações para perceber as diferenças. Com Conceição e Venda Nova tenho que ter mais cuidado para não parecer que sou tendencioso ou coisa parecida. As metodologias são aulas de campo, debate, trabalho com filmes, trabalhos interdisciplinares. O Ifes tem semanas de mostras científicas, semana cultural, o próprio núcleo Neabi também trabalhando as questões das diversidades em todas as suas facetas dentro do Brasil, do Espírito Santo e de Venda Nova. Eu faço sempre questão de trabalhar com primeiro ano, segundo ano e terceiro ano, as turmas que eu pego no primeiro ano eu vou com elas até o terceiro ano, eu não troco de turma.

## **APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA RAFAELA LOPES CALIMAN**

ENTREVISTA VIRTUAL REALIZADA NO DIA 27/04/2022 PELO GOOGLE MEET  
PROFESSOR: RAFAELA LOPES CALIMAN

1. Sou Rafaela Lopes Caliman, nasci em Castelo/ES e atuo na educação há 23 anos.
2. Minha primeira graduação foi em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais no ano de 1999. Em 2006. fiz uma complementação em geografia pela São Camilo e agora estou cursando pedagogia. Sou pós-graduada em História e Cultura afro-brasileira, História do Brasil e História do Espírito Santo. Entretanto, a pós do Espírito Santo não me ajuda e não ajudou com as temáticas locais e regionais, pois a História do Espírito Santo é pouco explorada e as informações didáticas para os professores são mínimas. Os nossos livros não contemplam a regionalização e, quando contemplam, abordam capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, nós, nossos livros de História quase não tem e não tenho nenhum curso de Espírito Santo que me deixa preparada para falar sobre. O que eu mais sei são pesquisas pessoais, com autores locais, como José Coco, por exemplo.
3. Eu penso que nós não conseguimos mudar o mundo se não conseguimos arrumar primeiro a nossa cama. Então, dentro da história da humanidade, eu sempre tento buscar pelo entendimento de onde eu estou e também dentro do contexto do Brasil, eu gosto de inserir a história da minha região, por exemplo ao falar de integralismo, Primeira Guerra, Segunda Guerra Mundial, eu gosto de abordar a História Local, lembrando quem são as personalidades do Brasil que foram lutar na guerra e principalmente da nossa região, ressaltando também o Museu das Grandes Guerras de Afonso Cláudio. Eu gosto de trabalhar com o entendimento que quando conseguimos compreender o próximo, o aluno consegue colocar mais sentido na História, pois se aproxima dele, da realidade dele. Sempre tive a prática de trabalhar a História Local com a finalidade de aproximar o aluno da sua história, como por exemplo o rio Itapemirim, citar as mercadorias que chegavam por ali para abastecer os tropeiros da nossa região, falar também do monumento dos tropeiros em Ibatiba. Tudo isso aproxima o aluno da História, porém não é fácil, pois não temos muitas fontes. Ao falar da diversidade brasileira, por que não começar pela nossa? Eu tenho

visto uma mudança no currículo, apesar de o ensino médio público não ter História e Geografia no primeiro ano, a escola particular continua com essas disciplinas normalmente. No itinerário de História, no primeiro capítulo, abordamos a formação dos estados, e a todo momento destacamos a formação do nosso estado.

4. Começando por Venda Nova do Imigrante, temos as manifestações que envolvem a Festa da Polenta, plantio do milho, serenata italiana, são muito vivas essas manifestações. Destacar também a Gruta do Limoeiro, que é um dos principais sítios arqueológicos do Espírito Santo, se não o principal em termos de descobertas de 5 mil anos atrás. Conceição do Castelo atualmente começou a resgatar e valorizar os movimentos portugueses que durante muito tempo ficaram adormecidos, deram início a festa Portugália, junção de tradições portuguesas e italianas. Também destaco a religiosidade que é muito forte na nossa região, com destaque para o memorial do Frei Alaor dos Santos, que traz tanta gente para Conceição, que vem de todos os estados brasileiros. O papel da religiosidade está ligado à formação dos municípios, principalmente a Igreja Católica, pois a intolerância religiosa é muito forte na região. Mas ao analisar Conceição do Castelo, o candomblé e o espiritismo eram muito fortes na figura do João Vicente também.

5. É muito difícil fontes e materiais, eu busco nos autores locais como Máximo e Falchetto, além da oralidade, pois os materiais do Espírito Santo trabalham de forma geral, não tem destaque para o local. Os alunos, ao buscarem informações locais, chegam ao *site* da prefeitura, é o lugar mais acessível para eles. Ao falar da história de Venda Nova do Imigrante eu sempre busco os autores locais e alguém da comunidade para falar sobre a história. Ao falar, por exemplo, de Juscelino Kubitschek, estou falando de um dos maiores incentivadores das construções das BR, pois ele investiu em automóveis, é importante destacar a nossa BR262 nesse contexto, foi ótima para o avanço de Venda Nova do Imigrante. Qual o papel transformador de uma BR? Na maioria das vezes, nós trabalhamos engessados, pois o sistema nos cobra.

6. O professor de História tem um grande desafio, que é trabalhar tudo aquilo que o currículo pede e pensar em como trabalhar, para transformar o conteúdo em algo prazeroso, pois o meu material não aborda minha região e se eu paro para fazer esse *link* para a realidade do aluno eu não consigo dar conta do currículo. Porém, na escola

particular eu posso conseguir mais aulas se eu quiser trabalhar um projeto da minha cidade, por exemplo, mas como é feito isso na pública? É difícil. Como trabalhar identidades sem ter lacunas para isso? Além das fontes, o tempo não permite trabalhar algo que sabemos ser importante. Eu penso que todos os conteúdos que trabalhamos na História nós conseguimos fazer um *link* com a realidade do aluno, claro, dentro do tempo histórico. Ao trabalhar Idade Média tem como abordar o que estava acontecendo aqui na América e no Espírito Santo, nesse caso os indígenas e utilizar de fonte a Gruta do Limoeiro. Na ditadura de Getúlio Vargas, como nossa região sentiu esse governo, como era a realidade das famílias com o rádio e as fotografias dos presidentes nas paredes, e até mesmo o nome das ruas que foram dadas em homenagem a esses homens? Qual era o governador do Espírito Santo nessa época? É possível dentro da história trabalhar todos os conteúdos, mesmo Venda Nova do Imigrante sendo uma cidade tão nova, conseguimos abordar a história desde a capitania. Com relação à metodologia, eu faço de várias formas, utilizo livros locais durante as aulas e também gosto muito de projeto, apesar de não ter tempo mais para esse tipo de trabalho. Na maior parte do tempo, trabalho apenas com *links*, indicando leituras e trabalhando oralmente. Quando trabalhamos a História Local, damos significado para o aluno, ele entende que faz parte da História e que ela é viva.

## **APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA HELENA MION BARBIERO**

ENTREVISTA VIRTUAL REALIZADA NO DIA 24/05/2022 PELO GOOGLE MEET  
PROFESSOR: MARIA HELENA MION BARBIERO

1. Meu nome é Maria Helena Mion Barbiero, sou da cidade de Castelo/ES e trabalho como professora desde 1991, sempre trabalhei com ensino médio e cursinho pré-vestibular. Trabalho na escola Fundação desde 2010. Fui professora efetiva do estado, porém optei por continuar apenas no setor privado.

2. Sou formada em licenciatura plena pela Universidade Madre Gertrudes de São José, atual São Camilo em Cachoeiro de Itapemirim. Tenho pós-graduação em História Social Geral realizada na cidade de Vassouras/RJ. Não tenho nenhum curso da História do Espírito Santo, porém, no início da atuação como professora de pré-vestibular, época em que a Ufes cobrava a temática nos vestibulares, isso nos obrigou a fazer uma série de pesquisas para poder buscar as informações para os nossos alunos e foi muito difícil, pois não tínhamos uma literatura extensa voltada para o estudante de pré-vestibular ou algo cronológico, então fomos garimpando as informações. Nesse cenário, um professor de Cachoeiro, José Schayder, escreveu um livro sobre a História do Espírito, voltado para quem estava estudando a temática. Eu também acabei escrevendo um livro da História de Castelo, que envolve toda região, desde a História Geral, História do Brasil, História do Espírito Santo e de Castelo.

3. O aluno, às vezes, não consegue ver o quanto a história geral interfere na vida dele, no local em que ele está, por isso toda atividade, todo assunto que posso falar sobre a influência da História no Espírito Santo e em nossa região eu destaco, e acho uma obrigação do professor de História. Quando falamos das grandes navegações, dos jesuítas, como isso interfere na nossa História em Venda Nova do Imigrante, Castelo. E podemos destacar as missões jesuíticas em nossa região, como não se tem muitos registros acerca do negro, nem antes e pós-abolição. Estava trabalhando integralismo com os alunos e destaquei que 99% da população de Venda Nova era integralista, inclusive houve conflito com a família Perim que não era integralista. Aproximar a

História para a história deles faz com que eles compreendam que a História não é desconectada e ela tem relação. É fundamental fazer o aluno entender que a História faz sentido. É fundamental para reforçar a identidade, mostra como a História não é somente para sala de aula, mas para a comunidade.

4. Venda Nova do Imigrante ainda é uma comunidade, que, devido à forma de colonização, a cultura italiana ainda está muito impregnada. Conceição do Castelo foi um aldeamento de nativos, teve presença também dos portugueses, já Venda Nova foi um reduto de italianos, por isso a manifestação do imigrante italiano é muito forte. Já em Castelo tem uma abrangência maior por conta da presença do nativo, dos jesuítas; a exploração do ouro, a manifestação negra também é muito maior que em Venda Nova do Imigrante. Quando levamos o aluno a conhecer a Gruta do Limoeiro e ele entende que a pré-história não foi apenas na História Geral, ela foi aqui na nossa região também. Quando falamos da Fazenda do Centro, não podemos falar apenas como uma fazenda de produção de café, mas, antes disso, o local onde tivemos missões jesuíticas, de catequização dos nativos, da exploração do ouro clandestino e autorizada com a presença dos bandeirantes. Observamos então que as manifestações envolvendo o indígena e outros povos estão mais presentes em Castelo, apesar de Venda Nova ter tido uma colonização muito específica do imigrante italiano, toda região pertencia ao Alto Castelo. Apesar da bibliografia ser muito restrita, precisamos ir em busca de fontes, como nas obras raras da Ufes ou no livro-tombo em Anchieta, é possível encontrar muita coisa, porém muito do garimpar informação. Nós não temos registros dos negros, por exemplo, mesmo após a abolição, pois não se existia documentação relativa a ele. A tradição oral foi se perdendo à medida que as pessoas foram morrendo, não é fácil fazer essas buscas.

5. Faço questão de contextualizar o que estava acontecendo aqui, enquanto lá fora estava passando por determinada situação. Não dá para falar do processo de imigração sem falar como essa imigração foi forte no sul do Espírito Santo e como contribuiu para a construção de Venda Nova do Imigrante, porém falar do outro lado sem citar as famílias dos imigrantes é muito difícil. Mas, além da imigração, precisamos buscar por outras informações e o que temos são vestígios do jesuítas e alguns trabalhos arqueológicos já realizados.



6. Gosto de garimpar informações, então, além dos meus resumos, faço questão da pesquisa, que eles busquem, principalmente com pessoas mais velhas da família e isso vai se perdendo. Com o integralismo, por exemplo, eu passo documentário sobre a região e gosto que eles busquem registros na família, como álbum de fotografias. Algumas vezes pego partes do meu livro para eles entenderem como era a região, mas as informações são bem restritas. A presença do jesuíta é importantíssima de ser destacada, pois as missões de Monte Castelo eram interiores, diferentes das litorâneas, que sempre são destacadas no Espírito Santo; importante destacar também que os Puris Coroados foram bem específicos da nossa região.

**ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente termo, eu, \_\_\_\_\_, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada virtualmente pelo *Google Meet*, no dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, para o mestrando em Educação. Essa autorização inclui a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo. Pela presente cessão, autorizo o uso integral ou parcial, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisadora/mestranda Rayane Mara Cassaro de Carvalho, junto ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Venda Nova do Imigrante, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura e CPF